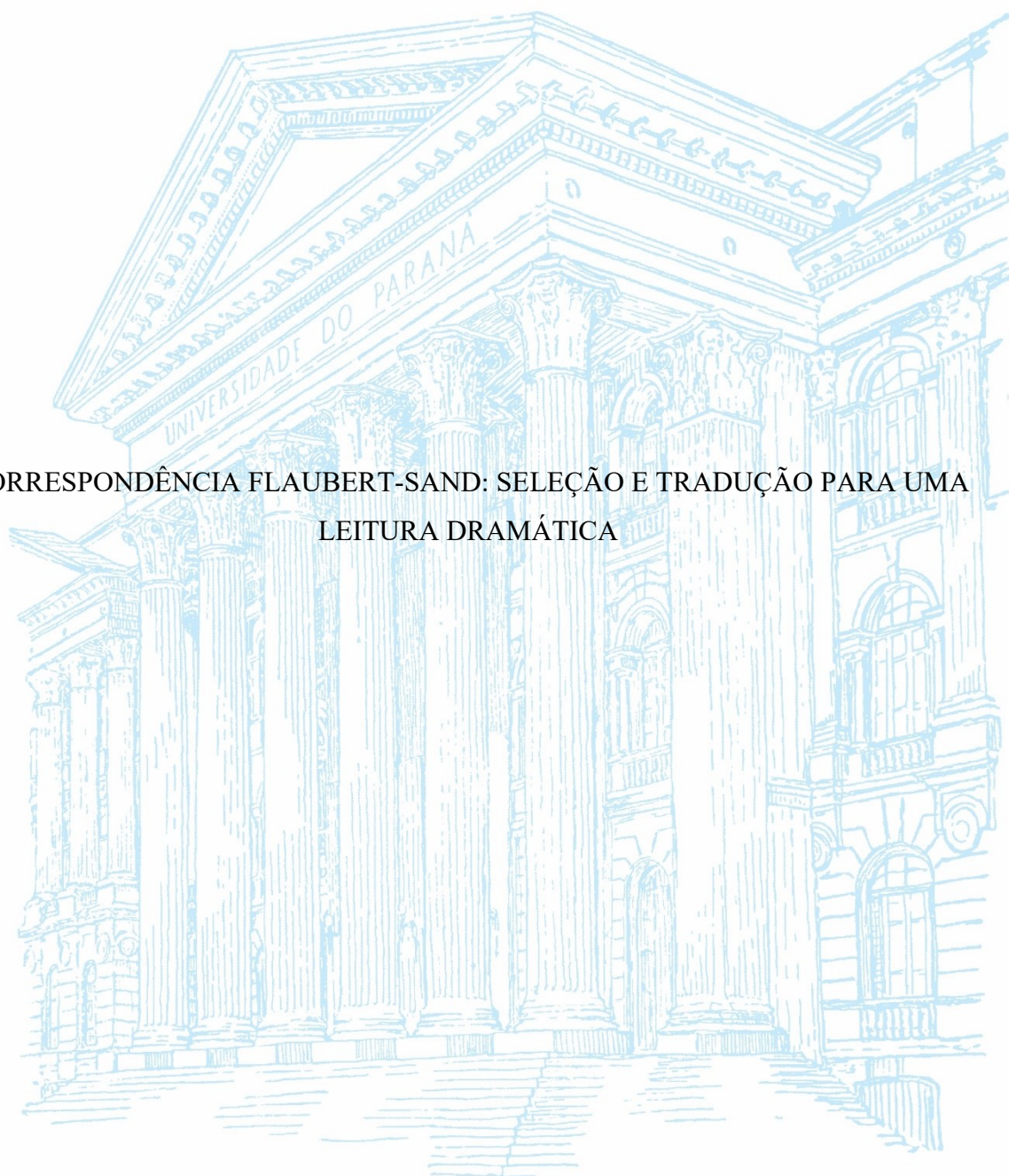


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LILIANE MENDONÇA DUARTE

CORRESPONDÊNCIA FLAUBERT-SAND: SELEÇÃO E TRADUÇÃO PARA UMA
LEITURA DRAMÁTICA



CURITIBA

2021

LILIANE MENDONÇA DUARTE

CORRESPONDÊNCIA FLAUBERT-SAND: SELEÇÃO E TRADUÇÃO PARA UMA
LEITURA DRAMÁTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos Literários, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Mendonça Cardozo

CURITIBA

2021

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Duarte, Liliane Mendonça

Correspondência Flaubert-Sand: seleção e tradução para
leitura dramática. / Liliane Mendonça Duarte. – Curitiba, 2022.
102 f. 1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação em Letras) – Universidade Federal do
Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação
em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Mendonça Cardozo.

1. Flaubert, Gustave, 1821-1880 - Correspondência. 2. Sand,
George, 1804-1876 - Correspondência. 3. Teatro (Literatura) –
Séc. XIX. I. Cardozo, Mauricio, 1971-. II. Universidade Federal do
Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **LILIANE MENDONÇA DUARTE** intitulada: **CORRESPONDÊNCIA FLAUBERT-SAND: SELEÇÃO E TRADUÇÃO PARA UMA LEITURA DRAMÁTICA**, sob orientação do Prof. Dr. **MAURICIO MENDONÇA CARDOZO**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 30 de Agosto de 2022.

Assinatura Eletrônica

30/08/2022 16:43:41.0

MAURICIO MENDONÇA CARDOZO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

31/08/2022 19:09:19.0

RODRIGO SILVA IELPO

Avaliador Externo (55002360)

Assinatura Eletrônica

30/08/2022 16:18:18.0

SANDRA MARA STROPARO

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico este trabalho de pesquisa a minha querida amiga e comadre Lucinete, *trop têt disparue*, por me ensinar com sua morte precoce a continuar mergulhando em tudo o que acredito, e por também me fazer refletir sobre o valor da vida.

(Lucinete da Cruz Silva 28/09/1972 — 03/06/2022)

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial a minha mãe, Tereza Mendonça, que sempre diz em família que desde os 3 anos de idade eu já era professora.

À minha amiga Heloísa Costa, por nossa amizade, por me apoiar neste projeto e por nossas conversas que me ajudam a compreender melhor a mim mesma.

À minha amiga Aline Lamour Viana, pela amizade e pelos livros que sempre trouxe para mim da França, onde mora, facilitando meu acesso a boa parte das informações que adquiri para este estudo.

Agradeço a todos os meus amigos pelo apoio que tenho deles normalmente em todas as escolhas que faço. Pessoas que convivem com minhas constantes mudanças sem se impor nem cobrar demais, me dando apenas suporte emocional para realizar meus projetos.

Às minhas novas amigas que conheci na pós-graduação, em especial a Luna Eluise de Mello e Valeria Evencio de Carvalho, pela presença durante a pandemia, ainda que na maior parte do tempo virtual, pelo apoio e pelas conversas sobre tudo.

Às professoras Nathalie Dessartre, Viviane Pereira e Lúcia Peixoto Cherem por acreditarem em minha capacidade para fazer esta pesquisa e me ajudarem de tão boa vontade toda vez que preciso esclarecer dúvidas linguísticas relacionadas à tradução do francês para o português.

Aos professores Sandra Mara Stroparo e Rodrigo Ielpo por comporem a banca de qualificação e de defesa deste trabalho e me apontarem caminhos que o enriqueceram.

Ao prof. Dr. Maurício Mendonça Cardozo, por vários motivos, como ter aceitado me orientar no desafio de escrever este estudo transmitindo para mim durante a jornada, segurança, conhecimento e principalmente acolhimento.

À atriz e diretora teatral Ângela Barros e aos artistas que junto com ela acreditaram no potencial dramático daquilo que é proposto nesta pesquisa a ponto de o realizarem profissionalmente como peça teatral.

À CAPES, pela bolsa concedida que possibilitou este trabalho de pesquisa, mas também por sempre apoiar a pesquisa.

“Seria necessário encontrar a relação e a concordância entre suas verdades da razão e minhas verdades do sentimento”.

G. SAND a G. FLAUBERT — em 10/10/1871

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma seleção de cartas da correspondência trocada entre Gustave Flaubert e George Sand, escritores franceses do século XIX, bem como a tradução das cartas selecionadas com vistas a uma leitura dramática do conjunto. Para esta seleção foram escolhidas cartas que contemplam alguns eixos temáticos da correspondência, que dizem respeito não só à discussão dos dois escritores sobre literatura e teatro, ainda que estes talvez possam ser considerados temas mais centrais, mas também sobre temas como, por exemplo, a amizade entre eles, os "tormentos do estilo", de Flaubert, a forma como os escritores se relacionavam com a natureza, além da homenagem que cada um fez ao outro dedicando Flaubert um conto a Sand, e Sand a Flaubert, um romance.

Palavras-chave: George Sand. Gustave Flaubert. Correspondência. Teatro.

ABSTRACT

This work focuses on a selection of letters from the correspondence exchanged between Gustave Flaubert and George Sand, French writers of the 19th century, considering the translation of the selected letters with a view to a dramatic reading of the set. For this selection, the letters were chosen by the contemplation of some thematic segment of the correspondence, which concern not only the discussion of the two writers on literature and theater, although these may perhaps be considered main themes, but also on subjects such as, for example, friendship among them, Flaubert's "torments of style", the way they related to nature, and the homage each paid to the other by dedicating Flaubert a short story to Sand, and Sand to Flaubert, a novel.

Keywords: Georg Sand. Gustave Flaubert. Correspondence. Theater.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 CORRESPONDÊNCIA ENTRE GUSTAVE FLAUBERT E GEORGE SAND.....	15
1.1 OS DOIS AUTORES.....	15
1.1.1 GEORGE SAND.....	16
1.1.2 GUSTAVE FLAUBERT.....	18
1.2 DESCRIÇÃO DO CORPUS QUE CONSTITUI A CORRESPONDÊNCIA FLAUBERT-SAND.....	21
1.2.1 LUGARES DA CORRESPONDÊNCIA.....	22
1.2.1.1 OS JANTARES NO RESTAURANTE MAGNY.....	23
1.2.1.2 OS TEATROS.....	22
1.2.1.3 AS CIDADES.....	25
1.2.1.4 OS COMÉRCIOS.....	28
1.2.1.5 AS CASAS EM QUE VIVERAM.....	29
1.2.2 TEMAS DA CORRESPONDÊNCIA.....	31
1.2.2.1 A AMIZADE NA CORRESPONDÊNCIA.....	31
1.2.2.2 TORMENTOS DO ESTILO.....	36
1.2.2.3 AS RELAÇÕES COM A NATUREZA.....	39
1.2.2.4 A PRODUÇÃO TEATRAL.....	43
1.2.2.5 A ESCRITA LITERÁRIA.....	48
1.2.2.6 ROMANCE DEDICADO A FLAUBERT – CONTO DEDICADO A SAND.....	52
2 FLAUBERT E SAND: UMA RELAÇÃO EM CONSTRUÇÃO.....	56
3 SELEÇÃO E TRADUÇÃO DE EXCERTOS PARA UMA LEITURA DRAMÁTICA.....	72
3.1 SOBRE A SELEÇÃO DAS CARTAS E DOS EXCERTOS.....	72
3.2 SOBRE A TRADUÇÃO DOS EXCERTOS COM VISTAS A UMA LEITURA DRAMÁTICA.....	73
3.3 A ORGANIZAÇÃO DRAMÁTICA.....	74
3.4 APRESENTAÇÃO E COMENTÁRIO DOS EXCERTOS TRADUZIDOS.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS.....	91
APÊNDICE A - EXCERTOS DAS CARTAS ORIGINAIS.....	94

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo a seleção e tradução de cartas da correspondência trocada entre Gustave Flaubert e George Sand, escritores franceses do século XIX. Após a seleção e a tradução das cartas, destas escolheremos excertos para que futuramente seja feita uma leitura dramática dos mesmos.

A correspondência é o objeto deste estudo, como veremos, por ser uma forma de registro das opiniões e visões dos dois amigos, além de constituir material riquíssimo, representado pela variedade de temas discutidos em suas conversas epistolares, chegando, acreditamos, a ser um importante espaço de reflexão e debate literário para os dois epistológrafos, que deliberavam principalmente sobre suas diferenças teóricas. E ainda que discordem até o fim da correspondência, um das concepções literárias do outro, apoiam-se mutuamente no que diz respeito à forma com que cada um conduz essa mesma escrita literária. Em nosso estudo, mesclaremos o debate literário, como o faz a própria correspondência, com outras questões extraídas das cartas – e sobre as quais ambos se posicionam – cartas estas que são nosso foco principal.

Essa correspondência, ainda que construída à distância, é um evidente exercer de convivência entre dois amigos escritores, sendo composta por mais de quatrocentas cartas, escritas numa época muito rica culturalmente na França. As cartas tratam sobretudo de questões ligadas ao teatro e à literatura, envolvendo também a discussão de obras dos dois autores. Apenas excertos de aproximadamente quinze cartas de Flaubert a Sand foram traduzidos para o português, em *Cartas exemplares*¹, e encontramos mais alguns trechos de cartas isoladas, em trabalhos acadêmicos. Desse modo, podemos afirmar que no Brasil a correspondência entre eles continua praticamente inédita.

Embora muito diferentes no modo de ver o mundo, a sociedade, a política e a literatura, Sand e Flaubert trocaram, entre 1863 e 1876, cartas que são verdadeiros documentos históricos de suas vidas e, em alguns casos, também da França oitocentista. A respeito de alguns temas suas convicções eram opostas: quanto à política, Flaubert acreditava numa “aristocracia legítima”; quanto à literatura, era um entusiasta da arte pela arte, e na vida pessoal não se casou nem teve filhos. Sand acreditava na democracia e era adepta de uma arte mais voltada à sociedade, tanto para as causas dos trabalhadores quanto para a emancipação feminina. O discurso social está presente não só nos romances de Sand, mas também em algumas de suas

¹ Antologia traduzida por Duda Machado, Imago, 2005.

peças teatrais, como *Marquis de Villemer*. Ela se casou e teve dois filhos; ao se divorciar do marido, acabou deixando de lado seu nome de batismo, *Amantine Aurore Lucile Dupin*, adotando o pseudônimo masculino *George Sand*, para poder publicar artigos e livros como escritora, ofício quase que exclusivo dos homens naquela época, segundo André Maurois (1956). As diferenças entre os autores – que, no entanto, também revelam muitas afinidades e respeito – constituem justamente o eixo condutor em torno do qual se organizam nossas escolhas dos temas e das abordagens a serem feitas.

Flaubert e Sand mantiveram correspondência também com outros interlocutores, mas neste estudo vamos trabalhar somente com a correspondência entre eles. Flaubert, aparentemente, encontrou em sua relação com Sand confiança e acolhimento. Segundo André Maurois (1956, p. 8), Sand era uma pessoa generosa e carinhosa. A correspondência não faz nenhuma alusão a uma relação romântica entre eles, nem mesmo passageira. Como afirma Jacobs: “[...] entre as considerações psicológicas avançadas para analisar a amizade Flaubert-Sand, a que deve ser descartada, decididamente, é o amor”.² (JACOBS, 1981, p. 8).

Procuramos realizar não apenas a tradução das cartas, como também, em alguma medida, mostrar o contexto em que foram escritas, trazendo da própria correspondência para este trabalho: alguns dos lugares frequentados pelos dois escritores, como as casas onde moraram, a forma como alguns tipos de comércio ocorriam, os jantares literários dos quais ambos participavam, a amizade entre eles etc., sem perder de vista que temos pela frente o grande desafio que é o de dar uma atenção para as inúmeras modulações da língua francesa, às vezes formal, outras muito informal, com que as cartas foram escritas.

Tanto Gustave Flaubert quanto George Sand fizeram sucesso com suas obras junto ao público enquanto viveram, mas, segundo Magali Oliveira Fernandes³ (2017, p. 12), depois de sua morte, em 1876, Sand ficou por muito tempo esquecida na França: “[a obra de Sand] atravessou um longo período de purgatório, o que explica a ausência de projetos importantes na primeira metade do século XX”⁴ (FERNANDES, 2012, p. 68). De acordo com Michelle Perrot, Sand teria sofrido uma depreciação coletiva depois de sua morte: “Eu participei da depreciação coletiva da qual Sand foi vítima após sua morte”⁵ (PERROT, 2018, p. 9), Perrot

² [...] *parmi les considérations psychologiques avancées pour analyser l'amitié Flaubert-Sand, celle qui doit être résolument écartée, c'est l'amour*. Todas as traduções no corpo desta dissertação são minhas, exceto quando fizer menção em contrário.

³ Na apresentação da tradução brasileira de *Histoire da Ma Vie* (História da Minha Vida) de George Sand. São Paulo: Ed. Unesp, 2017.

⁴ Magali Oliveira Fernandes traduz e cita *Oeuvres Complètes de George Sand* (2008, 2 v.), sob organização de Béatrice Didier.

⁵ *Je participais à la dépréciation collective dont Sand a été victime après sa mort*.

afirma ainda que ler *História da minha vida*, foi para ela uma revelação, e uma das autobiografias mais bonitas que já leu. Quanto ao escritor normando podemos afirmar, com Michel Winock, que “Gustave Flaubert criou um modelo de escritor, amplamente incompreendido em seu tempo e ainda rejeitado por muitos no século seguinte⁶” (WINOCK, 2013, p. 681). Se Flaubert não ficou exatamente esquecido, chegou a ser menosprezado até a década de 1950, como afirma Vargas Llosa (2015, p. 46),⁷ mas nos anos 1960 voltou a ser valorizado e estudado, principalmente na França. Sartre reforça essa ideia ao comentar que, após a morte em 1880, antes de ser mais amplamente reconhecido, Flaubert teria ficado alguns anos “no purgatório” (SARTRE 1972, p. 406).

Sand, que teve vários de seus romances traduzidos para o português ainda no século XIX, também voltou a ser lida e traduzida no século XX, em Portugal e no Brasil. Há pouco tempo, entre 2014 e 2021, cinco de seus livros foram traduzidos por aqui, quais sejam: *O Carvalho Falante* (2014), *História da Minha Vida* (2017), *François, o Menino Abandonado* (2017), *As Damas Verdes* (2020) e *Lendas Rústicas* (2021). A tradução recente dessas obras de Sand pode indicar que este seja um bom momento para trazer ao público também a tradução de sua correspondência com Flaubert. Embora não tragam à luz nenhuma questão desconhecida da crítica especializada, os textos das cartas contêm algum ineditismo para o leitor não estudioso da vida e da obra dos autores.

Tomamos como tarefa o desafio de fazer uma leitura das cartas como *corpus* literário. As correspondências serem tratadas no campo da literatura não é uma novidade, seja de forma ficcional, em romances epistolares, como *Cartas Persas*⁸ e *Os Sofrimentos do jovem Werther*⁹, ou ainda numa correspondência real, que vem a público posteriormente, como a de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz, ou a de Abelardo e Heloísa: “Esse tipo de romance costuma fazer sucesso porque as pessoas se dão conta da própria situação, da própria capacidade de se apaixonar, ao entrar em contato com este, mais do que com qualquer outro tipo de narrativa”¹⁰ (MONTESQUIEU, 1993, p. 11).

Brigitte Diaz (2016, p. 46-47) chama atenção para o fato de que cartas, de um modo geral, podem se debruçar sobre uma grande variedade de temas. Entre os que se fazem presentes na correspondência Flaubert-Sand, a autora menciona, por exemplo, os dados históricos, a

⁶ *Gustave Flaubert a créé un modèle d'écrivain, largement incompris en son temps et encore rejeté par beaucoup au siècle suivant.*

⁷ Tradução de José Rubens Siqueira.

⁸ MONTESQUIEU *Lettres Persanes, Booking International, Paris, 1993*.

⁹ *GOETHE*, *Os Sofrimentos do jovem Werther* Editora Companhia das Letras, 2021. Mauricio Mendonça Cardozo.

¹⁰ *D'ailleurs, ces sortes de romans réussissent ordinairement, parce que l'on rend compte soi-même de sa situation actuelle; ce qui fait plus sentir les passions que tous les récits qu'on en pourrait faire.*

crítica literária e os fatos autobiográficos. Sobre a correspondência de Flaubert, Diaz ressalta ainda que, na época em que escrevia *Madame Bovary*, suas cartas (a Louise Colet) não apenas revelavam alguns episódios sobre o longo processo de criação da obra, mas também acabavam registrando momentos importantes de seu processo criativo, podendo ser tratadas como uma espécie de documento sobre o romance.

Para Michel Foucault (1992), a carta seria uma forma de alguém se manifestar tanto para si mesmo quanto para os outros, e através dela podemos nos fazer presentes, não apenas por causa das informações que a carta contém, mas de sua forma imediata e “quase” física. Quem escreve a carta estaria, portanto, de alguma forma junto ao destinatário. Gostaríamos de destacar que receber uma carta pode implicar receber a atenção e o tempo de outra pessoa, alguns momentos de seus pensamentos, seus interesses por um contato amistoso; e ao respondê-la devolvemos carinho, atenção e gratidão, ou, ao contrário, podemos devolver mal-entendidos, silêncios e desinteresse.

Nesta pesquisa, que visa realizar a seleção e a tradução de um conjunto de cartas, entendemos que esse trabalho pode despertar tanto a curiosidade quanto o interesse por essas personagens da vida real, que viveram na França há mais de cem anos, contribuindo para a divulgação do pensamento dos dois escritores, que trilharam importantes caminhos artísticos e intelectuais. Apesar de viverem no mesmo país, cada um deles é marcado por referências culturais diferentes: Sand, pela região do Berry e Paris, Flaubert, por Croisset e Rouen, lugares onde cresceram e viveram quando já eram adultos. As informações contidas nas cartas são, assim, impregnadas por essas referências e por seus pontos de vista, conferindo grande singularidade a cada uma dessas cartas.

Nesse sentido, estudar as cartas através de um trabalho de reflexão e tradução é um dos meios pelos quais podemos contribuir para a divulgação dessa correspondência no Brasil. Uma das formas de fazer isso seria através de um projeto que traduzisse a correspondência na íntegra, com amplo aparato crítico de notas, uma tradução que tivesse no horizonte produzir uma espécie de edição crítica desse material. Outra forma seria um projeto que fizesse uma seleção temática das cartas, elegendo temas como a literatura, a amizade ou o teatro, ou qualquer dos outros temas abordados na correspondência, e traduzindo apenas as cartas que tratam desses temas, em que teríamos não apenas algum conteúdo da correspondência de George Sand e Gustave Flaubert, mas também um material específico para quem se interessa por tais temas. Em razão das limitações de tempo e de extensão do trabalho, esta dissertação resulta da opção por essa segunda possibilidade.

Nosso recorte aborda alguns temas que consideramos pertinentes para que possamos

tentar compreender um pouco melhor a forma de Sand e Flaubert se relacionarem entre si e com outras pessoas e lugares que formaram a sociedade da qual fizeram parte. Dentre os temas que escolhemos, estão: sua experiência frequente de deslocamento de onde moravam para outras localidades, tanto a trabalho quanto para desfrutar de momentos de lazer; a importância das relações que tinham com a natureza abundante que os cercava, principalmente para Sand, que chegou a escrever vários romances ambientados na zona rural; a amizade entre os dois escritores; suas opiniões sobre literatura, bem como os relatos de suas próprias facilidades e dificuldades para produzirem seus livros; especificidades da produção teatral dos dois; e o fato de dedicarem um ao outro uma obra. Essa variedade de temas visa despertar o interesse dos leitores desta dissertação e da tradução das cartas selecionadas para a riqueza do *corpus* dessa correspondência.

Talvez tenham sido, além de verdades “da razão e do sentimento”, as curiosidades dos dois escritores como tal que permitiram a longevidade deste diálogo epistolar, preservando o prazer dessa experiência, fortalecendo e aprofundando essa relação que é em si mesma uma das fontes desse prazer, em nenhum momento cogitando um rompimento. É uma história sobre dois escritores franceses que têm significativa riqueza cultural, ideológica e social para compartilhar. A correspondência Flaubert-Sand traz algumas cartas que têm objetivos práticos e outras que parecem visar apenas o prazer da troca epistolar propriamente dita e de ter no outro um amigo.

Quanto à leitura dramática, em que este trabalho de estudo, seleção e tradução da correspondência entre Flaubert e Sand pretende culminar, cabe dizer que se trata de uma forma de contato com a linguagem teatral que pode ser usada como ferramenta para estimular a criatividade dos atores durante a criação de seus personagens. Esse tipo de apresentação normalmente tem o objetivo de reunir o elenco para que, com a leitura dos textos ou com os mesmos decorados, ensaiem em voz alta as entonações de voz e os sentimentos, e também para que possam programar as pausas para respiração, ensaiar reações, antes mesmo que entrem em cena todos os elementos de um espetáculo, ajudando o elenco a definir esses aspectos que posteriormente serão oferecidos ao público em forma de peça teatral.

No capítulo 1 desta dissertação faremos uma breve explanação biográfica de Flaubert e Sand e a apresentação do *corpus* que constitui a correspondência, à luz de uma descrição dos lugares e temas que destacamos neste trabalho. No capítulo 2, a proposta é fazer uma discussão mais geral da relação que se constrói entre Sand e Flaubert ao longo da correspondência. Para encerrar, o capítulo 3 traz a seleção dos excertos que devem compor a leitura dramática, e a apresentação e comentários sobre os excertos traduzidos.

1 CORRESPONDÊNCIA ENTRE GUSTAVE FLAUBERT E GEORGE SAND

1.1 OS DOIS AUTORES

Flaubert e Sand se conheceram em 1857, ano da publicação de *Madame Bovary*, e George Sand, como outros escritores da época, recebeu um volume autografado, enviado por Flaubert, como aponta Claude Tricotel¹¹ (1978 p. 20). Nessa época eles se encontravam apenas casualmente, e liam um as obras do outro. Winock (2013, p. 469) assinala que a amizade entre eles se desenvolveria apenas a partir de 1863, após o lançamento do romance histórico *Salammbô*¹², de Flaubert, sobre o qual George Sand escreveu um artigo para o jornal *La Presse*¹³, favorável ao livro. Segundo Jacobs (1981, p. 35), Flaubert pediu o endereço de Sand a Michel Lévy, pois queria agradecer a ela, já que as críticas anteriores não tinham sido muito boas, ainda que *Salammbô* tenha feito sucesso junto ao público. Foi assim que a correspondência começou. Não há notícias sobre a carta que Flaubert teria enviado a Sand como agradecimento nessa ocasião, mas a primeira carta de que se tem registro dessa correspondência tinha um tom de resposta e foi escrita por Sand. A carta começa assim: “Meu caro irmão, não é preciso me agradecer por ter cumprido meu dever. Todas as vezes que a crítica fizer o seu, eu me calarei, porque prefiro produzir do que julgar. Mas tudo o que eu tinha lido sobre *Salammbô* antes de ler *Salammbô* era injusto ou insuficiente.¹⁴” (SAND, 1863 apud JACOBS, 1981, p. 53). Aparentemente a iniciativa de instigar a aproximação entre Sand e Flaubert teve início na forma como Sand começa essa carta: *Mon cher frère* (Meu caro irmão).

De um modo geral, Sand parece imprimir em suas cartas um tom maternal, como quem quer aconselhar, talvez tranquilizar. Em Flaubert encontramos consideração com o outro e uma grande perseverança em seu próprio trabalho. Sand e Flaubert, embora não deixem de fazer menção às suas próprias limitações, aceitam a si mesmos como são ao mesmo tempo em que exaltam seu correspondente. Talvez seja por isso que, ao lermos a correspondência, percebemos que o respeito entre eles é recíproco e permanente. Para citar alguns exemplos, em 21/12/1867, Sand escreve: “**Aqui está a imbecil que você ama e chama de *Mestre***. Que bela mestre, que

¹¹ Claude Tricotel é autor do livro *Comme deux Troubadours, Histoire de l'amitié Flaubert-Sand*, que conta a história da amizade Flaubert-Sand.

¹² FLAUBERT, *Gustave; Chez Michel Lévy, 1862.*

¹³ https://flaubert.univ-rouen.fr/etudes/salammbô/sal_san.php

¹⁴ *Il ne faut pas me savoir gré d'avoir rempli un devoir. Toutes les fois que la critique fera le sien je me tairai, parce que j'aime mieux produire que juger. Mais tout ce que j'avais lu sur Salammbô avant de lire Salammbô était injuste ou insuffisant.*

prefere se divertir a trabalhar! Despreze-me profundamente, mas me ame sempre¹⁵” (SAND, 1867, apud JACOBS, 1981, p. 206, grifo nosso). Em 08/12/1872, ela escreve: “Acredito que **dentro de cinquenta anos estarei perfeitamente esquecida** e talvez duramente incompreendida. É a lei das coisas que não são de primeira ordem, e **nunca acreditei que eu fosse de primeira ordem**¹⁶” (SAND, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 412, grifo nosso). E em 31/12/1875, Flaubert escreve: “**Falta-me uma visão bem pausada e estendida da vida.** A senhora está mil vezes certa! mas como ser diferente? eu lhe pergunto. A senhora não iluminará **minha escuridão** com a Metafísica [...]”¹⁷” (Flaubert, 1875 apud JACOBS, 1981, p. 514, grifo nosso). Em 12/01/1870, em resposta a uma carta elogiosa de Sand, Flaubert escreve: “Que carta adorável a senhora me escreveu antes de ontem! Mas sua amizade é cega, cara boa mestre! Eu não pertenço à família desses de quem a senhora fala. **Eu que me conheço, sei o que me falta! E me falta muito!**¹⁸” (Flaubert, 1870 apud JACOBS, 1981, p. 271, grifo nosso).

1.1.1 George Sand

George Sand nasceu em 1º de julho de 1804 e morreu em 8 de junho de 1876 (JACOBS, 1981, p. 25 e 47). Era filha de Maurice Dupin, que, segundo Sand (2017, p. 32), era bisneto do rei da Polônia Augusto II, e de Sophie Delaborde, que tinha sido uma criança pobre cujo pai era um vendedor de passarinhos. Como já vimos, seu nome de batismo era Amantine Aurore Lucile Dupin, mas ficou conhecida como George Sand. No prefácio da tradução brasileira de *Histoire de Ma Vie* (História da Minha Vida), autobiografia de Sand, Magali Oliveira Fernandes afirma: “Ela escreveu noventa romances, muitos contos, artigos em jornais e peças para o teatro.” (SAND, 2017, p. 7). Segundo Michelle Perrot (2018, p. 343), Sand também trocou uma longa correspondência, composta por aproximadamente 50 mil cartas, com diversas pessoas, entre elas, Marie d’Agoult, Balzac, Charles Augustin Sainte-Beuve, Alexandre Dumas (pai e filho), Delacroix, Pauline Viardot, Louis Blanc, Pierre Leroux, François Buloz, Pierre-Jules Hetzel, o príncipe Napoléon-Jérôme, Ernest Renan e Gustave Flaubert. Em sua autobiografia, Sand afirma: “Quer seja por causa da educação, dos estímulos ou por predisposição, é certo que

¹⁵ *Voilà l’imbécile que tu aimes et que tu appelles Maître. Un joli Maître, qui aime mieux s’amuser que travailler! Méprise-moi profondément mais aime-moi toujours.*

¹⁶ *Moi je crois que dans cinquante ans je serai parfaitement oubliée et peut-être durement méconnue. C’est la loi des choses qui ne sont pas de premier ordre et je ne me suis jamais crue de premier ordre.*

¹⁷ *Il me manque une vue bien arrêtée et bien étendue sur la vie. Vous avez mille fois raisons ! mais le moyen qu’il en soit autrement ? je vous le demande. Vous n’éclairerez pas mes ténèbres avec de la Métaphysique [...].*

¹⁸ *Quelle chouette lettre vous m’avez écrit [sic] avant hier! Mais votre amitié vous aveugle chère bon maître! Je n’appartiens pas à la famille de ceux dont vous parlez. Moi qui me connaît [sic], je sais ce qui me manque! et il me manque énormément!*

o gosto pelo romance tomou conta de mim apaixonadamente antes que eu tivesse terminado de aprender a ler.” (SAND, 2017, p. 107-108).

Segundo Claude Tricotel (1978, p. 13-15), a obra de Sand fez muito sucesso enquanto ela viveu. O autor destaca ainda (p. 73) que, no começo, para Sand, ser escritora era apenas um meio de ganhar a vida, ser independente. Ela era ativamente tanto escritora, quanto mãe de família, avó e dona de casa. Amava a literatura e a botânica. Essas impressões de Tricotel se confirmam quando lemos sua correspondência.

Como afirma Michelle Perrot (2018, p. 35-38), George Sand casou-se com Casimir Dudevant em 17 de outubro de 1822, quando tinha 18 anos de idade. Desta união nasceram dois filhos: Maurice (em 1823) e Solange (em 1828). A separação do casal teria começado em 1828, quando Sand se mudou para um quarto da casa que estava vago. Já separados de fato, a separação judicial aconteceu em 16 de fevereiro de 1836.

Sand começou a escrever profissionalmente trabalhando na equipe de redatores do jornal *Le Figaro*, em 1831, jornal que naquela época pertencia a Hyacinthe Thabaud de Latouche, que a convidou pessoalmente para a função. Sand continuou a escrever artigos para jornais mesmo depois de se tornar uma escritora conhecida, de acordo com Maurois (1956, p. 111). Perrot (2018, p. 345) afirma também que a obra de Sand é composta por vários tipos de textos, como redação de artigos, revisão de manuscritos, dramaturgia, correspondência, mas que ela prefere a liberdade do romance, ao qual dá prioridade. De acordo com Jacobs (1981, p. 26-27), em 1831 ela se torna escritora e publica *Rose et Blanche*, romance escrito com Jules Sandeau, o qual os autores assinaram como *Jules Sand*. E em 1832 é publicado o romance *Indiana*, o primeiro que Sand escreveu sozinha e o primeiro que ela assina como *George Sand*.

Maurois (1956, p. 314, 315, 317) chama a atenção para o fato de Sand, idealista e republicana, colocar sua posição política nos romances que escrevia, trazendo para suas obras o proletário, da cidade e do campo, e suas misérias, mas esclarece que nem todos os romances que ela escrevia eram “romances sociais”. A autora também escreveu romances campestres, nos quais usa o “dialeto” da região do Berry, onde fica Nohant, como explana L. Vincent (1916)¹⁹. Talvez tenha feito isso com a intenção de provocar a identificação das pessoas da região com a literatura que escrevia, ou porque queria chamar a atenção das pessoas das cidades para o campo. George Sand talvez apenas estivesse preocupada em expor uma tradição literária rural com valores autênticos da população do Berry.

¹⁹ Marie Louise Vincent escreveu um livro intitulado *La langue et le style rustique de George Sand*, e fala sobre esse tema ao longo da obra.

Para Martine Reid (2013, p. 75-77), Sand parecia fazer de seus romances um espaço para expor suas ideias, tinha visões claras sobre a sociedade e acreditava na justiça social, era atenta às condições de vida das pessoas mais pobres, defendia a liberdade e a igualdade de gênero e classe. Três anos após a publicação de *Indiana*, em 1835, Sand já era autora de vários contos e seis romances e o nome "George Sand" estava consolidado. Em 17/01/1869, Sand começa assim uma carta para Flaubert: “O indivíduo chamado George Sand está bem [...]”²⁰ (SAND, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 212). Isso poderia até passar despercebido, mas a palavra “indivíduo” nos leva a refletir o quanto essa consolidação do pseudônimo a transforma num novo ser, numa unidade independente. Ela deixa de ser a filha, ou a esposa de alguém, para se tornar uma “entidade única”: a escritora. Ou ainda, de acordo com a necessidade inicial da criação do pseudônimo: o escritor – George Sand.

1.1.2 Gustave Flaubert

Flaubert nasceu em Rouen em 12 de dezembro de 1821 e morreu em 8 de maio de 1880 (JACOBS, 1981, p. 31, 47). Era filho de Achille Cléophas Flaubert, um médico de família rica, chefe do hospital da cidade, e de Anne J. C. Flaubert, filha de um médico. O casal teve 3 filhos: além de Gustave, o primogênito Achille (nascido em 1813, morto em 1882), que se tornou médico como o pai, e Caroline (nascida em 1824 e morta em 1846, 2 meses após o nascimento de sua filha), afirma Winock (2013). Ainda de acordo com Winock (2013), o escritor cursou Direito, mas não era assíduo nas aulas, muitas vezes ficava passeando pela cidade em vez de ir para a faculdade. Manifestou uma doença nervosa nessa época, sofria convulsões. Acabou reprovado no primeiro ano, desistindo do curso. Voltou para a casa da família para recuperar a saúde, e nesse período perdeu o pai e a irmã. Assumiu os cuidados da sobrinha junto com a mãe, mudando-se com elas para a casa que tinham em Croisset, a aproximadamente 130 km de Paris.

O primeiro trabalho de Flaubert publicado foi a sátira intitulada *Une leçon d'histoire naturelle. Genre Commis*. A publicação apareceu na revista escolar de Rouen: *Le Colibri*, em 30 de março de 1837 (LLOSA, 2015, p. 129, nota 33). Flaubert era um jovem de 16 anos quando estreou na arte de sua sagrada literatura. E como veremos, ele se entregou a ela de corpo e alma, até o dia de sua morte, em 1880.

²⁰ *L'individu nommé G. Sand se porte bien [...]*

Mario Vargas Llosa (2015, p. 236) também destaca que quando escrevia, a obsessão de Flaubert era o estilo, e enquanto não atingisse a harmonia, sonoridade, precisão e visualidade que buscava, fazia, desfazia e refazia cada frase. Ainda segundo Llosa (2015, p. 250), para Flaubert o romance era feito de forma, e ele não acreditava que houvesse temas bons ou ruins, essas qualidades eram determinadas exclusivamente pelo tratamento que os temas recebiam.

Sua convicção de que o narrador (Flaubert dizia “o autor”, “o produtor”, “o artista” e isso dá origem a um grave mal-entendido) devia ser absolutamente imparcial, não se limita ao aspecto ético e social da história; significa também que não lhe é permitido celebrar as alegrias de seus personagens, nem se apiedar de suas desgraças: sua única obrigação é comunicá-las²¹. (LLOSA, 2015, p. 219).

Flaubert não admitia de jeito nenhum que sua opinião pessoal fosse percebida em seus romances, como destaca Winock (2013, p. 577), que a esse respeito afirma que o romance tradicional era destinado a instruir, explicar, demonstrar, enquanto o romance de Flaubert expõe, descreve e deixa o leitor julgar.

Para Guy de Maupassant²² (FLAUBERT, 2017, p. 387), Gustave Flaubert sempre foi o mais empenhado dos idealistas, que tinha grande amor pela verdade sem a qual a arte não existiria. Maupassant afirma ainda:

Em Croisset, no seu escritório de cinco janelas, ele suava dia e noite sobre sua obra. Sem tréguas, sem repouso, sem prazeres e sem distrações, o espírito formidavelmente tenso, ele avançava com uma lentidão desesperadora, descobrindo todos os dias novas leituras a fazer, novas pesquisas a empreender. E a frase também o atormentava, a frase tão concisa, tão precisa, ao mesmo tempo tão colorida, que devia conter em duas linhas um volume inteiro, num parágrafo, todos os pensamentos de um sábio. (FLAUBERT, 2017, p. 389).

Outra característica que Flaubert tinha era a impaciência, ele sentia raiva com muita facilidade. O próprio escritor menciona isso na correspondência, como podemos ver em excertos como estes: “É verdade que muitas coisas me exasperam. No dia em que eu não ficar mais indignado, desabarei, como uma marionete de quem cortaram os fios.²³” (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 142) e também: “O menor diálogo com quem quer que seja me irrita, porque acho todo mundo idiota. Meu senso de justiça está continuamente revoltado²⁴.”

²¹ Tradução de José Rubens Siqueira.

²² Guy de Maupassant, no posfácio da edição brasileira de *Bouvard et Pécuchet*. Tradução de Marina Appenzeller.

²³ *Il est vrai que beaucoup de choses m'exaspèrent. Du jour où je ne serai plus indigné je tomberai à plat, comme une poupée à qui on retire son bâton.*

²⁴ *Le moindre dialogue avec qui que ce soit m'exaspère, parce que je trouve tout le monde idiot. Mon sentiment de la Justice est continuellement révolté.*

(FLAUBERT, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 402). Ele chegou até a sugerir que Sand deveria odiar mais: “Ah! Cara boa mestre, se a senhora pudesse odiar! Isso é o que falta na senhora: o ódio. Apesar de seus grandes olhos de esfinge, viu o mundo através de um tom dourado. E ele veio de seu próprio coração”²⁵. (FLAUBERT, 1871 apud JACOBS, 1981, p. 348).

Flaubert era acima e antes de tudo um escritor. Com sua forma de escrever acabou trazendo para a literatura uma grande inovação que diz respeito ao narrador. Em *Madame Bovary* cria “[...] um narrador que parece se confundir com o autor depois de um tempo”²⁶ (SARTRE, 1988, p. 925). Para Todorov, Flaubert “fez de sua não-intervenção no romance um princípio que não sofre qualquer exceção”²⁷ (TODOROV, 2009, p. 84). Flaubert sempre tentava atingir a essência mais profunda de todas as coisas que eram assunto de seus livros, como ele mesmo declara em carta para Sand de 31/12/1875, e buscava acima de tudo a beleza: “Sempre tentei chegar à alma das coisas e focar nas generalidades maiores.”²⁸ (FLAUBERT, 1875 apud JACOBS, 1981, p. 513). E talvez esse mergulho na alma das coisas seja exatamente o que faz a diferença na sua obra.

Flaubert vivia bastante solitário, e sua solidão era preenchida por seu objetivo profissional, ou talvez só tenha existido por causa dele. Acreditamos que sua obra seja uma forma importante de comunicação entre ele e o mundo. Como vimos, a criação de um novo livro não era um processo fácil para ele, e aparentemente eram suas dificuldades em se concentrar para criar textos que tivessem exatamente a “forma” que ele queria que o afastavam dos encontros com seus amigos. Essa questão acaba aparecendo na correspondência, em cartas como esta de 1867: “O trabalho não vai muito mal. Espero terminar a segunda parte até fevereiro. Mas para terminar tudo em dois anos, daqui até lá seu velho não pode sair do sofá. É isso que faz com que eu não vá a Nohant. Oito dias de férias são para mim três meses de devaneio”²⁹. (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 159). Em novembro de 1868, escreve a Sand: “Há três semanas, por ter feito a besteira de aceitar um jantar num campo aqui perto, perdi quatro dias. O que me aconteceria na volta de Nohant? A senhora não entende isso, é um ser forte! Irei a sua casa quando estiver ‘livre da inquietude’³⁰”. (FLAUBERT, 1868 apud

²⁵ *Ah ! chère bon maître, si vous pouviez haïr ! C'est là ce qui vous a manqué : la Haine. Malgré vos grands yeux de sphinx, vous avez vu le monde à travers une couleur d'or. Elle venait du soleil de votre coeur.*

²⁶ *Donc un narrateur qui paraît se confondre au bout d'un temps avec l'auteur.*

²⁷ Tradução de Caio Meira.

²⁸ *Je me suis toujours efforcé d'aller dans l'âme des choses et de m'arrêter aux généralités les plus grandes [...].*

²⁹ *Le travail ne va pas trop mal. J'espère avoir fini ma seconde partie au mois de février. Mais pour avoir tout terminé dans deux ans, il faut que d'ici là votre vieux ne bouge de son fauteuil. C'est ce qui fait que je ne vais pas à Nohant. Huit jours de vacances c'est pour moi trois mois de rêverie.*

³⁰ *Il y a trois semaines, pour avoir eu la bêtise d'accepter un diner dans une campagne des environs, j'ai perdu quatre jours (sic). Que serait-ce, en sortant de Nohant? vous ne comprenez pas Ça, Vous, être fort! J'irai chez vous quand je serai « libre d'inquiétude ».*

JACOBS, 1981, p. 203-204). Terminamos por citar este trecho, de 12/07/1872, um pouco mais definitivo a esse respeito: “Já não sirvo mais para viajar. A menor perturbação me incomoda³¹!” (FLAUBERT, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 392).

Ainda sobre essa questão, destacamos a seguinte reflexão: “Mudar Flaubert, consolá-lo, é realmente uma perda de tempo. Sua melancolia, sua hipocondria, sua raiva, fazem parte do que há de mais profundo em sua natureza³²” (JACOBS, 1981, p. 487).

1.2 DESCRIÇÃO DO *CORPUS* QUE CONSTITUI A CORRESPONDÊNCIA FLAUBERT-SAND

Um dos aspectos que faz parte da riqueza desta correspondência, entre outros tantos, é a frequência na troca das cartas, ainda que em alguns momentos Flaubert e Sand escrevessem um ao outro reclamando que sentiam falta de notícias do amigo. Se computarmos o período integral, entre 1863 e 1876, veremos que os dois amigos se corresponderam durante um período de 13 anos. Escritas em 1863 foram encontradas apenas 4 cartas, em 1864 só uma (não há registros que no ano de 1865 tenham escrito um ao outro), e, para usar uma expressão de Alphonse Jacobs, foi em 1866 que aconteceu a “verdadeira eclosão desta amizade magnífica³³” (JACOBS, 1981, p. 59). Portanto, nos 10 anos seguintes foram 417 cartas, totalizando 422. Calculando a partir desses números, chegamos a uma média aproximada de 3,5 ao mês, ou uma carta a cada 8 ou 9 dias, aproximadamente. Certamente em alguns meses e anos menos cartas do que essa média e em outros mais.

A correspondência Flaubert-Sand é um material farto em quantidade e em variedade de temas tratados, versando sobre lugares, reflexões, comportamentos e opiniões que englobam as relações pessoais dos autores, como manifestações de carinho e amizade, debates políticos e literários, a guerra, além de comentários sobre as obras dos dois escritores, que tanto fomentam e animam essa relação epistolar quanto nos oferecem uma perspectiva privilegiada de suas obras. Além das cartas eles também se encontravam pessoalmente.

Entre as cartas encontramos algumas que, aparentemente, têm a intenção apenas de “puxar conversa”, trazendo para a correspondência algum desabafo ou narrativa familiar, e aquelas que emitem opinião sobre o ofício de escritor ou algum acontecimento social, como os

³¹ *Je ne suis plus fait pour les voyages. Le moindre dérangement m'incommode!*

³² *Changer Flaubert, le consoler, c'est peine perdue en effet. Sa mélancolie, son hypocondrie, ses colères, elles font partie du plus profond de sa nature.*

³³ *véritable éclosion de cette magnifique amitié.*

jantares que frequentavam, a guerra (entres os anos 1870 e 1871), e outros, que acabam fazendo aparecer as diferentes identidades culturais dos dois escritores, na medida em que refletem sobre cada tema, sem, no entanto, comprometer nem o objetivo que buscava cada um deles para si nem o sentimento que os unia. Esses dois grupos de cartas podem enriquecer os correspondentes, ou apenas levá-los a refletir sobre algo que lhes é, ou era até então, indiferente.

Longe de pretender esgotar, aqui, uma discussão mais pormenorizada desta vasta correspondência, nos termos de um trabalho que inventariasse os mais diversos temas tratados, bem como as inúmeras referências a lugares, pessoas e acontecimentos da época — o que mereceria uma pesquisa dedicada exclusivamente a esse objetivo —, a descrição a seguir organiza-se a partir de dois focos distintos, a riqueza e variedade dos “lugares” e dos “temas” da correspondência, cumprindo, assim, o fim único de chamar a atenção para alguns dos aspectos de interesse desse *corpus* epistolar.

1.2.1 LUGARES DA CORRESPONDÊNCIA

A correspondência faz menção a diversos lugares frequentados por Flaubert e Sand: restaurantes (como o Magny, que recebia às segundas-feiras vários escritores para uma espécie de “jantar literário”), os teatros que ambos frequentavam tanto como público quanto como dramaturgos, as cidades entre as quais se deslocavam com frequência, os comércios (que existem, ou existiram), mas também as casas em que cada um deles viveu. Mais do que meras referências externas, alguns desses lugares se tornam também “lugares da correspondência”, em torno dos quais se desenrolam as mais diversas discussões e que acabam cumprindo a função de nos ajudar a compreender de que forma e por quais motivos se deslocavam de uma cidade para outra ou de uma casa para outra, no intuito de resolver assuntos profissionais e pessoais. Buscamos dessa maneira mostrar um pouco da organização da sociedade naquele momento, bem como do funcionamento das instituições e das relações sociais. Tentamos registrar assim, através de uma breve descrição do comportamento social de Flaubert e Sand, sempre partindo da correspondência e do que nela está contido, a significativa diferença entre a sociedade do século XIX e a contemporânea — diferença que nos interessa explorar na leitura dramática a que se destina a seleção e tradução das cartas.

Em 1866, a primeira carta da retomada da correspondência desde aquela trocada em 15/03/1864 foi escrita por Flaubert num domingo, dia 6 de maio de 1866, era uma carta curtinha, que parecia mais um bilhete, e versava sobre os jantares literários do restaurante Magny (dos quais falaremos um pouco mais a seguir): “É amanhã, segunda-feira, o dia do Magny, cara

mestre. Estarei lá, claro. Enquanto isso, um abraço³⁴.” (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 60).

1.2.1.1. Os jantares no restaurante Magny

Os jantares literários do restaurante Magny são mencionados várias vezes na correspondência Flaubert-Sand, como na carta de 15 de maio de 1866, de Flaubert: “Eu li *Monsieur Sylvestre*³⁵ de uma só vez e o enchi de anotações nas beiradas (como sempre faço). Se eu tiver tempo segunda-feira, levarei meu exemplar a sua casa e falaremos sobre ele antes de ir ao Magny.³⁶” (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 630); ou na carta de 22 de março de 1867, em que Sand escreve “Seu velho trovador está aqui, não muito indisposto. Ele irá jantar segunda-feira no Magny. [...]”³⁷” (SAND, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 132). Segundo Michel Winock (2013, p. 357), esses jantares literários, no restaurante de Modeste Magny, começam no final de 1862 e vão se tornando uma verdadeira instituição na cena literária parisiense. O restaurante ficava na rua Contrescarpe-Dauphine, nº 3, atual rua André-Mazet, em Paris, e os jantares aconteciam a cada 15 dias. Ainda segundo Winock, Flaubert passou a frequentar os jantares em dezembro de 1862. George Sand, única mulher convidada a participar, depois de longa hesitação, começa a frequentá-los em 12 de fevereiro de 1866, afirma Claude Tricotel (1978, p. 36). Esses encontros foram fundamentais para a aproximação definitiva de Flaubert e Sand, porque, como já mencionamos, foi depois que Sand apareceu no Magny pela primeira vez que os dois escritores retomaram a correspondência. Eles se reaproximaram e mantiveram contato – epistolar e pessoalmente – até a morte de Sand, dez anos depois. Sand teria anotado em sua agenda, na ocasião em que foi pela primeira vez ao jantar literário, que Flaubert tinha sido mais simpático com ela que os demais, e ela questiona e responde a si mesma, em sua agenda: “Por quê? Eu ainda não sei”. (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 59).

Entre os frequentadores, os jantares contavam ainda com personalidades do meio

³⁴ *C'est demain lundi jour de Magny, chère maître. J'y serai, bien entendu. D'ici là je vous embrasse.*

³⁵ *Monsieur Sylvestre*: Romance de George Sand publicado por Michel Lévy. (1866)

³⁶ *J'ai lu Monsieur Sylvestre d'un seul coup et l'ai orné de notes marginales (selon ma costume). Si j'ai le temps lundi, j'apporterai mon exemplaire chez vous et nous en causerons avant d'aller chez Magny.*

³⁷ *Ton Vieux troubadour est ici, pas trop patraque. Il ira dîner lundi chez Magny.* Quando era “o velho trovador” Sand se referia a ela mesma no masculino e na terceira pessoa. Às vezes, por algum motivo que foge à correspondência, Flaubert a tratava como uma pessoa do “terceiro sexo”, como em carta de 19 de setembro de 1868, em que escreve “[...] No entanto, qual é a sua ideia das mulheres, a senhora que é do Terceiro sexo?” (FLAUBERT, 1868 apud JACOBS, 1981, p. 196). *Mais cependant, quelle idée avez-vous donc des femmes, ô vous qui êtes du troisième sexe?*

literário, como Charles Augustin Saint-Beuve, Louis Hyacinthe Bouilhet, os irmãos Jules e Edmond de Goncourt, Hippolyte Adolphe Taine e Théophile Gautier. Com o tempo, após a morte de alguns participantes dos jantares Magny, Flaubert escreve a Sand, em junho de 1870: “Esqueceram seu trovador, que mais uma vez enterrou um amigo! Dos sete que éramos no começo dos jantares do Magny, somos agora apenas três. Estou cheio de caixões, como um velho cemitério! Estou farto, sinceramente.”³⁸ (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 298). Dos participantes aos quais Flaubert se refere, ainda restavam quatro, e não três. São o próprio Flaubert, Edmond de Goncourt, Taine e Gautier, já citados.

De acordo com Winock (2013, p. 486), em algum momento, em 1870, os jantares deixaram de ser no restaurante Magny e passaram a ocorrer no restaurante Brébant; no entanto, a correspondência não traz informações a esse respeito e nem de quando exatamente houve o encerramento definitivo desses jantares.

1.2.1.2 Os teatros

Para Lecointre³⁹ (2013, p. 255), o teatro atua como um fio condutor da correspondência. Flaubert chegou a pensar em levar até mesmo seu texto mais famoso, *Madame Bovary*, à cena teatral, em 1857, no *Théâtre des Arts*, mas depois de dar sua autorização para que o romance fosse adaptado, voltou atrás (ROOTERING, 2013, p. 273)⁴⁰. Sand e Flaubert faziam parte da cena teatral francesa como autores de peças ou adaptações para montagens teatrais, e também escreviam um ao outro sobre teatro, além de se encontrarem frequentemente para assistir alguma peça. Em carta de 27 de janeiro de 1867, Sand escreve a Flaubert: “Maurice nos alegra essa noite com marionetes. É muito divertido, e o teatro é tão bonito!”⁴¹ (SAND, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 124). A apresentação referida se dá no pequeno teatro de Nohant, sobre o qual falaremos mais adiante. Em carta de Flaubert de 31 de dezembro de 1873, lê-se: “Veja que seu Cruchard ainda não está completamente atordoado pelo teatro.”⁴² (FLAUBERT, 1873 apud JACOBS, 1981, p. 448).

³⁸ *On oublie son troubadour qui vient encore d'enterrer un ami! De sept que nous étions au début des dîners Magny, nous ne sommes plus que trois! Je suis gorgé de cercueils comme un vieux cimetière! J'en ai-assez, franchement.*

³⁹ Leisha Ashdown-Lecointre in *Lectures de la correspondance Flaubert-Sand – Des vérités de raison et de sentiment.*

⁴⁰ Marie-Pierre Rootering. in: *Lectures de la correspondance Flaubert-Sand – Des vérités de raison et de sentiment.*

⁴¹ *Maurice nous régale ce soir des marionnettes. C'est très amusant, et le théâtre est si joli!*

⁴² *Vous voyez que votre Cruchard n'est pas complètement abruti par le théâtre.*

Entre os teatros citados na correspondência, está o Teatro Odéon, onde espetáculos tanto de Sand quanto de Flaubert foram montados. Em carta de 21 de setembro de 1866, Sand escreve a Flaubert, aconselhando-o a montar sua próxima peça no Odéon: “[O senhor diz *nós*, a respeito do *conto de fadas*] não sei com quem o senhor o escreveu, mas continuo achando que deveria ir para o Odéon.⁴³” (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 75-76). Outro teatro citado nas cartas é o Vaudeville: “o Vaudeville parece muito bom, até agora Carvalho⁴⁴ parece encantador.⁴⁵”, escreve Flaubert a Sand em 5 de setembro de 1873 (FLAUBERT, 1873 apud JACOBS, 1981, p. 439). Um dos encontros dos dois amigos no teatro Odeon foi em fevereiro de 1864, na estreia de *Marquis de Villemer*⁴⁶ (TRICOTEL, 1978, p. 13). Dias após esse encontro, em março do mesmo ano, Sand escreve a Flaubert “O senhor foi tão bom e tão simpático comigo na estreia de *Villemer*, que já não admiro apenas seu grande talento, mas gosto do senhor de todo o coração⁴⁷” (SAND, 1864 apud JACOBS, 1981, p. 56).

1.2.1.3 As cidades

As cidades estão presentes neste estudo porque entendemos que os deslocamentos dos dois escritores, principalmente a trabalho – às vezes viajavam para acompanhar uma de suas montagens teatrais, noutras para conversar com algum editor de seus livros – ou ainda por lazer, auxiliam em alguma medida na compreensão do ambiente em que viviam. Algumas vezes Flaubert e Sand também convidam um ao outro para um encontro na casa onde viviam e em outros lugares como restaurantes ou teatros.

Ao longo da correspondência, os dois amigos citam várias cidades, principalmente aquelas onde moram, ou têm casa, como Paris, Croisset, Palaiseau e Nohant; mas também lugares que visitam, como Rouen, Normandia e Bretanha. Como exemplo, podemos mencionar carta escrita em 22 de agosto de 1867, em que, de partida para a Normandia, Sand pediu que Flaubert lhe indicasse onde passear por três dias sem ir a lugares lotados de turistas. A escritora queria conhecer a região onde se ambientaria *Mademoiselle Merquem*, seu próximo romance (JACOBS, 1981, p. 151). Flaubert responde, em carta de 25 de agosto de 1867, além de algumas indicações de lugares a visitar: “Então, se o romance não tiver pressa, eu a aconselho a esperar

⁴³ *Vous dites nous, à propos de la féerie, je ne sais pas avec qui vous l'avez faite, mais je me figure toujours que cela devrait aller à l'Odéon actuel.*

⁴⁴ Léon Carvalho, Diretor do Teatro Vaudeville.

⁴⁵ *Le Vaudeville s'annonce bien. Carvalho, jusqu'à présent, est charmant.*

⁴⁶ Peça de Sand, que ambos assistiram do camarote do príncipe Napoleão.

⁴⁷ *Vous avez été si bon et si sympathique pour moi à la première représentation de Villemer, que je n'admire plus seulement votre admirable talent, je vous aime de tout mon coeur.*

até outubro. A senhora viria até aqui e nós faríamos o passeio juntos.⁴⁸” (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 152). Mas, de acordo com Jacobs (1981, p. 155), os dois amigos não fizeram juntos essa viagem⁴⁹.

Em carta de 29 de setembro de 1866, Flaubert escreve a Sand: “[...] entre minhas ‘obras inéditas’, tenho o manuscrito inteiro de minha viagem à Bretanha⁵⁰. Iremos esmiuçá-lo quando a senhora vier aqui.⁵¹” (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 81)⁵². Algumas vezes, tanto Sand quanto Flaubert viajavam para conhecer lugares onde ambientariam seus romances. Sand visitou, além da Normandia por *Mademoiselle Merquem*, a Bretanha por *Cadio* e Ardenes por *Malgré tout* (JACOBS, 1981, p. 10-11). Em 1858, Flaubert viajou para a Tunísia, para estudar as ruínas de Cartago, onde se passa a história de *Salammbô* (JACOBS, 1981, p. 35). Em 1876 foi a Pont-l’Évêque e a Honfleur, para coletar dados para sua *História de um coração simples* (JACOBS, 1981, p. 529).

Algumas das cartas (que fazem menção a cidades) trazem, não raro, um convite. Em maio de 1867, Flaubert escreveu: “Mas quando a senhora estiver em Paris, o que a impediria de ir até Croisset, onde todo mundo a adora, começando por mim?⁵³” (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p.138). E no mês seguinte, em junho: “Primeiro, uma pergunta: quando a senhora virá a Croisset com meu amigo Maurice?⁵⁴” (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p.141). Sand também o convidaria para visitá-la em Nohant; o primeiro convite foi em 28 de janeiro de 1863, antes mesmo de se tornarem amigos: “Nós nos conhecemos muito pouco. Portanto, venha me ver quando tiver tempo.⁵⁵” (SAND, 1863 apud JACOBS, 1981, p. 53); em março de 1870, ela escreve: “Venha para Nohant comigo, mudar de ares, pelos menos por dois ou três dias.⁵⁶” (SAND, 1870 apud JACOBS, 1981, p. 279). Sand convidou Flaubert para ir a Palaiseau também, ela escreve em carta de 14 de maio de 1866: “Espero que seja uma boa

⁴⁸ *Si le roman ne presse pas, je vous conseille d'attendre jusqu'au mois d'octobre. Vous viendrez ici, et nous aviserons à faire un tour ensemble.*

⁴⁹ Sand acabou indo para a região em 25 de setembro, com outros amigos, voltando no fim do mês. Em *Mademoiselle Merquem*, pág. 240-244 (edição original de 1868), encontram-se as impressões sobre a paisagem normanda. (JACOBS, 1981, p. 158).

⁵⁰ Flaubert partiu para a Bretanha com Maxime Du Camp em maio de 1847, e a viagem dos dois durou mais de 3 meses, (WINOCK, 2013, p. 136,137)

⁵¹ *J'ai le manuscrit entier de mon voyage en Bretagne parmi mes 'oeuvres inédites'. Nous en aurons à dégoiser quand vous serez ici.*

⁵² Da viagem de Flaubert à Bretanha, com seu amigo Maxime Du Camp, resulta a publicação do diário de viagem *Par les champs et par les grèves*, de 1852, (JACOBS, 1981, p. 33).

⁵³ *Mais quand vous serez à Paris, qui vous empêchera de pousser jusqu'à Croisset où tout le monde vous adore, y compris moi.*

⁵⁴ *Une question tout d'abord: quand venez-vous à Croisset avec mon ami Maurice?*

⁵⁵ *Nous nous connaissons bien peu. Venez donc me voir quand vous aurez le temps.*

⁵⁶ *Veux-tu venir à Nohant avec moi, changer d'air, ne fût-ce que deux ou trois jours.*

oportunidade para convidá-lo para jantar em Palaiseau [...]”⁵⁷” (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 63). Mas não há registro na correspondência de que ele tenha ido, como há registro das outras visitas⁵⁸.

Como vimos, conhecer novos lugares fazia parte da forma de escrever dos dois autores no que diz respeito à ambientação de seus romances. Ou seja, fazia parte do processo criativo de Flaubert e Sand. Jacobs (1981, p. 10) observa que Sand desenvolveu esse hábito na última década de sua vida, talvez, segundo ele, por influência de Flaubert, que sempre agiu assim. Aparentemente os amigos visitavam os lugares onde se passavam os romances por motivos diferentes. Flaubert fazia isso para se prover de documentos que retratassem os lugares onde se passavam as histórias de seus livros. Para Sand bastava ver o lugar, ela procurava conhecer os cenários para não correr o risco de descrever um tipo de paisagem que não existia de fato. Em carta de 14/06/1867, sobre o romance *Mademoiselle Merquem*, Sand escreve ao amigo: “[...] eu preciso, para continuar meu romance, ver uma paisagem do canal da Mancha que ainda não tenha sido falada por todo mundo e onde haja moradores reais.”⁵⁹” (SAND, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 151)

As visitas às casas em que viveram mostram o início de uma aproximação, um contato pessoal amistoso entre as duas famílias e não mais apenas entre os dois amigos. O interesse dos escritores um pelo outro se expandia para além do que eram suas obras literárias, fazendo parte da construção desta grande amizade da qual falamos aqui, e a partir da qual discutiriam temas que povoariam sua correspondência. Jacobs (1981, p. 89) afirma que a amizade entre Sand e Flaubert já era muito forte em novembro de 1866. A aproximação familiar é percebida em cartas como a de Flaubert, logo após a primeira visita de Sand a Croisset: “Só se fala da senhora desde que foi embora. Afinal, a senhora agradou a todo mundo.”⁶⁰ (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 73), e naquela que ele escreve depois de sua primeira visita a Nohant: “Durante toda a viagem (de volta) fiquei pensando em Nohant. Não tenho como dizer o quanto me enterneci com sua recepção. Como vocês todos são bravos e amáveis! Maurice parece um homem feliz por excelência. E eu não consegui evitar de invejá-lo, é isso⁶¹!” (FLAUBERT,

⁵⁷ *J'attends qu'il fasse beau pour vous demander de venir dîner à Palaiseau.*

⁵⁸ Apesar de alguns autores, como André Maurois (autor da biografia de Sand intitulada “Lélia ou a vida de George Sand”), afirmarem que Flaubert ia a Palaiseau com frequência para consolar a amiga após a morte de Manceau, Jacobs afirma que ele nunca foi realmente (1981, p. 56-57).

⁵⁹ [...] *J'ai besoin, pour continuer mon roman, de voir un paysage de la Manche, dont tout le monde n'ait pas parlé, et où il y ait de vrais habitants [...]*

⁶⁰ *On ne fait que parler de vous depuis votre départ. Car vous avez extrêmement plu à tout le monde.*

⁶¹ *Pendant toute la route je n'ai pensé qu'à Nohant. Je ne peux pas vous dire combien je suis attendri de votre réception. Quels braves et aimables gens vous faites tous ! Maurice me semble l'homme heureux par excellence. Et je ne puis m'empêcher de l'envier, voilà!*

1869 apud JACOBS, 1981, p. 264). Depois da primeira visita que Sand fez a Croisset, ela escreve a Flaubert:

Em primeiro lugar, abraça por mim sua querida mãe e sua sobrinha encantadora. [...] Minha cabeça está repleta de Rouen, dos monumentos, das casas excêntricas. Tudo isso visto com vocês me toca duas vezes. Mas sua casa, seu jardim, sua cidadela, é como um sonho, e parece que ainda estou nele.⁶² (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 72).

E em 14 de novembro de 1866, após a segunda visita que fez a Croisset, ela escreve: “Eu fiquei muito feliz durante os oito dias que passei com vocês. Nenhum problema, um bom menino, uma paisagem bonita, corações amorosos, e sua linda e franca figura que tem algo de paternal⁶³” (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 94). A partir do que eles escrevem nessas cartas podemos vislumbrar o quanto o acolhimento que receberam das famílias um do outro não apenas não passou despercebido, mas também os encantou.

1.2.1.4 Os comércios

É recorrente, na correspondência, Flaubert e Sand pedirem dicas um ao outro sobre prestadores de serviço ou comerciantes. Ao começar uma nova pesquisa, e não querendo comprar todos os livros que consultaria, Flaubert questiona a amiga: “Como vou começar um livro que vai exigir de mim uma leitura extensa, e já que não quero me arruinar comprando livros, a senhora conhece, em Paris, algum livreiro que poderia me alugar todos os livros que eu lhe indicasse?⁶⁴” (FLAUBERT, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 393). Ao que Sand responde: “Não posso indicar um livreiro onde você possa alugar os livros. Sobre esses assuntos procuro Mario Proth⁶⁵ e não sei onde ele encontra.⁶⁶” (SAND, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 394). Em outro momento trocam informações sobre o endereço de um sapateiro: em novembro de 1866, Sand escreve a Flaubert: “Amanhã eu saio e compro os sapatos de sua querida mamãe⁶⁷” (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 93). “[...] a senhora me passe o endereço de seu famoso

⁶² *Embrassez d'abord pour moi votre bonne mère et votre charmante nièce. Je suis vraiment touchée du bon accueil que j'ai reçu dans votre milieu de chanoine. [...] J'ai la tête pleine de Rouen, de monuments, de maisons bizarres. Tout cela vu avec vous me frappe doublement. Mais votre maison, votre jardin, votre citadelle, c'est comme un rêve et il me semble que j'y suis encore.*

⁶³ *J'ai été très heureuse, pendant ces huit jours, auprès de vous; aucun souci, un bon nid, un beau paysage, des cœurs affectueux et votre belle et franche figure qui a quelque chose de paternel.*

⁶⁴ *Comme je vais commencer un bouquin qui exigera de moi de grandes lectures, et que je ne veux pas me ruiner en livres, connaissez-vous à Paris un libraire quelconque qui pourrait me louer tous les livres que je lui désignerais?*

⁶⁵ Mario Proth 1832-1891, jornalista, crítico literário e escritor francês.

⁶⁶ *Je ne peux te renseigner sur le libraire dont tu as besoin pour louer des livres. Je m'adresse pour ces choses là à Mario Proth et je ne sais pas où il trouve*

⁶⁷ *Demain, je sors et j'achète les souliers de votre chère maman.*

sapateiro⁶⁸” (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 109), pede Flaubert em carta de 15 de dezembro de 1866. Sand responde, em 17 de dezembro de 1866, informando que Simonin morava na rua Richelieu, nº 15. A sra. Flaubert pediu o endereço do sapateiro de Sand, depois da visita da escritora a Croisset. Não temos como saber por que, pois não há registro a esse respeito na correspondência.

Em outras cartas, ao discutirem a literatura como uma “mercadoria”, em clara referência aos comerciantes de livros, Sand escreve ao amigo: “A partir do momento em que a literatura se torna uma mercadoria, o vendedor aprecia apenas o cliente que a compra, e se o cliente deprecia o objeto, o vendedor declara ao autor que a mercadoria não agrada.⁶⁹” (SAND, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 409); Flaubert responde que não há como resolver essa questão, que o jeito seria suprimir os intermediários entre o produtor e o comprador.

Podemos ver a presença dos comércios, na correspondência, como mais uma forma de aproximação das famílias Flaubert-Sand, em que os dois amigos são solidários e têm afinidades no que diz respeito ao bem-estar dos seus.

1.2.1.5 As casas em que viveram

Ainda no que diz respeito aos lugares da correspondência, cabe aqui uma breve menção aos locais em que viveram Sand e Flaubert. Gustave Flaubert e sua mãe moravam em Croisset e, segundo Michel Winock (2013, p. 99), a propriedade era uma grande casa burguesa do século XVIII, situada a quatro quilômetros de Rouen, na comuna de Canteleu, margem direita do Rio Sena, do qual estava separada por um caminho de terra. Na correspondência, encontramos referência a essa casa em algumas cartas, como a que Sand escreve em 10 de novembro de 1866, logo depois de voltar de sua segunda visita ao amigo: “Fiquei sozinha até a metade do caminho, pensando no senhor, na sua mãe, em Croisset e olhando o Sena [...].⁷⁰” (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 37). Em carta de 29 de abril de 1872, Flaubert escreve a Sand: “Aconteça o que acontecer, vou manter minha casa de Croisset. Será meu refúgio e talvez até minha única habitação.⁷¹” (FLAUBERT, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 385).

⁶⁸ *Donnez-moi l'adresse de votre fameux cordonnier.*

⁶⁹ *Du moment que la littérature est une marchandise, le vendeur qui l'exploite n'apprécie que le client qui achète, et, si le client déprécie l'objet, le vendeur déclare à l'auteur que sa marchandise ne plaît pas.*

⁷⁰ *J'ai fait la moitié de la route seule, pensant à vous et à la maman, à Croisset, et regardant la Seine.*

⁷¹ *Quoi qu'il advienne, je garderai mon appartement de Croisset. Ce sera mon refuge, et peut-être même mon unique habitation.* Quando a mãe de Flaubert morreu (em início de abril de 1872), deixou em testamento a propriedade de Croisset a sua neta Caroline, exigindo que ela permitisse que Gustave continuasse morando lá enquanto ele vivesse ou enquanto ele quisesse. (WINOCK, 2013, p. 537.)

George Sand tinha quatro anos quando seu pai morreu. Ela e sua mãe foram então morar em Nohant, na casa de sua avó paterna; em 1812, sua mãe partiu definitivamente para Paris, deixando-a aos cuidados da avó, segundo Jacobs (1981, p. 25). Nohant é mencionada várias vezes ao longo da correspondência, como em carta de Sand, datada de 23 de outubro de 1866, em que ela escreve: “Ah, se eu pudesse lhe enviar o sol de Nohant! Ele está esplêndido.”⁷² (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 86); ou em carta de Flaubert, de 6 de fevereiro de 1867, em que ele sinaliza interesse em conhecer o lugar: “É muito gentil de sua parte me convidar para ir a Nohant. Eu irei. Afinal, tenho muita vontade de conhecer sua casa”⁷³. (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 125). Em carta de 7 de maio de 1875, Sand menciona os dois endereços: “Nohant agora está cheia de flores, do topo das árvores aos gramados; e Croisset deve estar ainda mais bonito porque é fresco.”⁷⁴ (SAND, 1875 apud JACOBS, 1981, p. 495).

Em junho de 1864, George Sand e seu companheiro Manceau se instalaram numa casa em Palaiseau, localidade próxima a Paris. Mas em agosto de 1865 Manceau morreu. Então, Sand voltou a morar em Nohant, conservando a casa de Palaiseau até abril de 1869, quando vendeu a propriedade (JACOBS, 1981, p. 30, 227). Dentre as cartas em que a casa de Palaiseau é citada, destacamos uma, datada de 30/11/1866: “Boa noite, caro irmão. Meus carinhos a todos os seus. Voltei para minha solidão de Palaiseau, adoro! Voltarei a Paris segunda-feira”⁷⁵. (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 105). Na ocasião da venda da casa de Palaiseau, Sand escreveu a Flaubert: “Hoje eu vendi Palaiseau a um mestre sapateiro [...]”⁷⁶ (SAND, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 227).

Os dois amigos tinham mais contato um com o outro por carta do que pessoalmente, “amizade sem presença, portanto”⁷⁷ (POYET, 2013, p. 22). E quando se encontravam, normalmente era em Paris, aonde ambos iam com frequência e onde tinham cada um seu alojamento, mas, como já foi mencionado, chegaram a ir à casa um do outro. Segundo Thierry Poyet (2013, p. 22), Flaubert foi duas vezes a Nohant e Sand três vezes a Croisset. Na verdade Flaubert também foi 3 vezes a Nohant, mas a última foi para o funeral de Sand.

Nas casas em que moravam, criaram cada um a sua rotina de trabalho e de vida, escreviam e liam sua correspondência, escreviam e reliam seus romances, e conviviam em

⁷² *Si je pouvais vous porter le soleil de Nohant ! Il est splendide.*

⁷³ *Vous êtes bien gentille avec votre invitation d'aller à Nohant. J'irai, car j'ai grande envie de voir votre maison.*

⁷⁴ *Nohant est maintenant ruisselant de fleurs, de la cime des arbres aux gazons; Croisset doit être encore plus joli car il est frais[...]*

⁷⁵ *Bonsoir cher frère. Mes tendresses à tous les vôtres. Je suis revenue à ma solitude de Palaiseau. Je l'aime. Je m'en retourne à Paris lundi.*

⁷⁶ *J'ai vendu Palaiseau aujourd'hui, à un maître cordonnier[...]*

⁷⁷ *L'amitié sans la présence, donc.*

família. Segundo Michelle Perrot⁷⁸(2018, p. 324), Sand precisava de solidão para escrever. Ela ia dormir quase às 7h da manhã, e repousava até às 13h, convivendo com a família e amigos até às 22h, quando voltava ao trabalho até o dia seguinte⁷⁹. Vargas Llosa (2015, p. 81-82) afirma que Flaubert também precisava de silêncio para escrever. Acordava-se ao meio-dia, e às 14h ia para seu escritório onde trabalhava até às 19 ou 20h, quando parava para jantar, voltando ao trabalho logo depois, até às 2 ou 3h.

1.2.2 TEMAS DA CORRESPONDÊNCIA

Neste diálogo epistolar nos deparamos com fatos e personagens da vida real, e as cartas podem ser lidas como uma narrativa da relação entre George Sand e Gustave Flaubert. Através delas os dois amigos discutem vários temas, entre os quais optamos por destacar: a amizade deles; os “tormentos do estilo” (*affres du style*) de Flaubert; a forma como cada um deles se relacionava com a natureza; a produção teatral dos dois escritores; a literatura e as opiniões dos dois amigos sobre ela; e a homenagem que cada um faz ao outro dedicando uma de suas obras ao amigo.

1.2.2.1 A amizade na correspondência

Como sabemos, a amizade é um tema ancestral na literatura e na filosofia. Montaigne já afirmava: “Não há nada, aparentemente, para onde a natureza nos direcione mais do que para a sociedade. Aristóteles afirma que os bons legisladores se preocuparam mais com a amizade do que com a justiça. O ponto mais alto da perfeição é a amizade.⁸⁰” (MONTAIGNE, 1965. p. 264). Também na correspondência entre os dois escritores franceses a amizade é um tema de interesse.

Sand e Flaubert, às vezes, se tratavam por apelidos que usavam em algumas cartas, Flaubert era o *Cruchard*, o *Polycarpe*, e Sand era a *Marengo Lirondelle*, por exemplo, e os dois eram *Goulard* e o *Velho Trovador*, ou apenas *Trovador*. Essa é uma das formas através das quais podemos perceber a intimidade entre eles ao longo da correspondência. Mas normalmente Flaubert chamava Sand de “Cara mestre”, (*Chère maître*), em algumas cartas acabava

⁷⁸ Michelle Perrot, autora da biografia de G. Sand intitulada *George Sand à Nohant – Une Maison d'Artiste*.

⁷⁹ Perrot acrescenta que foi em Nohant que Sand escreveu quase toda sua obra (2018, p. 343).

⁸⁰ *Il n'est rien à quoi il semble que nature nous ait plus acheminé qu'à la société. Et dit Aristote que les bons législateurs ont eu plus de soin de l'amitié que de la justice. Or le dernier point de sa perfection est celui-ci.* Montaigne. *Essais*, Gallimard, 1965.

escrevendo “Caro mestre” (*Cher maître*), no masculino.

Como já vimos, a ligação entre eles, segundo Jacobs (1981), não era romântica. Jacobs afirma que não há nenhum vestígio de algo assim nem na correspondência nem nas agendas ou diários dos dois; era apenas uma grande amizade com pedidos de favores e frequentes debates a respeito de diversos assuntos. Assim, os autores vão traçando um percurso sempre contemporâneo (a eles, naturalmente), e ao lermos as cartas compartilhamos a força expressiva de Gustave Flaubert e George Sand. A própria relação de Flaubert e Sand está presente na correspondência como objeto em diversos momentos.

As duas primeiras cartas escolhidas para representar esse tema dizem respeito à primeira das três visitas que George Sand fez à casa de Flaubert em Croisset ao longo da relação que mantiveram. Essa visita marca o momento em que Sand conhece pessoalmente a família (mãe e sobrinha) de Flaubert. A primeira carta foi escrita em 24 de agosto de 1866, por Flaubert, antes da visita da amiga. Nela lemos: “A senhora deve ter recebido uma palavrinha, pelo telégrafo, dizendo que seu quarto a espera. Então, dormirá aqui⁸¹”. (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 69). Logo depois da visita, ele escreve: “Ninguém resiste à involuntária sedução de sua pessoa. Será preciso que volte aqui, hein? E para ficar mais tempo.⁸²” (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 73).

A próxima carta traz um comentário de Sand depois dessa primeira visita, além de uma mudança no pronome de tratamento que dispensa a Flaubert. Datada de 31 de agosto de 1866, sobre sua estadia em Croisset, Sand escreve: “Não esqueça de mim junto de tão amáveis amigas. Eu realmente fiquei muito feliz na casa de vocês⁸³”. No parágrafo seguinte, acrescenta: “E *vous* é um menino corajoso e bom, mesmo já sendo um grande homem, e eu o amo de todo coração.⁸⁴” (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 72). Nessa carta, escrita depois da visita, o solene *vous*, passa a ser *tu*. Na França o tratamento formal era e ainda é uma regra social importante. Adultos se tratam por *vous* (senhor, senhora), enquanto o *tu* (que optamos por traduzir como “você”) é um tratamento reservado a crianças, namorados/as e pessoas da família. A esse respeito, Thierry Poyet (2013, p. 9-10) cita registro de maio de 1869, quando houve um estranhamento durante um jantar na casa da princesa Mathilde, em que Sand fala um *tu*

⁸¹ *Vous avez dû recevoir un petit mot, par le télégraphe, pour vous dire que votre chambre vous attend. Donc vous coucherez ici.*

⁸² *On ne tient pas contre l'irrésistible et involontaire séduction de votre personne. Il faudra revenir, hein? E pour plus de temps.*

⁸³ *[...]. Ne m'oubliez pas auprès des très aimables amies, j'ai été vraiment très heureuse chez vous.*

⁸⁴ *Et puis, toi, tu es un brave et bon garçon, tout grand homme que tu es, et je t'aime de tout mon coeur.*

direcionado a Flaubert. Os convivas se entreolham e depois, no dia seguinte, questionam se os dois seriam amantes ou se entre eles aquele era apenas um tratamento de camaradagem.

Nas cartas, a partir de 31 de agosto de 1866, ela usava *tu*, que mesmo estando presente, ainda não é um *tu* definitivo, pois, segundo Jacobs (1981, p. 72, nota n. 35), durante algum tempo *tu* ainda vai ser mesclado com *vous*, mas é o começo de uma mudança que vai se tornar definitiva no ano seguinte. De acordo com Winock (2013, p. 469), Flaubert sempre tratou Sand com um *vous*, deferente e definitivo, e Sand teria passado a tratar Flaubert informalmente porque quando ficaram amigos ela tinha 55 anos e ele 37, e ela se sentiria autorizada por essa diferença de idade. Lecrerc (2013, p. 125) afirma que Flaubert tinha dificuldade para tratar as pessoas de maneira informal. Fora sua família, os amigos de infância e algumas poucas pessoas muito próximas, era formal e chegava até a ser distante. Lecrerc ressalta ainda que os livros de Sand faziam parte das leituras de juventude de Flaubert, mas deixa em aberto tanto a possibilidade de que ele nunca atravessou a fronteira da formalidade com Sand por esse motivo ou devido ao fato de ela ser 17 anos mais velha do que ele.

Quando refletimos sobre as opções de tradução das formas de tratamento usadas pelos dois amigos, pensamos na repercussão que essa escolha poderia ter. Entre as possibilidades consideradas, poderíamos ter optado por padronizar a forma de tratamento, traduzindo a fala de ambos como *você*, o que possivelmente não causaria espanto ao público brasileiro, já que no Brasil é comum que amigos usem esse pronome um com o outro, ou poderíamos traduzir *vous* por *senhor/a*, e o *tu* por *tu*, pois o pronome também existe em português, ainda que habitualmente seja mais comum em algumas regiões do Brasil. No interior do Rio Grande do Sul, por exemplo, normalmente se fala *sr./sra.* e *tu*. Lá, ainda hoje há certo estranhamento quando alguém usa *você* como pronome de tratamento. Assim, optamos aqui por tentar manter uma distinção que existe na cultura francesa e que, como já mencionamos, era importante no século XIX e ainda é no século XXI. Dessa forma, nas traduções das cartas escritas por Flaubert usamos *senhora* e nas da Sand, *você*.

Não apenas nas cartas já citadas vemos essas demonstrações da aproximação e da camaradagem entre os dois escritores. Depois da segunda visita de Sand, em novembro de 1866, Flaubert escreve a ela:

Fiquei com uns parafusos frouxos depois de sua partida. Parece que não a vejo há dez anos! meu único assunto com minha mãe é a senhora. Todos aqui a amam. A senhora nasceu em qual constelação, para trazer em si qualidades tão diversas, tão numerosas e tão raras!? Eu não sei que tipo de sentimento tenho pela senhora, mas é uma ternura particular e que nunca senti por

ninguém até agora⁸⁵. (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 91).

Em outro momento, Sand escreve: “Não se sinta obrigado a me escrever quando não tiver vontade. Nenhuma amizade é verdadeira sem liberdade absoluta.⁸⁶” (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 99).

Tricotel (1978, p. 60) acredita que a segunda visita de Sand a Croisset foi determinante para a consolidação da ligação entre os dois escritores, o que considera surpreendente; ele ainda chama atenção para a grande surpresa que é essa amizade por unir dois seres totalmente diferentes. Suas divergências provocarão aborrecimentos em ambos, mas nunca irão atrapalhar o tratamento terno entre eles.

A amizade, não apenas com Flaubert, parece ser muito importante para Sand. Em maio de 1870, ela escreve a Flaubert, a respeito de seu amigo Rollinat⁸⁷: “[...] meu verdadeiro amigo, cujo sentimento da diferença dos sexos nunca atrapalhou nosso afeto puro, mesmo quando éramos jovens.⁸⁸” (SAND, 1870 apud JACOBS, 1981, p. 295).

Montaigne (1972, p. 97) afirma não ser possível uma amizade plena, considerada por ele de ordem elevada, entre um homem e uma mulher, e em seu “ensaio sobre a amizade” afirma: “Nossa afeição pelas mulheres, embora proveniente de nossa escolha, não poderia comparar-se à amizade nem a substituir.⁸⁹” (MONTAIGNE, 1972, p. 96). Aparentemente, quase três séculos após a morte do filósofo, George Sand conseguiu algo muito próximo a isso; talvez com Rollinat, talvez com Flaubert.

Na “Ética a Nicômaco” (ARISTÓTELES, 1991, p. 173-174⁹⁰), lemos que para serem amigas, as pessoas devem se conhecer e desejar o bem umas das outras, e que é através da amizade que os Estados se mantêm unidos. O autor também acredita que a amizade não é apenas necessária, mas também nobre, porque admiramos os que amam os seus amigos e ter amigos seria um privilégio; e como já foi comentado, para ele os legisladores têm mais amor à amizade do que à justiça. “Os que amam um amigo amam o que é bom para eles mesmos; porque o homem bom, ao tornar-se amigo, passa a ser um bem para o seu amigo.” (ARISTÓTELES,

⁸⁵ *Je suis tout dévissé depuis votre départ ; il me semble que je ne vous ai pas vue depuis dix ans. Mon unique sujet de conversation avec ma mère est de parler de vous, tout le monde ici vous chérit. Sous quelle constellation êtes-vous donc née pour réunir dans votre personne des qualités si diverses, si nombreuses, et si rares! Je ne sais pas quelle espèce de sentiment je vous porte, mais j'éprouve pour vous une tendresse particulière et que je n'ai ressentie pour personne, jusqu'à présent.*

⁸⁶ *Tu n'es pas forcé de m'écrire quand tu n'es pas en train. Pas de vraie amitié sans liberté absolue.*

⁸⁷ François Rollinat morreu em 13 de agosto de 1867. Ele e Sand foram amigos por 35 anos (Jacobs, p. 150, nota nº 85).

⁸⁸ *[...] l'ami véritable, dont le sentiment de la différence des sexes n'avait jamais entamé la pure affection, même quand nous étions jeunes.*

⁸⁹ Tradução de Sérgio Milliet.

⁹⁰ Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim.

1991, p. 178).

Na ligação de Flaubert e Sand, como vemos na correspondência, ambos desejam o bem um ao outro e pensam bem um do outro. Ambos também ignoram suas desigualdades de gênero, idade e notoriedade, sendo um para o outro o “velho trovador”, expressão pela qual, sem nenhum sacrifício, cultivam, discutem e, em alguns momentos, até admiram seus contrastes.

Sand afirma mais de uma vez na correspondência que Flaubert é um homem bom. Acreditamos que esse tipo de afirmação ilustra em alguma medida o que afirmou Aristóteles. Em carta de 31 de julho de 1868, ela escreve ao amigo: “Você é tão bom que não consegue ser mau.⁹¹” (SAND, 1868 apud JACOBS, 1981, p. 188). E em 17 de dezembro de 1869: “Você vem para uma casa de crianças, eu aviso, e como você é bom e carinhoso, gosta de crianças.⁹²” (SAND, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 261). Em 27/12/1866, Flaubert, que também exercitava a valorização de sua cara mestre usando o elogio, escreve: “[...] o que posso fazer de melhor é comparar a senhora a um grande rio da América: Imensidão e doçura.⁹³” (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 112). E em 13/04/1867: “Perdoe minha fraqueza, a senhora que é tão forte e tão tolerante!⁹⁴” (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 135). Em 10/12/1869 ele escreve: “Sinto a necessidade de lhe dizer coisas carinhosas. Trago tantas no coração que não me vem nenhuma na ponta dos dedos. Como a senhora é boa e que bravo homem!⁹⁵” (FLAUBERT, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 258).

A tranquilidade e a segurança mútua que ambos demonstram nessas cartas são sentimentos que também acabam fomentando o vínculo dos dois, ainda que à distância. Observamos assim a convivência de dois escritores que tinham na escrita das cartas uma forma de se manter em contato, contato este que com certeza era desejado pelos dois, pois do contrário não ocorreria. Podemos perceber a confiança e a admiração de ambos em seu interlocutor. Os conselhos e observações oferecidos e recebidos e principalmente as conexões entre as duas sensibilidades, tudo isso, para eles era convívio, apreço e um relacionamento social, cuja divergência de perspectivas e comportamentos acaba por nutrir, provocando a reflexão de seu correspondente e a sua própria.

⁹¹ *Tu es si bon que tu ne peux pas être méchant.*

⁹² *Tu viens chez des enfants, je t'en avertis, et comme tu es bon et tendre, tu aimes les enfants.*

⁹³ *Je ne peux mieux vous comparer qu'à un grand fleuve d'Amérique : Enormité et Douceur.*

⁹⁴ *Pardonnez-moi cette faiblesse, vous qui êtes si Forte et si tolérante!*

⁹⁵ *J'éprouve le besoin de vous dire des tendresses. J'en ai tant dans le coeur qu'il ne m'en vient pas une au bout des doigts. Quelle bonne femme vous faites, et quel brave homme !*

1.2.2.2 Tormentos do estilo

Flaubert, como veremos, tinha uma grande dificuldade para se concentrar, e isso o angustiava. Eram seus “tormentos do estilo” (*affres du style*), como ele mesmo denomina. A esse respeito, Vargas Llosa afirma:

O estilo foi a grande obsessão de Flaubert, a raiz dos enormes sofrimentos que cada livro significou para ele. [...] E é assombrosa, em seus manuscritos, a prolixidade com que cada frase foi feita, desfeita e refeita, atendendo escrupulosamente aos requisitos de sonoridade, harmonia, precisão e visualidade. (LLOSA, 2015, p. 236).

De acordo com Jean-Paul Sartre (1988, p. 599), Flaubert acreditava que ele mesmo poderia discernir entre a boa e a má qualidade de seu trabalho e quando aprovava completamente o que tinha escrito, o trabalho estava terminado. Não gostava de sugestões para alterar seus textos, e não os entregava a revisores. Então, a partir de 1838, ele vive numa ansiedade eterna colocando a si próprio em xeque a cada palavra que escreve. Para Tricotel (1978, p. 74), sua procura pela “palavra exata”, era o que o fazia sofrer, ele parava a cada frase, cada palavra, pois para ele a arte é a coincidência entre a ideia profundamente sentida e a forma.

Em carta de novembro de 1866, Flaubert escreve a Sand:

A senhora não sabe o que é passar um dia inteiro com a cabeça entre as mãos pressionando a infeliz, procurando uma palavra. A ideia flui facilmente no seu cérebro, incessante como um rio. Em mim é uma gota fina d’água, preciso de um grande esforço artístico antes de conseguir uma cascata. Ah! Eu conheço os tormentos do estilo! Enfim, passo a vida corroendo meu coração e meu cérebro. Eis o mais profundo de seu amigo⁹⁶ (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 99-100).

Sand escreve em resposta: “O que o senhor faz parece tão fácil, tão rico, é um transbordamento eterno. Não consigo entender sua angústia.⁹⁷” (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 105). Flaubert então declara que nem ele mesmo a entende:

Não estou nem um pouco surpreso que a senhora não entenda nada das minhas angústias literárias! Eu também não as entendo. Mas, no entanto, elas existem e são violentas. Já não sei como fazer para escrever, e só consigo expressar um

⁹⁶ *Vous ne savez pas, vous, ce que c'est que de rester toute une journée la tête dans ses deux mains à pressurer sa malheureuse tête pour trouver un mot. L'idée coule chez vous largement, incessamment comme un fleuve. Chez moi c'est un mince filet d'eau, il me faut de grands travaux d'art avant d'obtenir une cascade. Ah ! je les aurai connus [sic], les Affres du style ! Bref je passe ma vie à me ronger le coeur et la cervelle. Voilà le vrai fond de votre ami.*

⁹⁷ *Ce que vous faites paraît si facile, si abondant! c'est un trop plein perpétuel, je ne comprends rien à votre angoisse.*

por cento de minhas ideias depois de tatear infinitamente⁹⁸ (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 106).

Conforme Jacobs (1981, p. 218-19), os manuscritos das cartas que Flaubert escrevia a Sand aparentavam certo nervosismo, continham linhas acrescentadas, rasuras, margens cobertas de rabiscos adicionados depois. Da mesma forma de quando escrevia um romance, em sua correspondência Flaubert também tinha preocupação com a escrita, pois para rabiscar as cartas era preciso reler o que estava escrito, e só depois fazer alterações. Ele apenas não “passava a limpo” os textos da correspondência, como fazia com os romances, e por isso suas cartas continham rasuras. As cartas de George Sand, por outro lado, refletiam sua placidez e serenidade; a escrita seguia de uma ponta à outra da folha, sem parágrafos, páginas inteiras sem rasuras, o que não significa que fosse de alguma forma desleixada com o que escrevia. Nas cartas que escrevia (pelo menos a Sand), segundo Jacobs (1981, p. 19), Flaubert abreviava várias palavras, assim às vezes ele escreve *pr* (*pour*), *qq* (*quelque*), *qqe* (*quoique*), *gd* (*grand*), *1er* (*premier*), etc. Ainda segundo Jacobs (1981, p. 20-21), raramente o escritor usava ponto ou vírgula se a frase terminasse no final da linha; usava muito o travessão no lugar da vírgula, do ponto, do ponto e vírgula e dos dois pontos; colocava uma vírgula (ou travessão) entre o sujeito e o verbo, o verbo e o complemento etc. Ele também usava o ponto de interrogação de forma particular, colocando-o no fim de frases que expressavam uma suposição ou uma dúvida, e raramente acentuava as palavras, dando a impressão de que escrevia seus textos de forma mais relaxada, como se para escrever uma carta o escritor utilizasse um estilo próprio para esse tipo de escrita, quase como se fosse uma assinatura dele.

De acordo com Michel Winock (2013, p. 142-143), a disciplina e a obstinação de Flaubert pelo trabalho, bem como sua insatisfação quase permanente diante da frase escrita, o desejo de perfeição e o desespero quando não consegue atingir esses objetivos acabam atrasando em anos suas publicações; Winock afirma ainda que Flaubert sofre em busca de harmonia, e até mesmo de ritmo nas frases, pois escrevia palavra por palavra seus romances buscando produzir frases que fossem simétricas e agradáveis. Flaubert escreve em setembro de 1866 a sua amiga Sand: “[...] passo minha vida tentando escrever frases harmoniosas, evitando as assonâncias.”⁹⁹ (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 82), depois, em dezembro do mesmo ano: “[...] há dois dias inteiros eu viro e reviro um parágrafo sem chegar a nenhuma

⁹⁸ *Je ne suis pas du tout surpris que vous ne compreniez rien à mes angoisses littéraires! Je n'y comprends rien moi-même. Mais elles existent pourtant, et violentes. Je ne sais plus comment il faut s'y prendre pour écrire et j'arrive à exprimer la centième partie de mes idées, après des tâtonnements infinis.*

⁹⁹ *[...] je passe ma vie à tâcher de faire des phrases harmonieuses en évitant les assonances [...].*

conclusão. Tem hora que dá vontade de chorar! [...]”¹⁰⁰ (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 107). E em janeiro de 1869: “E quanto ao meu furor pelo trabalho, eu compararia a um prurido. Eu me coço gritando. É ao mesmo tempo um prazer e um suplício¹⁰¹.” (FLAUBERT, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 209). Os excertos citados trazem a representação do que Winock (2013, p. 229) chama de obstinação de Flaubert em evitar repetições, assonâncias, o excesso das palavras "quem" e "quê", e em buscar a harmonia musical. Sobre isso, especificamente, lemos em carta de Flaubert a Sand de 30 de outubro de 1867, depois de Flaubert receber um elogio por seu romance *Salammbô*, que ela tinha acabado de reler: “Não escondo o prazer que me deu o que a senhora disse sobre *Salammbô*. Esse livro precisava da redução de certas expressões; ele tem muitos *então, mas, e e*. dá para perceber o trabalho¹⁰²!” (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 159)

Para Michel Brix¹⁰³ (2013, p. 50-51), Sand percebe ao ler *Madame Bovary* e *Salammbô* que ali começava uma renovação profunda na arte do romance. Brix aponta também, no que diz respeito à escrita da literatura, que a correspondência Flaubert-Sand é totalmente voltada para as preocupações de Flaubert. Talvez porque cada um deles concebia e escrevia suas histórias de formas diferentes. Ao mesmo tempo em que certo perfeccionismo era uma característica importante na obra de Flaubert, este passava longe de Sand. Vincent (1917, p. 208-209) afirma que Sand não tinha dificuldade para encontrar as tramas de seus romances. Logo depois de receber uma das cartas com queixas de Flaubert sobre o quanto era árdua a empreitada de construir um texto, Sand responde “Quando vejo o quanto meu *velho* se esforça para escrever um romance, desconfio de minha facilidade e fico pensando que escrevo literatura muito mal”¹⁰⁴ (SAND, 1867 apud JACOBS, 1981, p.149). Em 27 de março de 1875, Flaubert assina assim sua carta para Sand: “Seu Cruchard está cada vez mais fendido, se *fenda* for a palavra exata, porque posso sentir o conteúdo escoando¹⁰⁵” (FLAUBERT, 1875 apud JACOBS, 1981, p. 495).

A escrita e a reescrita constantes de Flaubert talvez o fizessem sofrer justamente porque ele sabia aonde queria chegar, o que buscava como resultado, mas demorava para encontrar o

¹⁰⁰ [...] *voilà deux jours entiers que je tourne et retourne un paragraphe sans en venir en bout [sic].*

¹⁰¹ *Quant à ma rage de travail, je la comparerai à une dartre. Je me gratte en criant. C'est à la fois un plaisir et un supplice.*

¹⁰² *Je ne cache pas le plaisir que m'a fait votre petit mot sur Salammbô. Ce bouquin-là aurait besoin d'être allégé de certaines inversions; il y a trop d'alors, de mais et de et. On sent le travail.* Segundo Jacobs (1981, p 160 – nota nº 111) nas edições posteriores de *Salammbô*, Flaubert realmente podou o texto do romance. (Nas edições de 1874 e 1879).

¹⁰³ Michel Brix in: *Lectures de la correspondance Flaubert-Sand – Des vérités de raison et de sentiment*

¹⁰⁴ *Quand je vois le mal que mon vieux se donne pour faire un roman, ça me décourage de ma facilité, et je me dis que je le fais de la littérature savetée.*

¹⁰⁵ *Votre Cruchard de plus en plus fêlé, si fêlé est le mot juste, car je sens le contenu qui fuit*

que procurava, possivelmente porque abrir caminhos novos, ser pioneiro e inovar o que já está estabelecido é sempre uma tarefa muito difícil.

1.2.2.3 As relações com a natureza

Este tema, além de representar um aspecto importante da vida de Sand no século XIX, é muito contemporâneo, sendo tratado atualmente na literatura, principalmente a partir dos anos 2000, por escritores como Davi Kopenawa¹⁰⁶, Daniel Munduruku¹⁰⁷ e Ailton Krenak¹⁰⁸, para citar alguns autores.

Em 2 de novembro de 2021, a Jornalista Elsa Mourgues publicou no site da Radio France¹⁰⁹, um documento intitulado “George Sand, autora do alerta ecológico e salvadora de Fontainebleau”¹¹⁰. Nesse documento, destaca brevemente a atuação de Sand em 1872 em defesa da floresta que estava ameaçada de ter uma parte derrubada para a exploração da madeira. George Sand escreveu então um texto de doze páginas, publicado no jornal *Le Temps*. Era um manifesto ambiental em que alertava para os perigos e as consequências do desmatamento, da seca da terra, da superprodução e do esgotamento dos recursos naturais. Mourgues destaca a seguinte frase de Sand no manifesto: “Se não tomarmos cuidado, a árvore vai desaparecer e o fim do planeta virá do ressecamento, sem cataclismo necessário, por culpa do homem.¹¹¹”. Sua ação foi vitoriosa. A floresta foi preservada. Ainda que haja diferenças entre o que escreveu Sand e o que se escreve hoje sobre o meio ambiente, o objetivo é o mesmo, qual seja, preservar a natureza.

Atualmente, a respeito do mundo natural, Davi Kopenawa adverte: “A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa.¹¹²” (KOPENAWA, 2015, p. 6). Na visão de Ailton Krenak (2020, p. 29), não podemos viver separados da natureza. Podemos até nos distinguir dela em nosso pensamento, dentro da cabeça, mas não como organismo vivo.

¹⁰⁶ Xamã e porta-voz dos Yanomami.

¹⁰⁷ Escritor e professor brasileiro, formado em filosofia, história e psicologia; doutor em educação pela USP; que pertence à etnia indígena Munduruku.

¹⁰⁸ Escritor e líder indígena do povo Krenak.

¹⁰⁹ <https://www.radiofrance.fr/franceculture/george-sand-lanceuse-d-alerte-ecolo-et-sauveuse-de-fontainebleau-4047709> — site visitado em 12/09/2022.

¹¹⁰ *George Sand, lanceuse d'alerte écolo et sauveuse de Fontainebleau*

¹¹¹ *Si on n'y prend garde, l'arbre disparaîtra et la fin de la planète viendra par dessèchement, sans cataclysme nécessaire, par la faute de l'homme*

¹¹² Publicado originalmente em francês com o título *La Chute du ciel: Paroles d'un chaman yanomami* a obra tem tradução de Beatriz Perrone-Moises.

Como tema, “a relação com a natureza” está neste estudo porque faz parte da correspondência Flaubert-Sand e porque é fundamental na vida de Sand. A escritora tinha uma relação importante com montanhas, árvores, animais etc., era muito ligada a sua região, o Berry, e ao campo. Ela fazia caminhadas longas, nadava em seu pequeno rio gelado – a própria Sand declara isso em carta a Flaubert de 18/09/1868: “Eu me joga todos os dias numa pequena torrente gelada que me empurra e me faz dormir como uma joia.¹¹³” (SAND, 1868 apud JACOBS, 1981, p. 195). Segundo Michelle Perrot (2018, p. 230, 283), a verdadeira paixão de Sand foi a botânica. Perrot acredita que seu interesse pela zona rural vem principalmente de sua vontade de ter contato com a natureza, da qual se sentia “uma parte, pedra, planta ou pássaro (mais que borboleta)”¹¹⁴ (PERROT, 2018, p. 283). Esse seu gosto, que não se manifestava em Flaubert (PERROT, 2018, p. 221), aparece não apenas na correspondência, quando ela fala de suas relações com o meio ambiente a Flaubert ou quando o aconselha a caminhar e aproveitar as paisagens, mas também em sua obra, principalmente em seus romances rurais como *La Mare au Diable*, *François le Champi*, e *La Petite Fadette*, entre outros, trazendo a experiência de sua relação visceral com a terra para sua escrita. Para L. Vincent (1919, p. 28), a natureza foi a paixão mais duradoura da vida da escritora. George Sand amou não apenas a terra com um amor sincero e terno, mas também aqueles que a ela se dedicaram, trabalhando muito para torná-la frutífera. Vincent destaca ainda que nesses romances rurais ela descreve as paisagens do Berry, região do interior da França, onde morou durante a maior parte de sua vida.

Sand citou a Flaubert “a natureza” em várias cartas. Em 12/06/1867: “Desde que eu comecei a colocar meu nariz na verdadeira natureza, encontrei ali uma ordem, uma continuidade, uma placidez de revoluções que faltam ao homem¹¹⁵” (SAND, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 143). Em 21/12/1867: “O velho que como eu ama a natureza, as viagens e as flores, as rochas, as grandes paisagens [...]”¹¹⁶ (SAND, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 165).

Em 22/11/1872:

[...] que outono quente e benéfico para os velhos! Temos, a duas horas daqui, bosques absolutamente desertos onde, no dia seguinte à chuva, fica tão seco como um cômodo da casa e onde ainda há flores para mim e insetos para Maurice. As meninas correm como coelhos nos arbustos mais altos que elas.

¹¹³ *je me flanque tous les jours dans un petit torrent glacé qui me bouscule et me fait dormir comme un bijou.*

¹¹⁴ *Une parcelle, pierre, plante ou oiseau (plus que papillon)*

¹¹⁵ *Depuis que j'ai mis le nez dans la vraie nature, j'ai trouvé là un ordre, une suite, une placidité de révolutions qui manquent à l'homme*

¹¹⁶ *Au vieux qui, comme moi, aime la nature, le voyage et les fleurs, les roches, les grands paysages,*

Meu Deus, como é boa a vida quando tudo o que você ama está vivo e fervilhante [...] ¹¹⁷. (SAND, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 403).

Em 8 de dezembro de 1872: “O que eu adoraria, era me dedicar totalmente à botânica, isso seria o paraíso na terra para mim. Mas eu não posso [...] ¹¹⁸”. (SAND, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 413). Em 3 de outubro de 1873: “Que clima admirável em nosso campo! Eu ainda vou todos os dias mergulhar na água fria do meu riozinho, onde me restabeleço ¹¹⁹” (SAND, 1873 apud JACOBS, 1981, p. 442). E em janeiro de 1876: “[...] estamos soterrados sob a neve; adoro esse tempo! Esta brancura é como uma purificação total, e as brincadeiras do interior são mais íntimas e mais agradáveis. Podemos odiar o inverno no campo? A neve é um dos espetáculos mais lindos do ano! ¹²⁰” (SAND, 1876 apud JACOBS, 1981, p. 515). Ainda que tenha respondido a essas cartas, as respostas de Flaubert, em 08/07/1867, 01/01/1868, 12/12/1872, 30/10/1873 e 06/02/1876, não mencionam os comentários de Sand sobre a natureza. Em carta de 1867, Flaubert conta sua caminhada como um conselho de Sand que teria aceitado: “Segui seus conselhos, cara mestre. Fiz exercícios! Estou bem, hein? Domingo à noite, onze horas, tinha um luar sobre o rio e sobre a neve e fui tomado por um impulso de locomoção. E saí a andar por duas horas e meia. ¹²¹”. ¹²² (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 121). Em 1869, Flaubert escreve:

Admiro muito as ocupações de Maurice e sua vida tão saudável ¹²³! Mas eu não sou capaz de imitá-lo. A natureza, longe de me fortificar, me esgota. Quando me deito na relva, parece que já estou embaixo da terra e que pés de alface começam a brotar na minha barriga. Seu trovador é um homem naturalmente doente. Só gosto do campo em viagem porque, então, a independência do meu indivíduo me faz passar por cima da consciência do meu nada. ¹²⁴ (FLAUBERT, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 236).

¹¹⁷ [...] *quel automne chaud et bienfaisant pour les vieux! Nous avons, à deux heures d'ici, des bois absolument déserts où, au lendemain de la pluie, il fait aussi sec que dans une chambre et où il y a encore des fleurs pour moi et des insectes pour Maurice. Les petites filles courent comme des lapins dans des bruyères plus hautes qu'elles. Mon Dieu, que la vie est bonne quand tout ce qu'on aime est vivant et grouillant [...].*

¹¹⁸ *Ce que j'aimerais, ce serait de me livrer absolument à la botanique, ce serait pour moi le Paradis sur la terre. Mais il ne faut pas.*

¹¹⁹ *Quel temps admirable dans nos campagnes! Je vais encore tous les jours me plonger dans le bouillon froid de ma petite rivière et je me rétablis.*

¹²⁰ *Nous sommes ensevelis sous la neige ; c'est un temps que j'adore : cette blancheur est comme une purification générale, et les amusements de l'intérieur sont plus intimes et plus doux. Peut-on haïr l'hiver à la campagne! La neige est un des plus beaux spectacles de l'année !*

¹²¹ *J'ai suivi vos conseils, chère maître, j'ai fait de l'exercice!!! Suis-je beau, hein? Dimanche soir, à onze heures, il y avait un tel clair de lune sur la rivière et sur la neige que j'ai été pris d'un prurit de locomotion et je me suis promené pendant deux heures et demie.*

¹²² Perrot (2018, p. 221) afirma que Flaubert ficava confinado dentro de casa e nem ao menos tinha o hábito de ir até o jardim.

¹²³ Referência à prática da agricultura por Maurice e Lina. Nota 52 de Jacobs, 1981, p. 236.

¹²⁴ *J'admire les occupations de Maurice, et sa vie si salubre! Mais je ne suis pas capable de l'imiter. La nature, loin de me fortifier, m'épuise. Quand je me couche sur l'herbe, il me semble que je suis déjà sous terre, et que les*

As referências à natureza permeavam o pensamento e vida de Sand e onde quer que ela estivesse, prestava atenção nesse aspecto do lugar, assim, seus comentários sobre o tema foram feitos também nas cartas escritas de sua casa em Palaiseau, que aparentemente Flaubert não conhecia, pois Sand descreve, ainda que superficialmente, o local para ele em carta de 22 de novembro de 1866:

Aqui estou, sozinha em minha casinha. O jardineiro e sua família vivem noutra construção no quintal, e nós somos a última casa do povoado, isolados no campo, que é um oásis encantador. Prados, bois, pomares [...] um riacho que corre mudo sob os salgueiros, um silêncio... Ah, mas parece que estamos no fundo de uma floresta virgem: o único que fala é o pequeno fluxo da fonte que empilha sem parar diamantes ao luar.¹²⁵ (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 98).

A essa referência, que mais uma vez fala sobre a natureza, Flaubert também não fez menção, ainda que tenha respondido a carta em 27/11/1866.

Quando Sand comprou a casa de Palaiseau, descreveu a propriedade como: “[...] um prato de vegetação com um pequeno diamante de água no meio, tudo isso colocado numa paisagem admirável.¹²⁶” (SAND apud MAUROIS, 1956, p. 396). Para André Maurois, o verdadeiro talento de Sand sempre esteve ligado ao amor pela terra. Quando Sand estava em seu leito de morte, instantes antes de morrer, “Solange e Lina estavam sós perto da cama quando ouviram: ‘adeus, adeus, vou morrer’, depois uma frase ininteligível que terminava assim: ‘Deixem... folhagem’¹²⁷” (MAUROIS, 1956, p. 445). Michelle Perrot (2018, p. 397) acrescenta que Sand morreu numa cama que sua filha Solange colocou perto da janela quando a escritora ficou doente, acamada, para que ela pudesse ver as plantas, abundantes na propriedade.

Além de seus romances campestres, para George Sand a relação entre as pessoas e o meio ambiente era importante na vida como um todo, não apenas na vida dela. Ela acreditava que a parte humana em nós era feita de natureza, e que esta tinha as melhores respostas para nossa vida com sua “linguagem imperecível”, por sermos parte dela, enquanto as coisas vindas de alguma elaboração, ou manipulação, dos homens eram menos importantes. Ao receber de

pieds de salade commencent à pousser dans mon ventre. Votre troubadour est un homme naturellement malsain. Je n'aime la campagne qu'en voyage parce qu'alors l'indépendance de mon individu me fait passer par-dessus la conscience de mon néant.

¹²⁵ *Me voilà toute seule dans ma maisonnette. Le jardinier et son ménage logent dans le pavillon du jardin, et nous sommes la dernière maison au bas du village, tout isolés dans la campagne, qui est une oasis ravissante. Des prés, des bois, des pommiers [...] un ruisseau qui passe muet sous les saules; un silence... ah! mais il me semble qu'on est au fond de la forêt vierge : rien ne parle que le petit jet de la source qui empile sans relâche des diamants au clair de la lune.*

¹²⁶ Tradução de Olga Biar Laino.

¹²⁷ Idem.

Flaubert a seguinte afirmação, escrita em 03/07/1874: “Eu não sou homem da Natureza. E não entendo nada de países que não têm história. Eu daria todas as geleiras da Suíça para o Museu do Vaticano.¹²⁸” (FLAUBERT, 1874 apud JACOBS, 1981, p. 475), Sand responde em carta que demonstra de forma muito expressiva a importância que ela vê no conjunto de elementos que formam o mundo natural, com relação aos seres humanos:

Você não quer ser um homem da natureza. Pior para você, desde então, atribui demasiada importância aos detalhes das coisas humanas e não diz a si mesmo que existe em você uma força natural que desafia os *se* e os *mas* da tagarelice humana. Somos da natureza, na natureza, pela natureza e para a natureza. O talento, a vontade, o dom, são fenômenos naturais como o lago, o vulcão, a montanha, o vento, a estrela, a nuvem. O que o homem manipula é gentil ou feio, engenhoso ou tolo; o que ele recebe da natureza é bom ou ruim, mas *é*. Existe e sobrevive. Não é à intriga da apreciação, chamada crítica, que ele deve perguntar o que fez nem o que deve fazer. A crítica não entende nada disso. O negócio dela é bisbilhotar. Só a natureza sabe falar à inteligência, uma linguagem imperecível, sempre a mesma, porque não sai da verdade eterna, do belo absoluto. O difícil quando você viaja é encontrar a natureza, porque em todos os lugares o homem a arranjou e por quase todos a danificou. É por isso que você se aborrece com ela, provavelmente, porque em toda parte ela aparece camuflada ou mascarada. No entanto, as geleiras ainda estão intactas, suponho¹²⁹. (SAND, 1874 apud JACOBS, 1981, p. 476)

As posições de Sand e a de Flaubert são contraditórias, e ecoam em nosso tempo, sendo ambas bastante comuns atualmente, ainda que, provavelmente, na época em que viveram houvesse muito mais florestas e matas intocadas, rios limpos, e quantidade de animais e flores dentro delas, do que agora. Chamamos a atenção para esta reflexão contemporânea, que nos leva diretamente a esse tema de nossa discussão, no que diz respeito ao convívio harmonioso com o meio ambiente: “Devemos defender nossa floresta para podermos comer mandioca e bananas quando temos a barriga vazia, para podermos moquear macacos e antas quando temos fome de carne. Devemos também proteger seus rios, para podermos beber e pescar.” (KOPENAWA, 2015, p. 391).

¹²⁸ *Je ne suis pas l'homme de la Nature. Et je ne comprends rien aux pays qui n'ont pas d'histoire. Je donnerais tous les glaciers de la Suisse, pour le musée du Vatican.*

¹²⁹ *Tu ne veux pas être l'homme de la nature. Tant pis pour toi, tu attaches dès lors trop d'importance au détail des choses humaines et tu ne te dis pas qu'il y a en toi-même une force naturelle qui défie les si et les mais du bavardage humain. Nous sommes de la nature, dans la nature, par la nature et pour la nature. Le talent, la volonté, le génie, sont des phénomènes naturels comme le lac, le volcan, la montagne, le vent, l'astre, le nuage. Ce que l'homme tripote est gentil ou laid, ingénieux ou bête; ce qu'il reçoit de la nature est bon ou mauvais, mais cela est. Cela existe et subsiste. Ce n'est pas au tripotage d'appréciation appelé la critique, qu'il doit demander ce qu'il a fait et ce qu'il veut faire. La critique n'en sait rien. Son affaire est de jaser. La nature seule sait parler à l'intelligence, une langue impérissable, toujours la même, parce qu'elle ne sort pas du vrai éternel, du beau absolu. Le difficile quand on voyage c'est de trouver la nature, parce que partout l'homme l'a arrangée et presque partout gâtée. C'est pour cela que tu t'ennuies d'elle probablement, tout elle t'apparaît déguisé ou travestie. Pourtant les glaciers sont encore intacts je présume.*

1.2.2.4 A produção teatral

Poderíamos ter optado por trazer um dos textos dramáticos que Flaubert e Sand escreveram para pautar esta discussão, porém não o fizemos para que fosse possível demonstrar justamente aquilo que eles expressaram em sua correspondência, em textos que emitem suas opiniões, e não em textos literários e dramáticos, o que acaba abrangendo uma pluralidade de situações, e até mesmo revelando alguma característica do temperamento de ambos e da vivência deles com o mundo da dramaturgia.

Mais para Sand do que para Flaubert, a cena teatral foi importante. Cada um deles escreveu espetáculos para encenação, como veremos, e Sand fez adaptações de alguns romances para a dramaturgia também. A correspondência apresenta esse tema em algumas cartas, através de observações sobre as peças e convites para os espetáculos, mas não observamos de forma mais direta, nesta troca epistolar, comentários sobre o processo criativo de cada um deles.

Segundo Jacobs (1891, p. 55), Flaubert acreditava que Sand cedia muito às exigências dos editores e diretores de teatro, o que seria uma falta de dignidade profissional. Talvez ele tivesse razão, já que Sand não escondia que escrevia para ganhar dinheiro, como já vimos, e não tinha o mesmo tipo de relação que Flaubert tinha com seus textos. Mas Flaubert também cedia. Para o espetáculo *Le Candidat*, Carvalho, diretor do teatro Vaudeville, exige alterações, correções e complementos, e o autor cede, ainda que tenha ficado indignado por fazê-lo. A esse respeito, em carta a sua sobrinha Caroline, ele escreve: “Estou, mais do que nunca, irascível, intolerante, antissocial, exagerado, *São-Polycarpiano*. Não é na minha idade que mudamos!”¹³⁰ (FLAUBERT apud WINOCK, 2013, p. 554)

Em julho de 1866, de acordo com Jacobs (1981, p. 66), Sand escreveu com seu filho Maurice o espetáculo *Don Juan de Village*. E em 31/07 escreveu a Flaubert: “[...] estreará uma peça de meu filho e minha, no dia 10.”¹³¹ (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 66). Flaubert responde em 04/08: “[...] com certeza estarei na estreia de sua peça.”¹³² (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 67)¹³³. Em 02 de setembro de 1866, Sand escreve a Flaubert: “Pediram-me, no Odéon, para apresentar uma peça fantástica, *A Noite de Natal*, do teatro de Nohant. Eu

¹³⁰ *Je suis, plus que jamais, irascible, intolérant, insociable, exagéré, Saint-Polycarpien. Ce n'est pas à mon âge qu'on se corrige!*

¹³¹ *Puis on joue une pièce de mon fils et de moi le 10.*

¹³² *Je serai certainement à la première de votre pièce.*

¹³³ Segundo Jacobs (1981, p. 68), a peça *Don Juan de Village* estreou em 10/08/1866 no Teatro Vaudeville e Flaubert assistiu à estreia. A peça foi rejeitada pelo público.

não quero, a peça não é muito boa.¹³⁴” (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 73). Em 10/09/1868, ela escreve: “Escrevi a você de Nohant, há uns quinze dias, para dizer que estava indo a Paris, por causa de *Cadio*¹³⁵. [...] Escrevi quatro cenas do drama em oito dias, e minha tarefa acaba com o fim dos ensaios¹³⁶” (SAND, 1868 apud JACOBS, 1981, p. 193). Em 13/10/1869, ela escreve sobre os diretores dos teatros: “os diretores são trapaceiros? Não, mas são desajeitados e estão sempre com medo de ficar sem peças, e acabam aceitando peças demais, com a expectativa que elas não façam sucesso.¹³⁷” (SAND, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 248). Em 07/12/1869, Flaubert escreve: “Outra história: ontem Raphaël e Michel Lévy ouviram a leitura do *Conto de Fadas*¹³⁸. Aplausos, entusiasmo. Vi o momento em que o contrato seria assinado, próximo passo. Raphaël compreendeu tão bem a peça que fez duas ou três críticas excelentes!¹³⁹” (FLAUBERT, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 256). Sobre a mesma peça, escreve em 21/02/1870: “O *Conto de Fadas* foi, mais uma vez, recusado, apesar de o acharem ‘muito bom’.¹⁴⁰” (FLAUBERT, 1870 apud JACOBS, 1981, p. 277). Segundo Winock (2013, p. 389) a peça nunca chegou a ser montada. Sand escreve a Flaubert em 19/01/1870: “Eu não o vi no teatro. A peça¹⁴¹ foi aplaudida e vaiada, mais aplaudida que vaiada. Berton é muito bonito. Sarah¹⁴² muito bonita, mas tinha personagens desinteressantes e muitos atores ruins em segundo plano.¹⁴³” (SAND, 1870 apud JACOBS, 1981, p. 272). Em 20/02/1870 ela escreve: “*L’Autre* será quinta, sexta ou depois. Seu sobrinho e sua sobrinha preferem as poltronas da plateia ou das galerias? Será impossível conseguir um camarote. Diga uma palavra e enviarei seus lugares.¹⁴⁴” (SAND, 1870 apud JACOBS, 1981, p. 276). Flaubert e sua sobrinha assistem à peça em 19/03/1870 (carta do dia 20): “Ontem à noite eu vi *L’Autre* e chorei várias vezes. Fez-

¹³⁴ *On me demande à l’Odéon de faire jouer une pièce fantastique: la Nuit de Noël du théâtre de Nohant, je ne veux pas, c’est trop peu de chose.*

¹³⁵ Drama em cinco atos de Sand.

¹³⁶ *Je t’ai écrit Nohant, il y a environ quinze jours, que je parlais pour Paris, afin de m’occuper de Cadio: [...]. J’ai écrit, depuis huit jours, quatre tableaux du drame, et ma besogne est finie jusqu’à la fin des répétitions*

¹³⁷ *Les directeurs sont-ils des coquins? Non, mais des maladroits qui ont toujours peur de manquer de pièces et qui en reçoivent trop, dans la prévision qu’elles n’auront pas de succès.*

¹³⁸ Trata-se de *Le Château des Cœurs*, de Flaubert e Louis de Bouilhet em 1863 e revisado em 1869.

¹³⁹ *Autre histoire: hier Raphaël et Michel Lévy ont entendu la lecture de la féerie. Applaudissements, enthousiasme. J’ai vu le moment où le traité allait être signé séance tenante. Raphaël a si bien compris la pièce, qu’il m’a fait deux ou trois critiques excellentes*

¹⁴⁰ *La Féerie a été derechef, refusée, quoiqu’un la trouve “très bien”.*

¹⁴¹ *L’Affranchi de Pompée*, peça de Latour-Saint-Ybars.

¹⁴² Sarah Bernhardt.

¹⁴³ *Je ne t’ai pas vu au théâtre. La pièce applaudie et sifflée, plus applaudie que sifflée. Berton très beau. Sarah très jolie, mais point d’intérêt dans les personnages et trop d’acteurs de second plan*

¹⁴⁴ *L’Autre passera jeudi, vendredi au plus tard. Ton neveu et ta nièce iront-ils aux fauteuils de galerie ou de balcon? Impossible d’avoir une loge. Si oui, un mot et je t’enverrai ces places*

me muito bem. Como é terno e arrebatador. Que bela obra!¹⁴⁵” (FLAUBERT, 1870 apud JACOBS, 1981, p. 285).

Enquanto reescrevia *Le Sexe faible*, Flaubert desabafa com Sand sobre a linguagem da escrita teatral; em 31/05/1873 escreve: “Que maneira horrível de escrever é essa que convém ao palco! Elipses, suspensões, interrogações e repetições devem ser providenciadas se quisermos que haja movimento! e tudo isso, em si, é muito feio.¹⁴⁶” (FLAUBERT, 1873 apud JACOBS, 1981, p. 434). Pouco tempo depois, em 30/10/1873, Flaubert sinaliza que está começando a se cansar de escrever para teatro, embora ainda continue esse tipo de escrita por mais algum tempo: “o estilo teatral está começando a me aborrecer. Essas frases curtas e esse estalido contínuo me irritam como água com gás, que a princípio te agrada e que não demora a parecer água podre¹⁴⁷” (FLAUBERT, 1873 apud JACOBS, 1981, p. 444). Sand responde à carta em 10/11/1873, mas não faz observações sobre esse comentário.

Em 14/07/1874, Flaubert escreve a Sand:

Por falar em peças, vou me expor mais uma vez aos insultos da população e dos maus jornalistas. O diretor do teatro de Cluny, a quem enviei “Sexo Frágil”, escreveu-me uma carta de admiração e está disposto a encenar essa peça em outubro. Ele conta com um grande sucesso de bilheteria.¹⁴⁸ (FLAUBERT, 1874 apud JACOBS, 1981, p. 477).

Mais adiante, na mesma carta e sobre a mesma peça: “[...] eis uma obra dramática declarada pelos diretores do Vaudeville e de Cluny ‘perfeita’, pela diretoria do Francês ‘impossível de montar’ e pela do Odeon ‘a ser refeita do início ao fim’”¹⁴⁹. Flaubert acabou retirando a peça de Cluny antes da estreia e a levou para o *Théâtre du Gymnase*, afirma Lottman (1989, p. 404).

Uma das peças que rendeu mais comentários e até críticas tanto de Sand quanto de seu autor, Flaubert, foi *Le Candidat*, sátira em quatro atos que estreou no Teatro Vaudeville (já extinto), em março de 1874, como veremos. Em 20/07/1873 ele escreveu: “Como adquirir o hábito, durante seis semanas, de ver as coisas teatralmente, de pensar dialogicamente, não é que comecei a construir o plano!? É outra peça, intitulada *Le Candidat*. Meu projeto escrito ocupa

¹⁴⁵ *Hier soir j'ai vu L'Autre et j'ai pleuré à diverses reprises. Ça m'a fait du bien. Voilà! Comme c'est tendre et exaltant. Quelle Jolie œuvre!*

¹⁴⁶ *Quelle vilaine manière d'écrire que celle qui convient à la scène! Les ellipses, les suspensions, les interrogations et les répétitions doivent être prodiguées si l'on veut qu'il y ait du mouvement! et tout cela, en soi, est fort laid.*

¹⁴⁷ *Le style théâtral commence à m'agacer. Ces petites phrases courtes, ce pétitement continu m'irrite à la manière de l'eau de Seltz, qui d'abord fait plaisir et qui ne tarde pas à vous sembler de l'eau pourrie.*

¹⁴⁸ *A propos de pièces, je vais, derechef, m'exposer aux injures de la populace et des folliculaires. Le directeur du théâtre de Cluny, à qui j'ai porté le Sexe faible, m'a écrit une lettre admirative et se dispose à jouer cette pièce au mois d'octobre. Il compte sur un grand succès d'argent.*

¹⁴⁹ *[...] voilà une œuvre dramatique déclarée par les directeurs du Vaudeville et de Cluny ‘parfaite’, par celui des Français ‘injouable’ et par celui de l’Odéon ‘à refaire d’un bout à l’autre’.*

vinte páginas¹⁵⁰” (FLAUBERT, 1873 apud JACOBS, 1981, p. 357). E em 31/12/1873: “Já começaram os ensaios de *O Candidato*, e a coisa vai aparecer nos palcos no início de fevereiro. Carvalho parece muito feliz, no entanto me fez fundir dois atos em um, o que torna o primeiro ato desproporcionalmente longo!¹⁵¹” (FLAUBERT, 1873 apud JACOBS, 1981, p. 447). Sand responde a essa carta em 03/01/1874 e comenta de forma breve sobre a peça: “Nós desejamos a você um grande sucesso [...] Mantenha-me informada sobre a peça, e não fique doente neste inverno terrível. ¹⁵²” (SAND, 1874 apud JACOBS, 1981, p. 451). De acordo com Winock, (2013, p. 555), a estreia foi em 11/03/1874, e infelizmente a peça não fez o sucesso esperado por Carvalho nem foi bem recebida, como era esperado por Flaubert; o público até a aplaudiu na estreia, mas na verdade teve uma acolhida glacial e na quarta apresentação Flaubert cancelou tudo. Após o cancelamento, escreve a Sand (15/03): “Não quero que vaiem meus atores!¹⁵³” (FLAUBERT, 1874 apud JACOBS, 1981, p. 459). A peça foi publicada em livro, e Flaubert enviou um exemplar para Sand, afirma Jacobs (1981, p. 461). Após a ler Sand escreve ao amigo criticando a peça. Entre outras coisas, afirma: “Durante a leitura a peça não foi divertida, ao contrário, ela é triste. A verdade é que ela não tem graça, e como a gente não se interessa por nenhum personagem, acaba não se interessando pela ação.¹⁵⁴” (SAND, 1874 apud JACOBS, 1981, p. 461). Em sua resposta, Flaubert agradece a carta e acrescenta as próprias críticas à montagem. Ele cita coisas específicas do espetáculo: “fechar a cortina após a reunião eleitoral”, “remover a carta anônima que é redundante”, “inverter a ordem das cenas do 4º ato.” ¹⁵⁵, etc. Flaubert afirma ainda na mesma carta: “o assunto é bom, mas eu o perdi.¹⁵⁶” (FLAUBERT, 1874 apud JACOBS, 1981, p. 463). Winock (2013, p. 554) destaca que o percurso da peça foi tenso desde o começo. Primeiro o autor teve que alterar parte do texto por exigência da casa de espetáculos, depois precisou fazer uma apresentação para os censores, e quando finalmente conseguiu a licença para estrear foi rejeitada pelo público, justificando assim a suspensão do espetáculo após a quarta apresentação.

¹⁵⁰ *Comme j'avais pris l'habitude, pendant six semaines, de voir les choses théâtralement, de penser par le dialogue, ne voilà-t-il pas que je me suis mis à construire le plan*

d'une autre pièce! laquelle a pour titre : le Candidat. -Mon plan écrit occupe vingt pages.

¹⁵¹ *Les répétitions du Candidat sont commencées, et la chose paraîtra sur les planches au commencement de février. Carvalho. m'en a l'air très content ? néanmoins, a tenu à me faire fondre deux actes en un seul, ce qui rend le premier acte d'une longueur démesurée!*

¹⁵² *On te souhaite un magnifique succès [...]. Tiens-moi au courant de ta pièce, et ne sois pas malade par ce vilain hiver.*

¹⁵³ *Je ne veux pas qu'on siffle mes acteurs!*

¹⁵⁴ *A la lecture la pièce n'est pas gaie. Elle est triste au contraire. C'est vrai que ça ne fait pas rire, et comme on ne s'intéresse à aucun des personnages, on ne s'intéresse pas à l'action.*

¹⁵⁵ *Baisser le rideau après la réunion électorale.* ¹⁵⁵ *Enlever la lettre anonyme qui fait double emploi, intervertir l'ordre des scènes du quatrième acte, etc.*

¹⁵⁶ *Le sujet était bon. Mais je l'ai raté.*

O espetáculo teatral ocupou um lugar importante na vida de Flaubert e na da família inteira de Sand. Segundo Jacobs (1981, p. 73, nota 37), em 1851 ela construiu para seu filho Maurice um teatro em Nohant, no qual encenavam principalmente marionetes, mas também outros tipos de espetáculo. Ao levar as encenações teatrais para o seio familiar, poderia unir duas coisas importantes para ela: a família e o teatro, num ambiente de confraternização e diversão. Parece natural que uma pessoa com a imaginação fértil como Sand tivesse afinidade com uma atividade em que não só era permitido, como também desejável expandir a imaginação e a criatividade, falando a língua do povo, que também era seu público. Michel Winock (2013, p. 16, 27) aponta que em suas brincadeiras de criança, Flaubert escrevia peças de teatro desde os 9 anos de idade e as encenava com seus amigos, o que nos faz pensar que talvez ele tivesse sonhado por muito tempo em escrever esse tipo de texto, que de certa forma não era novidade para ele, que frequentava teatros assistindo espetáculos.

Aparentemente, o que os dois amigos fizeram foi construir textos dramáticos a partir de bons e maus momentos, resolvendo paralelamente questões do próprio texto e também fora de cena, em suas vidas, e aos poucos foram compondo uma nova experiência de vida, num ambiente diferente da literatura. Para Sand, no teatro “é preciso pintar com cola, uma espécie de trapaça”¹⁵⁷ (SAND, 1874 apud JACOBS, 1981, p. 461). Pintar com cola deixa a pintura em alto relevo; de certa forma, era como se os personagens dos livros pudessem se materializar em cena, mas era ao mesmo tempo outro tipo de criação, como se cada personagem criado para a dramaturgia fosse desenvolvido a partir de uma matéria diferente daquela dos romances.

Não podemos esquecer que as duas artes – a produção literária e a dramática – continuam existindo e as peças escritas, assim como as adaptações baseadas em obras literárias também, e podem voltar aos palcos a qualquer momento.

1.2.2.5 A Escrita Literária

A escrita literária é mais um tema importante na correspondência Flaubert-Sand. Era o ofício de ambos e ainda mais que isso para Flaubert, que se realizou através dela produzindo não apenas histórias, mas também criando uma nova forma de escrevê-las. Tricotel (1978, p. 70) afirma que as opiniões literárias dos dois amigos não eram apenas diferentes, mas totalmente opostas, nas palavras de Sand em 10/10/1871: "seria necessário encontrar a relação e a concordância entre suas verdades da razão e minhas verdades do sentimento"¹⁵⁸. (SAND,

¹⁵⁷ *Il faut la peinture à la colle, une espèce de tricherie.*

¹⁵⁸ *Il faudrait trouver le lien et l'accord entre tes vérités de raison et mes vérités de sentiment.*

1871 apud JACOBS, 1981, p. 352). Sand escrevia extravasando os próprios sentimentos em seus textos, enquanto para Flaubert “Cada vez mais a Arte será científica¹⁵⁹” (FLAUBERT, 2005, p. 62). Tzvetan Todorov (2009, p. 83) destaca que a correspondência Flaubert-Sand foi importante por versar sobre literatura, verdade e moral, e que apesar de serem bons amigos, os dois escritores não compartilharam da mesma opinião sobre a literatura. Certamente, é por suas opiniões serem opostas que as discussões sobre literatura enriquecem a correspondência. Jacobs (1981, p. 49) afirma que para Flaubert era indiscutível que deveria esconder seus sentimentos, não se colocar na obra e não dar sua opinião. Michelle Perrot (2018, p. 259) destaca que para Sand a literatura não teria sido apenas uma vocação, mas uma necessidade econômica. Ainda segundo Perrot (2018, p. 263, 342), no começo de sua carreira, o ofício de escritora era para ela apenas um ganha-pão, e que mesmo assim ela se divertia com a escrita e realmente gostava de escrever. Thierry Poyet (2013, p. 177) comenta que o objetivo da romancista era publicar um livro por ano, o que permitiria que trabalhasse durante 2 ou 3 meses por ano durante três horas por dia em seus livros. Tricotel (1978, p. 22) destaca que Sand se coloca inteiramente em seus romances e é a substância deles. Poyet (2013, p. 137-138), acrescenta que Flaubert declarava publicamente que sua doutrina era “A arte pela Arte”, enquanto Sand se aplicava em incitar seu leitor a refletir sobre questões sociais. Vargas Llosa (2015, p. 252-253) afirma que para Flaubert todos os temas poderiam ser bons se fossem tratados adequadamente e que até os mais vulgares poderiam acabar se tornando os melhores. Para Llosa, Flaubert reivindicou o “tema comum” para o romance ao mesmo tempo em que exigia o pleno domínio da linguagem, com o objetivo, bem explorado em sua correspondência geral, de dar à prosa uma categoria artística que até então só a poesia tinha conquistado. A relação de Sand com a literatura era diferente. Em sua autobiografia *História da Minha Vida*, lemos: “Por gosto eu não teria escolhido a profissão de escritora, e ainda menos a posição de celebridade. Teria preferido viver do trabalho realizado por minhas mãos [...]”¹⁶⁰ (SAND, 2017, p. 463). Acompanhando a correspondência percebemos que Flaubert e Sand tinham em comum o interesse em ser verdadeiros em seus livros, isso era a base de seus escritos. Só que para ele o que importava acima de tudo era a beleza e a impessoalidade e para ela “A verdadeira realidade, que é a mistura entre o belo e o feio, o opaco e o brilhante, mas onde a vontade do bem ainda assim encontra seu lugar e seu uso.”¹⁶¹ (SAND, 1876 apud JACOBS, 1981, p. 519).

¹⁵⁹ Tradução de Carlos Eduardo Lima Machado.

¹⁶⁰ Tradução de Marcio Honorio de Godoy.

¹⁶¹ *La vraie réalité, qui est mêlée de beau et de laid, de terne et de brillant, mais où la volonté du bien, trouve quand même sa place et son emploi.*

Na correspondência, a literatura aparece como tema em vários momentos, como em carta de Flaubert a Sand de 05/12/1866: “[...] sinto uma repulsa invencível de colocar o meu coração no papel. Eu acho até que um romancista não tem o direito de expressar sua opinião sobre nada¹⁶²” (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 107); Sand responde em 07/12: “Não colocar o coração no que escrevemos? Não entendi nada, ah, mas não entendi nadinha mesmo. O que me parece é que não devemos colocar outra coisa na escrita¹⁶³” (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 110); nova resposta de Flaubert em 15/12/1866: “Eu me expressei mal quando disse ‘não devemos escrever com o coração’. Eu quis dizer: não colocar sua personalidade em cena. Acredito que a grande arte é científica e impessoal¹⁶⁴” (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 107). Em carta de 04/12/1872, Flaubert escreve: “[...] escrevo (falo de um autor que se respeite) não para o leitor de hoje, mas para todos os leitores que possam aparecer enquanto a língua viver.¹⁶⁵” (FLAUBERT, 1872 apud JACOBS, 1981, p.410); Sand responde dia 08/12:

Você quer escrever para todos os tempos [...] minha ideia foi, antes de tudo, agir sobre meus contemporâneos, ainda que apenas alguns, e de compartilhar com eles meu ideal de suavidade e poesia. [...] Para você o objetivo é mais amplo, eu vejo isso bem, e o sucesso mais longínquo¹⁶⁶. (SAND, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 412).

Em 02/12/1874, Flaubert escreve: “[...] a sensação dessa agonia me penetra e fico morto de tristeza. Quando não estou me torturando no trabalho, gemo por mim mesmo¹⁶⁷” (FLAUBERT, 1874 apud JACOBS, 1981, p. 485); Sand responde: “Você ama muito a literatura, ela vai matar você, e você não vai matar a estupidez humana¹⁶⁸” (SAND, 1874 apud JACOBS, 1981, p. 486). Em 27/03/1875, Flaubert escreve:

Meu colapso psíquico pode ser devido a alguma causa oculta? Eu me sinto velho, desgastado, cansado de tudo. E os outros me aborrecem tanto quanto eu mesmo. No entanto eu trabalho, mas sem entusiasmo e como quem faz um

¹⁶² *Et puis j'éprouve une répulsion invincible à mettre sur le papier quelque chose de mon coeur. Je trouve même qu'un romancier n'a pas le droit d'exprimer son opinion sur quoi que ce soit.*

¹⁶³ *Ne rien mettre de son coeur dans ce qu'on écrit? Je ne comprends pas du tout, oh! mais du tout. Moi, il me semble qu'on ne peut pas y mettre autre chose.*

¹⁶⁴ *Je me suis mal exprimé en vous disant « qu'il ne fallait pas écrire avec son coeur » ; j'ai voulu dire ne pas mettre sa personnalité en scène. Je crois que le grand art est scientifique et impersonnel*

¹⁶⁵ *Car j'écris (je parle d'un auteur qui se respecte) non pour le lecteur d'aujourd'hui, mais pour tous les lecteurs qui pourront se présenter, tant que la langue vivra*

¹⁶⁶ *Tu veux écrire pour tous les temps.[...] Mon idée a été plutôt d'agir sur mes contemporains, je fût-ce que sur quelques-uns, et de leur faire partager mon idéal de douceur et de poésie. [...] Pour toi le but est plus vaste, je le vois bien, et le succès plus lointain.*

¹⁶⁷ *[...] le sentiment de cette agonie me pénètre et je suis triste à crever. Quand je ne me torture pas sur ma besogne, je gémiss sur moi-même.*

¹⁶⁸ *Tu aimes trop la littérature; elle te tuera et tu ne tueras pas la bêtise humaine.*

trabalho chato. E talvez seja o trabalho que me deixa doente porque empreendi um livro insano.¹⁶⁹ (FLAUBERT, 1875 apud JACOBS, 1981, p. 494)

Não localizamos nenhuma resposta a essa carta.

Em 12 de janeiro de 1876, Sand escreve: “[...] não devemos escrever para vinte pessoas ou para três ou cem mil. Vamos escrever para todos aqueles que têm sede de ler e que podem se beneficiar de uma boa leitura.¹⁷⁰”; e mais adiante na mesma carta: “Se vocês mostrarem a ele¹⁷¹ friamente o mal sem nunca mostrar o bem, ele fica com raiva. [...] E com razão: a imparcialidade suprema é uma coisa não-humana e um romance deve ser humano acima de tudo.¹⁷²” (SAND, 1876 apud JACOBS, 1981, p. 518-519). Flaubert responde em 6 de fevereiro:

Quanto a deixar ver minha opinião pessoal sobre as pessoas que eu coloco em cena: não, não, mil vezes não! Eu não me reconheço o direito. Se o leitor não absorve de um livro a moralidade que deveria haver nele é porque o leitor é um tolo ou o livro está errado do ponto de vista da exatidão. Porque quando uma coisa é Verdadeira, é boa.¹⁷³ (FLAUBERT, 1876 apud JACOBS, 1981, p. 520).

Os próximos excertos são de uma mesma longa carta de Sand, de 18/12/1875:

O que nós faremos? Você, com certeza, causará a *desolação* e eu a *consolação*. [...] fica claro através da sua narrativa e você deixa as pessoas que o leem mais tristes. Eu gostaria de torná-las menos infelizes.¹⁷⁴ Eu sei que você censura a interferência da opinião pessoal na literatura. Será que você está certo? Não seria mais falta de convicção do que um princípio estético? Não se pode ter uma filosofia própria sem que ela venha à luz.¹⁷⁵; ... acredito que falta [...] a você, uma visão mais convicta e mais ampla sobre a vida. A arte não é somente a pintura. A verdadeira pintura está, aliás, repleta da alma que empurra o pincel. A arte não é só a crítica e a sátira. [...] Quero ver o homem como ele é. Ele não é bom ou mau. É bom e mau.¹⁷⁶; [...]. Parece-me

¹⁶⁹ *Mon affaïssement psychique doit tenir à quelque cause cachée? Je me sens vieux, usé, écaïuré de tout. Et les autres m'ennuient comme moi-même. Cependant je travaille, mais sans enthousiasme et comme on fait un pensum. Et c'est peut-être le travail qui me rend malade car j'ai entrepris un livre insensé?*

¹⁷⁰ *[...] il ne faut pas plus écrire pour vingt personnes que pour trois ou pour cent mille. Il faut écrire pour tous ceux qui ont soif de lire et qui peuvent profiter d'une bonne lecture.*

¹⁷¹ Vocês, os realistas. Ele, o leitor.

¹⁷² *Si vous lui montrez froidement le mal sans lui montrer jamais le bien, il se fâche. [...] Il a raison : la suprême impartialité est une chose antihumaine et un roman doit être humain avant tout.*

¹⁷³ *Quant à laisser voir mon opinion personnelle sur les gens que je mets en scène : non, non, mille fois non! Je ne m'en reconnais pas le droit. Si le lecteur ne tire pas d'un livre la moralité qui doit s'y trouver, c'est que le lecteur est un imbécile ou que le livre est faux au point de vue de l'exactitude. Car du moment qu'une chose est Vraie, elle est bonne.*

¹⁷⁴ *Que ferons-nous? Toi, à coup sûr, tu vas faire de la désolation et moi de la consolation. [...] on le voit bien à travers ton récit, et tu rends plus tristes les gens qui te lisent. Moi, je voudrais les rendre moins malheureux -*

¹⁷⁵ *Je sais que tu blâmes l'intervention de la doctrine personnelle dans la littérature. As-tu raison? n'est-ce pas plutôt manque de conviction que principe d'esthétique? On ne peut pas avoir une philosophie dans l'âme sans qu'elle se fasse jour.*

¹⁷⁶ *...je crois qu'il manque [...] à toi, une vue bien arrêtée et étendue sur la vie. L'art n'est pas seulement de la peinture. La vraie peinture est, d'ailleurs, pleine de l'âme qui pousse la brosse. L'art n'est pas seulement de la critique et de la satire [...]. Je veux voir l'homme tel qu'il est, il n'est pas bon ou mauvais, il est bon et mauvais*

que a sua escola não se preocupa com a profundidade das coisas e que se detém muito na superfície. De tanto procurar pela forma, desvaloriza o fundo. Dirige-se aos letrados. Mas não existem letrados propriamente ditos. Acima de tudo, somos homens. Queremos encontrar o homem no fundo de toda história e todo feito.¹⁷⁷ (SAND, 1875 apud JACOBS, 1981, p. 511)

Flaubert respondeu, em 31/12/1875:

Eu não faço a ‘desolação’ por prazer, pode acreditar! Mas não consigo mudar meus olhos! Quanto a minhas ‘faltas de convicção’, ai de mim! Convicções me sufocam. [...]. Mas dentro do ideal que tenho de arte, acredito que não se deve mostrar nada de seu, e que o artista não deveria aparecer mais em sua obra que Deus na natureza. O homem não é nada, a obra é tudo! [...] Eu penso como a senhora, mestre, que a Arte não é apenas crítica e sátira; e eu nunca tentei fazer, intencionalmente, nem uma nem outra. Sempre tentei chegar à alma das coisas e focar nas generalidades maiores [...]. Sem monstros e sem heróis!¹⁷⁸ (FLAUBERT, 1875 apud JACOBS, 1981, p. 513)

Quase no final da correspondência, em 3 de abril de 1876, Flaubert declara, mais uma vez, a questão da beleza da obra para ele:

[...] o que para mim é o objetivo da arte, a saber: Beleza. Lembro-me de perceber o coração acelerado, ao ter sentido um prazer violento ao contemplar uma parede da Acrópole [...]. Então! Eu me pergunto se um livro, independentemente do que ele diga, não pode produzir o mesmo efeito. Na precisão das montagens, a raridade dos elementos, o polimento da superfície, a harmonia do todo, não há alguma virtude intrínseca, algum tipo de forma divina, algo eterno como um princípio? (Falo platonicamente)¹⁷⁹. (FLAUBERT, 1876 apud JACOBS, 1981, p. 530).

Sand respondeu a ele em 5 de abril, mas sobre outros assuntos, e não se referiu a essa colocação de Flaubert.

Podemos inferir, pela leitura da maioria dos excertos citados até agora, de forma prática o lugar da escrita literária na vida de Sand e Flaubert, e então percebemos que a escrita de Flaubert é mais do que um texto, é uma concepção de criação literária, e é seu próprio papel

¹⁷⁷ *Il me semble que ton école ne se préoccupe pas du fond des choses et qu'elle s'arrête trop à la surface. A force de chercher la forme, elle fait trop bon marché du fond, elle s'adresse aux lettrés. Mais il n'y a pas de lettrés proprement dits. On est homme avant tout. On veut trouver l'homme au fond de toute histoire et de tout fait.*

¹⁷⁸ *Je ne fais pas « de la désolation » à plaisir, croyez-le bien! mais je ne peux pas changer mes yeux! Quant à mes « manques de conviction », hélas! les convictions m'étouffent. [...] Mais dans l'idéal que j'ai de l'art, je crois qu'on ne doit rien montrer des siennes, et que l'artiste ne doit pas plus apparaître dans son œuvre que Dieu dans la nature. L'homme n'est rien, l'œuvre tout! [...] Je pense comme vous, mon maître, que l'art n'est pas seulement de la critique et de la satire; aussi n'ai-je jamais essayé de faire, intentionnellement, ni de l'un ni de l'autre. Je me suis toujours efforcé d'aller dans l'âme des choses et de m'arrêter aux généralités les plus grandes [...]. Pas de monstres et pas de héros!*

¹⁷⁹ *Ce qui fait pour moi le but de l'art, à savoir: la Beauté. Je me souviens d'avoir eu des battements de coeur, d'avoir ressenti un plaisir violent en contemplant un mur de l'Acropole [...] Eh bien ! je me demande si un livre, indépendamment de ce qu'il dit, ne peut pas produire le même effet. Dans la précision des assemblages, la rareté des éléments, le poli de la surface, l'harmonie de l'ensemble, n'y a-t-il pas une vertu intrinsèque, une espèce de forme divine, quelque chose d'éternel comme un principe? (Je parle en platonicien).*

dentro de sua ética artística, papel este que ele honra e renova a cada nova obra, exercendo a neutralidade em que acreditava enquanto interagia com as palavras em busca da forma. A relação de Sand com esse mesmo ofício era voltada para a inclusão dos menos favorecidos e para a defesa de sua opinião sobre a sociedade, os direitos das mulheres e a valorização do campo.

Podemos perceber também que cada um deles tinha bem enraizada sua opinião, ainda que em alguns momentos pareça que um acabou influenciando o outro a experimentar algo novo em sua escrita, no sentido de modificar o que vinha sendo feito. E pode ser que tenham realmente feito esse exercício, ou talvez seja apenas uma impressão devido a pequenas mudanças feitas em algumas obras, quase como se fosse um experimento. Essa possibilidade mostraremos brevemente na exposição de nosso próximo tema.

1.2.2.6 Romance dedicado a Flaubert – Conto dedicado a Sand

Cada um dos dois amigos dedicou ao outro uma de suas obras escritas, e mais uma vez se comprova a ligação forte entre os dois correspondentes. Sand dedicou a Flaubert seu romance *Le Dernier Amour* (O Último Amor) e Flaubert dedicou a Sand seu conto *Un Coeur Simple* (Um Coração Simples), em mais uma prova de afeto e da importância da opinião de um para o outro, como veremos nas próximas cartas citadas.

Em carta de 14/05/1866, Sand escreve a Flaubert:

Caro amigo, preciso dizer que quero lhe dedicar o romance que vai sair. Mas como cada um pensa de um jeito a esse respeito – como diria Goulard –, quero saber se o senhor me autoriza a colocar no alto da minha primeira página: ‘Ao meu amigo Gustave Flaubert.’¹⁸⁰ (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 62)

Flaubert responde em 15/05: “Como assim? Mas com prazer! Com reconhecimento e carinho, cara Mestre!¹⁸¹” (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 63). O livro foi publicado na *Revue des Deux Mondes* em capítulos, no período entre 1º de julho e 15 de agosto. A publicação em volume só aconteceu em 1867, segundo Jacobs (1981, p. 65).

Flaubert escreveu a Sand em 29/05/1876: “A senhora verá em minha *Histoire d’un coeur simple*, na qual reconhecerá sua influência imediata, que eu não sou tão cabeça-dura como a senhora pensa. Acredito que a tendência moral, ou melhor, o lado humano dessa pequena obra

¹⁸⁰ *Cher ami, je viens vous dire que je désire vous dédier le roman qui va paraître. Mais comme chacun là-dessus a son idée — comme dirait Goulard —, je veux savoir si vous m'autorisez à mettre simplement en tête de ma première page: à mon ami Gustave Flaubert.*

¹⁸¹ *Comment donc! Mais avec plaisir! Avec reconnaissance et attendrissement, chère Maître.*

lhe será agradável¹⁸²!” (FLAUBERT, 1876 apud JACOBS, 1981, p. 533). George Sand recebeu essa carta, mas não teve tempo nem de respondê-la nem de ler o conto, pois caiu de cama¹⁸³ no mesmo dia em que a carta chegou, e morreu dez dias depois, em 08/06/1876. O conto só foi publicado em abril de 1877, afirma Jacobs (1981, p. 533).

Segundo Michel Winock (2013, p. 581), Flaubert teria dito a Maurice Sand que tinha começado a escrever essa história exclusivamente por causa de Sand, para agradá-la. Ela havia pedido a ele para escrever algo que deixasse as pessoas um pouco menos infelizes, e obteve dele a promessa de que o faria, criaria algo diferente de tudo o que já havia escrito até então. Para Claude Tricotel (1978, p. 220-221), se Flaubert queria agradecer Sand, ele queria provar também que podia emocionar sem ter que se colocar na história. Ainda segundo Tricotel, o autor andava menos triste que o habitual na época, e isso propiciava a escrita que traria um clima diferente do que Flaubert costumava criar de um modo geral. O autor cedeu a Sand no que diz respeito ao tema do conto, mas não à forma, e como era de seu temperamento, penou em busca de concentração para criar o melhor texto, e escrevê-lo como normalmente acontecia quando redigia suas histórias.

Tricotel (1978, p. 50) considera que após começar a conviver com Flaubert, Sand passou a mostrar em suas obras algo que seria influenciado por ele, como a descrição de paisagens, que ela não fazia antes, e no romance que dedicou ao amigo, *Dernier Amour*, haveria também certo realismo, que se expressa através do suicídio de uma das personagens principais, além de trazer personagens de caráter menos idealizado, mais imperfeitos, e “como em *Madame Bovary*, tudo é tolice e mediocridade” (TRICOTEL, 1978, p. 50), como se dessa vez Sand tivesse decidido falar sobre o mal. Mas Tricotel cogita também que pode ser apenas o fato de que a maturidade tenha modificado um pouco seu estilo. Talvez ele esteja certo, e Sand realmente tenha modificado sua forma de escrever por causa de uma transformação interna trazida pelo tempo.

Por outro lado, para Jacobs (1981, p. 10-12), se Flaubert não tivesse conhecido Sand, teria escrito o conto *Un Coeur Simple* mesmo assim, e as qualidades humana e moral da obra não teriam sido diferentes. Para ele é exagerada a afirmação de que um exercia influência sobre o outro, ainda que reconheça que alguns romances que Sand escreveu a partir de 1865 sejam mais sóbrios que os anteriores. Como Claude Tricotel, Jacobs afirma também que provavelmente ela tenha mudado com a idade e que o tempo teria atenuado seu idealismo. A escrita dela também

¹⁸² *Vous verrez par mon « histoire d'un coeur simple » où vous reconnaîtrez votre influence immédiate que je ne suis pas si entêté que vous le croyez. Je crois que la tendance morale, ou plutôt le dessous humain de cette petite œuvre vous sera agréable!*

¹⁸³ Doente e sentindo muita dor, causada por uma obstrução intestinal (JACOBS, 1981, p. 533).

não mudou no que diz respeito ao estilo, ideais estéticos e sociais. Jacobs tampouco acredita que Félicité, protagonista de *Un Coeur Simple*, tenha sido concebida sob a ascendência de Sand. Neste caso, comenta que foi por necessidade financeira que Flaubert resolveu escrever textos sobretudo mais curtos que, por esse motivo, achava que seriam vendidos mais rapidamente, como *Os Três Contos*, quais sejam *Un Coeur Simple*, *La Légende de saint Julien l'Hospitalier* e *Hérodiade*, que foram publicados em abril de 1877. Seja como for, Flaubert não afirmou apenas a Maurice Sand que escreveu o conto para a mãe dele, mas escreveu também à própria George comentando que ela reconheceria ali sua influência imediata. Enfim, ele acabou criando sua personagem Félicité como uma pessoa gentil e afetuosa, como a própria Sand sempre foi com ele.

Podemos inferir que essas homenagens tenham se dado por motivos diferentes. Em carta de 14 de maio de 1866, antes de os dois amigos estreitarem a amizade, Sand perguntou a Flaubert se ele aceitaria que ela dedicasse a ele *O Último Amor*, romance que estava terminando de escrever. Na época eles ainda não tinham, pelo menos na correspondência, discutido profundamente sobre suas opiniões literárias, o que nos faz pensar que ela agiu apenas por amizade, pois já havia homenageado outros amigos, como ela mesma afirma a Flaubert na mesma carta: “É um costume meu, colocar meus romances sob o patrocínio de um nome amigo. Dediquei o último a Fromentin.¹⁸⁴” (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 63). A homenagem de Flaubert aparece 10 anos depois, no final da correspondência, depois de anos de discussão sem acordo sobre a escrita literária, ao dedicar *Un Coeur Simple* a Sand, um conto cheio de sentimentos delicados e piedade, no qual lemos a história de uma camponesa “silenciosa, o corpo ereto e os gestos comedidos¹⁸⁵” (FLAUBERT, 2019, p. 11), como a descreve o próprio conto. Ainda assim Flaubert manteve seu estilo com a busca pelo ritmo da prosa, tão caro a ele, aparentemente numa tentativa de tocar o coração das pessoas, como lhe sugeriu que fizesse um dia sua “cara mestre”.

¹⁸⁴ *C'est une coutume que j'ai prise de mettre mes romans sous le patronage d'un nom aimé. J'ai dédié le dernier à Fromentin.*

¹⁸⁵ Tradução de Julia da Rosa Simões.

2 FLAUBERT E SAND: UMA RELAÇÃO EM CONSTRUÇÃO

A distância, que de acordo com Aristóteles (1991, p. 17) não é capaz de destruir uma amizade, mas pode sim interromper a atividade desta quando muito longa, é capaz de provocar o esquecimento do amigo. A correspondência sempre presente entre George Sand e Gustave Flaubert mantinha viva a relação deles. Este segundo capítulo se concentrará na dinâmica de construção da relação que se inscreve no espaço aberto pela correspondência entre os dois autores.

Para Brigitte Diaz (2016, p. 47), o ato de escrever cartas incitava (principalmente no século XVIII, o qual ela chama de “século das correspondências”) alguns escritores a uma nova liberdade de pensar, fazendo com que refletissem, entre outras coisas, sobre eles mesmos. Observamos que na correspondência Flaubert-Sand também encontramos cartas em que eles comentam suas reflexões sobre si mesmos (e sobre o outro). Em 21/09/1866 Sand escreve: “Suponho que o homem inteligente pode ter muitas curiosidades. Eu não as tive, faltou determinação, preferi deixar meu espírito incompleto. Isso me preocupa [...]”¹⁸⁶ (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 76). Ao comentário de Sand “Tive muita vontade de questioná-lo, mas um respeito muito grande pelo senhor me impediu¹⁸⁷”, feito na mesma carta, Flaubert responde:

Eu sou capaz de jurar (pelo sorriso de sua neta) que conheço poucos homens menos “fajutos” que eu. Eu sonhei muito e executei muito pouco. O que confunde os observadores superficiais é o desacordo que há entre meus sentimentos e minhas ideias. Se a senhora quiser minha confissão, confessarei tudo¹⁸⁸. (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 77)

Ainda de acordo com Diaz, Flaubert procurou sem cessar em sua correspondência parceiros para debates literários, que para ele seriam apenas pessoas consideradas intelectuais, transformando suas cartas numa tribuna para falar de literatura, tornando-se um espaço crítico muito precioso. Para Sand a correspondência seria uma espécie de motor da criação literária, que oxigenava sua criatividade para escrever.

Por vezes Flaubert e Sand escreviam sobre algum tema a ser tratado num romance escrito no período em que se corresponderam, no entanto, como já vimos, essa correspondência foi além de assuntos profissionais, pois também fomentou a amizade entre eles, o que é um

¹⁸⁶ *Moi je présume que l'homme d'intelligence peut avoir de grandes curiosités. Je ne les ai pas eues, faute de courage, j'ai mieux aimé laisser mon esprit incomplet. Ça me regarde [...]*

¹⁸⁷ *J'ai eu de grandes envies de vous questionner, mais un trop grand respect de vous m'en à empêché [sic]*

¹⁸⁸ *Je vous jure même (par le sourire de votre petite-fille), que je sais peu d'hommes moins « vicieux » que moi. J'ai beaucoup rêvé et très peu exécuté. Ce qui trompe les observateurs superficiels c'est le désaccord qu'il y a entre mes sentiments et mes idées. Si vous voulez ma confession, je vous la ferai tout entière.*

ponto importante se levarmos em conta que o convívio dos dois era mais epistolar do que físico. Ainda assim os encontros físicos existiam e há várias cartas em que combinavam quando e onde iriam se encontrar. Vejamos alguns exemplos: Flaubert a Sand em 08/10/1867: “[...] mas, fora tudo isso, quando nós nos vermos, caramba!¹⁸⁹” (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 157); Sand a Flaubert em 21/12: “Finalmente você virá a Paris no começo de janeiro e nós nos veremos [...]”¹⁹⁰ (SAND, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 165). Flaubert a Sand em 19/09/1868: “Então, nós nos vermos daqui a três semanas, mais ou menos. Fico feliz por isso¹⁹¹” (FLAUBERT, 1868 apud JACOBS, 1981, p. 197); em 02/02/1869 ele escreve: “Quando nos vermos? Espero estar em Paris da Páscoa ao final de maio. Neste verão irei visitar Nohant. Juro a mim mesmo¹⁹²” (FLAUBERT, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 216). Esses excertos indicam que a ligação deles se mantinha também fora da correspondência que trocavam, bem como revelam o prazer que demonstravam com a expectativa de se reencontrarem pessoalmente.

Considerando outro aspecto da correspondência, qual seja a comunicação propriamente dita, em que cada um dos correspondentes emite uma mensagem e recebe outra em troca, observamos a reflexão de Patrick Charaudeau¹⁹³ (2016, p. 7), que considera o fato de transmitir ideias ou sentimentos a outra(s) pessoa(s) uma forma de usar a linguagem, inclusive através da escrita. Segundo ele, é a linguagem que permite ao homem pensar e agir e também, sendo construída pelas pessoas que fazem parte de uma mesma comunidade, é o meio que permite ao homem viver em sociedade. Esse pensamento de Charaudeau naturalmente está inserido num contexto social geral. No que diz respeito a este estudo estamos lidando com uma forma de comunicação que está num contexto específico – cartas trocadas entre dois amigos – em que cada carta é direcionada a um único destinatário. Ainda de acordo com Charaudeau, na circunstância do diálogo, para que a comunicação ocorra de fato, é preciso que os saberes que circulam entre os comunicantes (emissor e destinatário da mensagem) tenham alguma simetria. O destinatário da mensagem não a recebe apenas, mas precisa interpretá-la, e vai fazer isso de acordo com o ponto de vista que tem sobre a circunstância e sua compreensão do tema contido na informação recebida. Charaudeau divide então os sujeitos da linguagem em EU, o emissor, e TU, o receptor; o TU é subdividido em “sujeito destinatário” (TUd) e “sujeito interpretante”

¹⁸⁹ [...] *mais dans tout ça, quand nous verrons-nous, nom d'un pétard!*

¹⁹⁰ *Enfin tu viens à Paris au commencement de janvier et nous nous verrons [...]*

¹⁹¹ *Nous nous verrons donc, d'ici à trois semaines, au plus tard. J'en suis tout content.*

¹⁹² *Quand se verra-t-on? Je compte être à Paris de Pasques à la fin de mai. Cet été, j'irai vous voir à Nohant. Je me le jure.*

¹⁹³ Tradução coletiva – coordenação da equipe de tradução por Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado.

(TU_i). “O TU_d é o interlocutor fabricado pelo EU como destinatário ideal, adequado ao seu ato de enunciação. O EU tem sobre ele um total domínio, já que o coloca em um lugar onde supõe que sua intenção de fala será totalmente transparente para TU_d” (CHARAUDEAU, 2016, p. 45). Já o “TU_i só depende dele mesmo e se institui no instante exato em que opera um processo de interpretação”. O EU é subdividido em sujeito comunicante (EU_c) e sujeito enunciador (EU_e), sendo este último uma imagem de enunciador construída pelo TU_i, no que diz respeito à intenção (CHARAUDEAU, 2016, p. 46-48). Para exemplificar, trazemos algumas cartas da correspondência Flaubert-Sand com registros em que a comunicação deles traz conflitos de emissão e/ou interpretação, ainda que isso não seja frequente. Em 07/03/1869, Sand escreve: “Dê-me o endereço dos Goncourt. Você nunca me deu. Será que eu nunca o saberei¹⁹⁴?” (SAND, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 220). Flaubert responde no dia seguinte: “Sou obrigado a observar, com minhas desculpas, cara mestre do bom Deus, que a senhora nunca me pediu o endereço deles!¹⁹⁵” (FLAUBERT, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 73), mas ela havia sim solicitado o endereço pelo menos uma vez, em 01/01/1869: “Eu não tenho o endereço dos Goncourt, você pode mandar junto com a carta pelo correio?”¹⁹⁶ (SAND, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 73). Em 08/12/1874, Sand escreve ao amigo: “Não vou nem mesmo conseguir fazer você compreender como imagino e compreendo a felicidade, quer dizer, a aceitação da vida¹⁹⁷.” (SAND, 1874 apud JACOBS, 1981, p. 486); em 31/12/1875, Flaubert escreve: “Sua boa carta, do dia 18, tão terna e maternal me fez pensar muito. Eu a reli umas dez vezes e confesso que não tenho certeza se a compreendi¹⁹⁸” (FLAUBERT, 1875 apud JACOBS, 1981, p. 513). Charaudeau (2016, p. 46) destaca que o receptor da mensagem pode respondê-la ou não, e se responder pode corresponder ou não à intencionalidade do seu emissor, já que sua compreensão do enunciado depende de um conjunto de circunstâncias.

Ainda que o tema seja tratado de forma mais genérica, em carta de 01/10/1866 Sand escreve a Flaubert: “Quando não somos compreendidos, nos resignamos e recomeçamos. Quando somos, nos alegramos e continuamos.¹⁹⁹” (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 84).

Tanto Sand quanto Flaubert acabam por expressar em sua troca de cartas fatos externos, que sejam ou não produzidos por eles, mas que agem sobre a vida e a rotina deles, e também

¹⁹⁴ *Donne-moi donc l'adresse des Goncourt. Tu ne me l'as jamais donnée. Je ne la saurai donc jamais?*

¹⁹⁵ *Je vous ferai observer, pour mon excuse, chère maître du bon Dieu, que vous ne m'avez jamais demandé leur adresse!*

¹⁹⁶ *Je n'ai pas l'adresse des Goncourt, veux-tu faire mettre la réponse et jointe à la poste?*

¹⁹⁷ *Je ne réussirai même pas à te faire comprendre comment j'envisage et saisis le bonheur, c'est-à-dire l'acceptation de la vie*

¹⁹⁸ *Votre bonne lettre, du 18, si tendrement maternelle, m'a fait beaucoup réfléchir. Je l'ai bien relue dix fois et je vous avouerai que je ne suis pas sûr de la comprendre*

¹⁹⁹ *Quand on n'est pas compris, on se résigne et on recommence. Quand on l'est, on se réjouit et on continue*

suas próprias inquietações. Entre essas questões, não passam despercebidas pelos autores as diferenças no modo de escrever seus romances, e em seus debates “surge um abismo que longe de diminuir, aumenta com o tempo²⁰⁰” (KALLEL, 2013, p. 156). Kallel afirma ainda que a relação entre os dois correspondentes é feita de diferença e semelhança, e no que diz respeito ao ato de escrever, os recursos usados por eles são o lirismo e a vontade, a efusão e a dedicação. A diferença de estilo os fará produzir textos muito diferentes um do outro, que desemboca num sucesso imediato para Sand e um sucesso a longo prazo para Flaubert, que soube inovar a arte de escrever romances. Inovação essa que Sand reconhecia e admirava, a ponto de escrever e publicar artigos sobre os romances dele. Michelle Perrot (2018, p. 340) destaca que Sand se recusava a escrever artigos sobre os livros dos quais não gostava. A respeito de suas diferenças literárias, em carta de 17 de janeiro de 1869, Sand escreve: “Nós somos, acho, os dois trabalhadores mais diferentes que existem. Mas como gostamos um do outro assim, está tudo bem²⁰¹” (SAND, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 213). Três anos depois, Sand constata a mesma coisa: “nossas duas velhas *trouvadorices* são definitivamente duas antinomias. O que o incomoda me diverte²⁰²” (SAND, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 393).

Thierry Poyet (MACÉ, 2008) destaca que entre as opiniões opostas que os dois amigos expressam está a questão da estética, que é o objetivo de Flaubert e apenas um “efeito” para Sand: “A forma à qual você dá tanta importância vai sair por conta própria de sua digestão, você vê como uma meta, mas é apenas um efeito²⁰³.” (SAND, 1876 apud JACOBS, 1981, p. 517). O processo criativo é mostrado como algo difícil, para ele, e como algo simples para ela, e a frequência com que essas questões aparecem na correspondência pode impressionar um pouco quem a lê. Vejamos um excerto de carta de Flaubert a Sand em 12/06/1867:

Quanto ao romance, vai devagar. Quanto mais eu avanço, mais surgem dificuldades. Que carroça pesada de entulho para puxar! E a senhora reclama de um trabalho que dura seis meses! Ainda faltam pelo menos dois anos para mim (no mínimo). **Como a senhora faz para encontrar o elo entre suas ideias²⁰⁴**? É isso que me atrasa²⁰⁵. (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 141, grifo nosso).

²⁰⁰ *Se met en place un abîme qui, loin de s'atténuer, se creuse au fil du temps.*

²⁰¹ *Nous sommes, je crois, les deux travailleurs les plus différents qui existent mais, puisqu'on s'aime comme ça, tout va bien.* Jacobs, 1981, p. 212.

²⁰² *Décidément nos deux vieilles trouvaderies sont deux antinomies. Ce que t'ennuie m'amuse.*

²⁰³ *La forme dont tu fais tant de cas, sortira toute seule de ta digestion. Tu la considères comme un but, elle n'est qu'un effet.*

²⁰⁴ Grifo nosso.

²⁰⁵ *Quant au roman, il va piano. A mesure que j'avance les difficultés surgissent. Quel [sic] lourde charretée de moellons [sic] à traîner ! Et vous vous plaignez, vous, d'un travail qui dure six mois ! J'en ai encore pour deux ans, au moins (du mien). Comment diable faites-vous pour trouver la liaison de vos idées ? C'est cela qui me retarde*

Sand responde: “[...] seu enervamento, provavelmente, é mais verdadeiro ou pelo menos mais fecundo e mais humano que minha tranquilidade *senil*.²⁰⁶” (SAND, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 144). O enervamento e a “busca pelo elo entre as ideias” podem camuflar em alguma medida a inventividade de Flaubert, dando a impressão de que ele não era criativo, o que seria um erro de avaliação. Além das inovações que trouxe à escrita do romance, o escritor precisou de muito talento para contar as histórias de Emma e Félicité, por exemplo. Não era por esse motivo que ele demorava para criar suas histórias. Como já vimos, suas angústias eram de outra natureza.

Poyet (2013, p. 215) acrescenta ainda que nem tudo entre eles era discordância, escreviam um ao outro também para perguntar sobre as novidades do cotidiano, da saúde, da família e até para desejar um “feliz ano novo”, e escreviam, principalmente, quando “o outro” demorava para dar notícias. Nos excertos seguintes vemos esse tipo de manifestação: Flaubert a Sand: “Então, cara mestre? O que isso significa? Será que sua carta se extraviou? Faz muito tempo que não tenho notícias suas. Sinto sua falta, e estou preocupado com a senhora, é isso²⁰⁷”. (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 114). Sand a Flaubert: “Estou preocupada por não ter notícias suas depois da indisposição que você teve. Está melhor²⁰⁸?” (SAND, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 152). Flaubert a Sand: “Eu não acho isso nada gentil. Nada de notícias há quase dois meses!!! Por quê? Devo começar a ficar preocupado²⁰⁹?” (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 161). Sand a Flaubert: “Faz muito tempo que estou sem notícias do meu velho trovador²¹⁰” (SAND, 1870 apud JACOBS, 1981, p. 295). Esse tipo de preocupação nos parece trazer à correspondência uma forma de manter os dois amigos mais receptivos um para com o outro, se considerarmos que esse tipo de atenção é uma forma de acolhimento, principalmente quando vem de alguém que admiramos. Assim acabamos estimulados a captar o carinho dentro dessa relação mais epistolar que presencial. Para Poyet (2013, p. 216), essa simplicidade em sua troca de cartas é o que deixa a correspondência mais humana e por isso acessível a todos os leitores.

Ao longo dos anos, Sand e Flaubert desenvolveram afinidades duradouras e nem mesmo suas diferenças culturais conseguiram afastá-los, porque eles aprenderam a se admirar e

²⁰⁶ [...] ton état de surexcitation est probablement plus vrai, où tout au moins plus fécond et plus humain que ma tranquillité sénile

²⁰⁷ Eh bien, chère maître ? qu'est-ce que ça veut dire ? votre lettre est-elle égarée ? Je n'ai pas de vos nouvelles depuis longtemps. Je m'ennuie de vous, et je suis inquiet de vous, voilà

²⁰⁸ Je suis inquiète de n'avoir pas de tes nouvelles depuis cette indisposition dont tu me parlais. Es-tu guéri?

²⁰⁹ Je ne trouve pas ça gentil. Point de nouvelles depuis bientôt deux mois !!! Pourquoi ? je commence à être inquiet ?

²¹⁰ Il y a bien longtemps que je suis sans nouvelles de mon vieux troubadour.

respeitar no decorrer da construção dessa amizade, que é sim cheia de discórdia, mas também de estima e respeito mútuo. Se observarmos a forma maternal como Sand trata o amigo em algumas cartas, talvez fique mais fácil perceber a dimensão do laço que eles construíram: “Como você está, meu pobre menino?”²¹¹ (SAND, 1870 apud JACOBS, 1981, p. 280), ou: “Enfim, meu pobre menino, só posso abrir para você um coração maternal que não vai substituir nada, mas que sofre com o seu [...]”²¹² (SAND, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 382). Flaubert ratifica esse tipo de consideração entre os dois dizendo a Maurice Sand, filho de George, no dia do sepultamento dela: “Parecia que eu estava enterrando minha mãe pela segunda vez”²¹³ (FLAUBERT, 1876 apud JACOBS, 1981, p. 534).

Eles também escreviam um ao outro para romper com a solidão da escrita, às vezes falando da solidão do amigo, outras da própria solidão, como em carta de 14/01/1869, em que Flaubert escreve: “Eu não tenho visto ninguém, não sei de nada, vivo como um urso empalhado”²¹⁴ (FLAUBERT, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 212). Em sua resposta (em 17/01/1869), depois de falar da própria rotina repleta de seus familiares, Sand menciona a solidão de Flaubert:

Este personagem pálido tem o grande prazer de amá-lo do fundo do coração, de nunca passar um dia sequer sem pensar no outro velho trovador, confinado em sua solidão de artista apaixonado, desdenhando de todos os prazeres do mundo, inimigo da lupa²¹⁵ e suas doçuras.²¹⁶ (SAND, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 213).

A troca epistolar lhes oferece a oportunidade desse encontro como escritores e como pessoas. Suas diferenças talvez sejam justamente uma das coisas que enriquecem a correspondência, não só no modo como pensam e escrevem a literatura, como também no temperamento de cada um, no modo como vivem e se relacionam com o mundo e com as pessoas ao seu redor.

Sand se preocupava com o bem-estar da população, se tornou republicana em 1830, e em 1848 aderiu ao socialismo sincrético de Pierre Leroux, de acordo com Michelle Perrot (2018, p 14). Escreveu em 1840 *Le Compagnon du Tour de France*, no qual o herói era um

²¹¹ *Comment vas-tu, mon pauvre enfant?*

²¹² *Enfin, mon pauvre enfant, je ne puis que t'ouvrir un coeur maternal qui ne te remplacera rien, mais qui souffre avec le tien [...]*

²¹³ *Il m'a semblé que j'enterrais ma mère une seconde fois*

²¹⁴ *Je ne vois personne, je ne sais rien, je vis comme un ours empaillé.*

²¹⁵ Alusão à botânica que Sand ama e Flaubert não se interessa. (JACOBS, 1981).

²¹⁶ *Ce pâle personnage a le grand plaisir de t'aimer de tout son coeur e ne point passer de jour sans penser à l'autre Vieux troubadour, confiné dans sa solitude en artiste enragé, dédaigneux de tous les plaisirs de ce monde, ennemi de la loupe et de ses douceurs.*

operário. Foi sua primeira obra militante de que se tem notícia, um romance socialista que exalta o povo e expressa seu ideal de fusão de classes. Em *François le Champi* (1848) vemos um garoto órfão que tanto na infância quanto na vida adulta demonstra ser honesto e grato, desmistificando a questão da origem como referencial de caráter. Em 23/10/1871, Sand escreve a Flaubert se referindo aos outros participantes de um dos jantares literários do restaurante Magny: “[...] disseram que não se deveria escrever para os ignorantes; eles me insultaram porque eu só quero escrever para eles, já que só eles precisam de algo. Os mestres estão bem abastecidos, ricos e satisfeitos²¹⁷.” (SAND, 1871 apud JACOBS, 1981, p. 357).

Flaubert era contra o sufrágio universal, afirma Jacobs (1981, p. 236, nota n. 49). Em 08/09/1871 ele escreve a Sand: “O primeiro remédio seria acabar com o sufrágio universal, a vergonha do espírito humano²¹⁸.” (FLAUBERT, 1871 apud JACOBS, 1981, p. 347). Em 07/10/1871, escreve: “O que precisamos acima de tudo é de uma aristocracia natural, quer dizer, legítima. [...] Mas acredito que os pobres odeiam os ricos e os ricos têm medo dos pobres. Será assim eternamente.²¹⁹” (FLAUBERT, 1871 apud JACOBS, 1981, p. 351). Na mesma carta de 07/10, ele afirma ainda que seria mais urgente instruir os ricos (do que os pobres), por serem, segundo ele, “os mais fortes”.

E, ainda que tratemos das diferenças, não pretendemos perder de vista as afinidades entre os dois escritores. Sand escreve a Flaubert: “Não me atrevo a gastar dinheiro, por pouco que seja, quando há tanta miséria.²²⁰” (SAND, 1871 apud JACOBS, 1981, p. 358). Flaubert, que tinha o mesmo tipo de preocupação (ainda que a manifestasse de forma diferente) conta a ela uma história que ele vivenciou com ciganos:

Estou admirado, há oito dias, por causa de um acampamento de ciganos que se estabeleceu em Rouen. É a terceira vez que vou vê-los. E a cada vez com um novo prazer. O melhor é que eles atijam o Ódio dos Burgueses, mesmo sendo inofensivos como ovelhas. Consegui a antipatia da multidão por dar-lhes algumas moedas. E ouvi belas palavras contra mim. Esse ódio traz algo muito profundo e complexo. Ele é encontrado em todos os *cidadãos de bem*. É o ódio dedicado ao Beduíno, ao Herético, ao filósofo, ao solitário, ao Poeta. E há medo nesse ódio. A mim, que sempre fico do lado das minorias, isso exaspera.²²¹ (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 142)

²¹⁷ *Ils disaient qu'il ne fallait pas écrire pour les ignorants; ils me conspuaient parce que je ne voulais écrire que pour ceux-là, vu qu'eux seuls ont besoin de quelque chose. Les maîtres sont pourvus, riches et satisfaits.*

²¹⁸ *Le premier remède serait d'en finir avec le suffrage universel, la honte de l'esprit humain.*

²¹⁹ *Ce qu'il nous faut avant tout, c'est une aristocratie naturelle, c'est-à-dire légitime. [...] Mais je crois que les Pauvres haïssent les Riches, et que les riches ont peur des pauvres. Cela sera éternellement.*

²²⁰ *Je n'ose pas dépenser de l'argent, si peu que ce soit, quand il y a tant de misère.*

²²¹ *Je me suis pâmé, il y a huit jours, devant un campement de Bohémiens qui s'étaient établis à Rouen 66. Voilà la troisième fois que j'en vois. Et toujours avec un nouveau plaisir. L'admirable c'est qu'ils excitaient la Haine des Bourgeois, bien qu'inoffensifs comme des moutons. Je me suis fait très mal voir de la foule en leur donnant*

Essa passagem pode parecer denotar mais uma raiva em relação aos burgueses do que preocupação em relação aos pobres, mas ele, ainda assim, além de ir 3 vezes ver os ciganos, generosamente os ajudou, e podia não ter feito isso. Em carta de 17/05/1867, ele tinha escrito: “A estupidez e a injustiça me fazem rugir. E eu berro no meu canto, contra um monte de coisas ‘que não me dizem respeito’.²²²” (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 139). Talvez o maior ato de generosidade de Flaubert consista no fato de ter acolhido e criado junto com sua mãe a sobrinha Caroline, cuja mãe – irmã de Gustave – havia morrido. Em carta a Louise Colet, de 22/04/1854, o escritor teria declarado: “Amo minha pequena sobrinha como se ela fosse minha filha, e me ocupo bastante dela (ativamente).²²³” (FLAUBERT, 2005, p. 139-140).

Sand consolava Flaubert quando ele demonstrava estar angustiado com as dificuldades de seu trabalho, e também o aconselhava. Em agosto de 1875, Flaubert escreve:

Eu teria que ficar animado com alguma ideia, um assunto de livro. Mas não tenho mais fé. E todo trabalho se tornou impossível para mim. Portanto, não estou apenas preocupado com meu futuro material, mas o meu futuro literário parece aniquilado²²⁴” (FLAUBERT, 1875 apud JACOBS, 1981, p. 500).

Em setembro Sand escreve: “Peço apenas que você não desista e não seja indiferente às tristezas que compartilhamos com você. Diga-nos que a calma foi estabelecida e o horizonte clareou. Amamos você, triste ou alegre”²²⁵ (SAND, 1875 apud JACOBS, 1981, p. 502). No mês de outubro Flaubert repete que continua procurando um tema para escrever um romance novo e Sand responde: “Faça alguma coisa mais trivial e que caiba em todo mundo²²⁶” (SAND, 1875 apud JACOBS, 1981, p. 505).

Mais especificamente sobre os conselhos, Sand escreve em 12/1875: “Não tenho conselhos literários para lhe dar, não tenho nenhum julgamento a formular sobre seus amigos

quelques sols. Et j'ai entendu de jolis mots à la Prud'homme. Cette haine-là tient à quelque chose de très profond et de complexe. On la retrouve chez tous les gens d'ordre. C'est la haine que l'on porte au Bédouin, à l'Hérétique, au philosophe, au solitaire, au Poète. Et il y a de la peur dans cette haine. Moi qui suis toujours pour les minorités, elle m'exaspère.

²²² *La bêtise et l'injustice me font rugir. Et je gueule, dans mon coin, contre un tas de choses « qui ne me regardent pas »*

²²³ Tradução de Carlos Eduardo Lima Machado.

²²⁴ *Il me faudrait m'enthousiasmer pour une idée, pour un sujet de livre. Mais la Foi n'y est plus. Et tout travail m'est devenu impossible. Ainsi je suis non seulement inquiet de mon avenir matériel, mais l'avenir littéraire me paraît anéanti.*

²²⁵ *Je te demande absolument de vouloir et de ne pas être indifférent aux peines que nous partageons avec toi. Dis-nous que le calme s'est fait et que l'horizon s'est éclairci. Nous t'aimons, triste ou gai.*

²²⁶ *Fais quelque chose de plus terre à terre et qui aille à tout le monde* (JACOBS, 1981, p. 505).

escritores dos quais você me fala²²⁷” (SAND, 1875 apud JACOBS, 1981, p. 511). Flaubert responde:

A senhora me diz: ‘Não tenho conselhos literários para lhe dar, não tenho nenhum julgamento a formular sobre seus amigos escritores, etc.’ Ah! Que exemplo! Mas eu preciso de conselhos! E estou esperando seus julgamentos. Quem me daria, quem os formularia, se não for a senhora?²²⁸ (FLAUBERT, 1875 apud JACOBS, 1981, p. 513).

A esse respeito ele já havia respondido numa outra carta em 12/10/1871: “Como? Sério? A senhora acha que me ofendeu! A primeira página da sua carta quase parece um pedido de desculpas! isso me fez rir! A senhora pode me dizer qualquer coisa! tudo! seus golpes serão carícias para mim²²⁹” (FLAUBERT, 1871 apud JACOBS, 1981, p. 353).

A consolação que Sand oferecia a Flaubert ocorreu ao longo de todo o tempo em que se corresponderam. Ao que parece, o lado maternal da escritora afluía sempre que o amigo se mostrava frágil, inseguro. Em carta de 26/10/1872, Sand, preocupada com a solidão do amigo, chega a questionar se ele não teria alguma amiga especial com quem pudesse se casar, ou um filho bastardo a quem pudesse assumir e se dedicar, tal era a preocupação com a solidão e também com as angústias de seu “velho trovador”, que se repetiam com frequência.

A partir da leitura das cartas, inferimos que Sand tenta criar uma relação entre questões da sociedade e discurso literário. Flaubert parece tentar transformar a correspondência num espaço de reflexão, principalmente, sobre sua própria escrita – é como se a literatura fosse seu próprio estilo de vida e sua forma solitária de viver.

Gustave Flaubert abdicou de viver muitas coisas para se dedicar à literatura, e compartilhou as sensações que suas escolhas provocavam nele ao longo da correspondência com Sand. Em 26/02/1872 ele declara: “Decididamente a única coisa que me interessa é a sacrossanta literatura²³⁰” (FLAUBERT, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 373). Sand responde: “[...] a literatura sacrossanta, como você a chama, é apenas secundária na minha vida. Eu sempre amei alguém mais do que a ela, e minha família mais do que a esse alguém²³¹.” (SAND, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 494). Nesses excertos de cartas podemos ter um vislumbre de como

²²⁷ *Je n'ai pas de conseils littéraires à te donner, je n'ai pas de jugement à formuler sur les écrivains tes amis dont tu me parles.*

²²⁸ *Vous me dites: « Je n'ai pas de conseils littéraires à te donner, je n'ai pas de jugements à formuler sur les écrivains tes amis, etc. » Ah ! par exemple ! mais je réclame des conseils ! et j'attends vos jugements. Qui donc en donnerait, qui donc en formulerait, si ce n'est vous?*

²²⁹ *Comment? sérieusement, vous croyez m'avoir offensé!! La première page de votre lettre ressemble presque à des excuses! ça m'a bien fait rire! Vous pouvez d'ailleurs tout me dire, vous! tout! vos coups me seront caresses.*

²³⁰ *Décidément il n'y a que la sacro-sainte littérature qui m'intéresse.*

²³¹ *[...] la sacro-sainte littérature, comme tu l'appelles, n'est que secondaire pour moi dans la vie. J'ai toujours aimé quelqu'un plus qu'elle, et ma famille plus que ce quelqu'un.*

cada um deles se relacionava com a literatura e que lugar ela ocupava em suas vidas. Mas a seguir veremos que Sand interpretou o que Flaubert disse de forma errada, pois ele não estava comparando as pessoas com a literatura, e sim com outras “distrações”: “Não! A literatura não é o que eu mais amo no mundo. Expliquei-me mal (na minha última carta). Eu estava falando sobre distrações, e nada mais. Não sou tão pedante a ponto de preferir as frases aos Seres.²³²” (FLAUBERT, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 377). Por outro lado, se Sand pensou que ele era capaz de se importar mais com a literatura do que com as pessoas, possivelmente era porque via essa possibilidade como algo factível na personalidade dele. Investigando essa hipótese trazemos (apenas alguns) excertos de cartas de Flaubert a Sand, anteriores a 1872, com declarações que versam sobre essa possibilidade, e o quanto a literatura é prioridade em sua vida, inclusive quando a opção seria encontrar pessoas. Em 12/01/1867: “Chamar-me de anacoreta pode ser uma comparação mais justa do que a senhora pensa. Passo semanas inteiras sem trocar uma palavra com outro ser humano. [...]. Minha única companhia é um bando de ratazanas [...]”²³³ (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 118). Em 27/07/1867: “eu não estava *imerso* no trabalho por não ter vontade de vê-la. Eu fiz muitos sacrifícios pela literatura até o momento, mas não esse último.²³⁴” (FLAUBERT, 1867 apud JACOBS, 1981, p. 148). Em 31/10/1868: “No entanto, trabalho no meu romance como vários bois. [...] Meu inverno será passado em completa solidão, uma boa maneira de deixar a vida escoar rapidamente.²³⁵” (FLAUBERT, 1868 apud JACOBS, 1981, p. 202). Em 01/01/1869: “Fiquei três dias em Paris procurando informações e fazendo compras para meu livro. Estava tão cansado na última sexta-feira que fui dormir às 7 horas da noite. Essas são minhas orgias loucas na capital.²³⁶” (FLAUBERT, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 210). Se Flaubert gostava de, ou precisava, isolar-se para produzir sua literatura, quando tinha a oportunidade de se encontrar com os amigos só queria falar sobre ela. Sand não reclamou disso na correspondência, mas escreveu em sua agenda em 17/04/1873: “Nós incomodamos Flaubert que não quer mais nada, só falar de literatura. Ele está sobrecarregado²³⁷.” (SAND, 1873 apud JACOBS, 1981, p. 426).

²³² *Non! la Littérature n'est pas ce que j'aime le plus au monde. Je me suis mal expliqué (dans ma dernière lettre). Je vous parlais de distractions, et de rien de plus. Je ne suis pas si cuistre que de préférer des phrases à des Êtres*

²³³ *Me traiter d'anacorete est peut-être une comparaison plus juste que vous ne croyez. Je passe des semaines entières sans échanger un mot avec un être humain. Ma seule compagnie consiste en une bande de rats[...]*

²³⁴ *Je n'étais pas assez plongé dans le travail pour n'avoir pas envie de vous voir. J'ai fait à la Littérature assez de sacrifices jusqu'à présent, sans y ajouter ce dernier.*

²³⁵ *Cependant je travaille à mon roman comme plusieurs bœufs. [...] Mon hiver va se passer dans une solitude complète, bon moyen de faire écouler la vie rapidement.*

²³⁶ *Je suis resté à Paris trois jours que j'ai employés à chercher des renseignements et à faire des courses pour mon bouquin. J'étais si exténué vendredi dernier que je me suis couché à 7 heures du soir. Telles sont mes folles orgies dans la capitale.*

²³⁷ *On casse la tête à Flaubert qui veut toujours tout empêcher pour parler littérature. Il est débordé.*

Nem sempre que escrevia a Sand sobre literatura, o que era frequente, Flaubert reclamava, algumas vezes apenas ratificava sua posição em relação ao próprio ofício, ou considerava a dimensão que a literatura poderia vir a ter, modificando os padrões vistos na época. Em 05/07/1868, o escritor fala de seus sentimentos e da expectativa negativa sobre o livro que estava escrevendo, o que confirma mais uma vez que não abdicava de seu estilo, ainda que achasse que poderia ser rejeitado por causa dele: “Tenho trabalhado muito nas últimas seis semanas. Os patriotas não me perdoarão este livro, nem tampouco os burgueses²³⁸! Pior para eles, pois escrevo as coisas como as sinto, ou seja, como acredito que sejam.²³⁹” (FLAUBERT, 1868 apud JACOBS, 1981, p. 186).

Flaubert reflete em carta de 03/04/1876 sobre a importância que a palavra bem colocada no texto tem para ele e sobre o ritmo que busca em sua prosa e acredita que ela poderia ter:

[...] por que há uma relação necessária entre a ‘palavra exata’ e a palavra musical? Por que sempre se consegue escrever um verso quando se restringe muito o pensamento? Assim, a Lei dos Números governa sentimentos e imagens, e o que parece ser o exterior é simplesmente o interior?²⁴⁰ (FLAUBERT, 1876 apud JACOBS, 1981, p. 530).

Para escrever seus romances, Flaubert acabava ficando isolado em sua casa, abstendo-se do convívio com outras pessoas: “Eu vivo exatamente como uma ostra. Meu romance é a rocha que me sustenta e eu não sei de nada que acontece no mundo.²⁴¹” (FLAUBERT, 1868 apud JACOBS, 1981, p. 192). Por isso inferimos que seu contato mais expressivo com os amigos em períodos de criação literária era através de sua correspondência, pois, como acabamos de ler, ele escrevia aos amigos, mas fisicamente estava só.

Em carta de 27/03/1875 Flaubert acaba desabafando sobre os sentimentos que a solidão de seu trabalho e a própria vida provocavam nele: “Não espero mais nada da vida que uma série de folhas de papel borradas de preto. Parece-me que estou atravessando uma solidão sem fim, para ir não sei aonde, e eu sou ao mesmo tempo o deserto, o viajante e o camelo!”²⁴² (FLAUBERT, 1875 apud JACOBS, 1981, p. 494).

²³⁸ Segundo Jacobs (1981, p. 186, nota nº40), os “reacionários” são os “burgueses”.

²³⁹ *J'ai violemment bûché depuis six semaines. Les patriotes ne me pardonneront pas ce livre, ni les réactionnaires non plus! Tant pis, j'écris les choses comme je les sens c'est-à-dire comme je crois qu'elles existent.* O livro em questão é *L'Education Sentimentale*.

²⁴⁰ *Pourquoi y a-t-il un rapport nécessaire entre le mot juste et le mot musical? pourquoi arrive-t-on toujours à faire un vers quand on resserre trop sa pensée? La loi des Nombres gouverne donc les sentiments et les images, et ce qui paraît être l'extérieur est tout bonnement le dedans?*

²⁴¹ *Je vis absolument comme une huître. Mon roman est le rocher qui m'attache et je ne sais rien de ce qui se passe dans le monde.*

²⁴² *Je n'attends plus rien de la vie qu'une suite de feuilles de papier à barbouiller de noir. Il me semble que je traverse une solitude sans fin, pour aller je ne sais où, et c'est moi qui suis tout à la fois le désert, le voyageur, et le chameau!*

Em 22/05/1870, Flaubert escreveu a Sand sobre o vazio que sentia depois da morte de seu amigo Bouilhet, por não ter mais com quem conversar cotidianamente sobre literatura:

Há tão pouca gente que ama o que eu amo, que se perturba com aquilo que me preocupa! A senhora conhece em Paris que é tão grande *uma única* casa onde se fale de literatura? E quando se fala, eventualmente, é sempre pelos aspectos subalternos e externos, a questão do sucesso, da moral, da utilidade, da atualidade etc. Parece que me tornei um fóssil, um ser sem relação com a criação ao seu redor²⁴³. (FLAUBERT, 1870 apud JACOBS, 1981, p. 250)

Ao contrário do amigo, George Sand tinha grande interesse pela sociedade, como já vimos, tinha afinidades com o campo e com a vida urbana também. Vejamos alguns exemplos. Em 21/06/1868, escreve:

Gosto de tudo que caracteriza um ambiente, o rolar dos carros e o barulho dos operários em Paris, os gritos de mil pássaros no campo, o movimento dos barcos nos rios. Também gosto do silêncio absoluto, profundo, e resumindo gosto de tudo que está ao meu redor, não importa onde estou.”²⁴⁴ (SAND, 1868 apud JACOBS, 1981, p. 186).

Nesse primeiro excerto fica claro que Sand observava o mundo ao seu redor, gostava de interagir com ele, pois se ela escreveu alguns romances que se passavam na região rural, onde viveu por muito tempo, escreveu ainda mais romances urbanos. Sobre a curiosidade que tinha sobre o mundo quando ainda era muito jovem, ela reflete em carta de 25/10/1871 (ano da Comuna de Paris): “Desde os primeiros dias do meu desabrochar intelectual quando, educando-me por conta própria perto da cama de minha avó parálitica, ou pelos campos quando a confiava a Deschartres, eu me fazia as perguntas mais elementares sobre a sociedade²⁴⁵.” (SAND, 1871 apud JACOBS, 1981, p. 356). E, mais adiante na mesma carta, expressa preocupação com a humanidade, na qual se inclui: “Tenho pena da humanidade, gostaria que fosse boa, porque não quero me abstrair dela, porque ela sou eu; porque a dor que ela está causando me atinge no coração; porque sua vergonha me faz corar, porque seus crimes me embrulham o estômago [...]”²⁴⁶.

²⁴³ *Il y a si peu de gens qui aiment ce que j'aime, qui s'inquiètent de ce qui me préoccupe! Connaissez-vous dans ce Paris qui est si grand une seule maison où l'on parle de Littérature! Et quand elle se trouve abordée incidemment c'est toujours par ses côtés subalternes, et extérieurs, la question de succès, de moralité, d'utilité, d'à-propos, etc.! Il me semble que je deviens un fossile, un être sans rapport avec la création environnante*

²⁴⁴ *J'aime tout ce qui caractérise un milieu, le roulement des voitures et le bruit des ouvriers à Paris, les cris de mille oiseaux à la campagne, le mouvement des embarcations sur les fleuves. J'aime aussi le silence absolu, profond, et en résumé j'aime tout ce qui est autour de moi n'importe où je suis.*

²⁴⁵ *Dès les premiers jours de mon éclosion intellectuelle, quand, m'instruisant toute seule auprès du lit de ma grand'mère paralytique, ou à travers champs aux heures où je la confiais à Deschartres je me posais sur la société les que tions les plus élémentaires.*

²⁴⁶ *Je plains l'humanité, je la voudrais bonne, parce que je ne veux pas m'abstraire d'elle, parce qu'elle est moi; parce que le mal qu'elle se fait me frappe au coeur; parce que sa honte me fait rougir, parce que ses crimes me tordent le ventre [...]*

Para Sand, os artistas precisam de liberdade dentro da sociedade para poder criar:

Cada um é livre para embarcar num grande navio com muitas velas ou num barco de pesca. O artista é um explorador que ninguém deve parar e que não faz bem nem mal ao andar para a direita ou para a esquerda, seu objetivo santifica tudo, cabe a ele saber, depois de um pouco de experiência, quais são as condições de saúde da alma dele.²⁴⁷ (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 76).

Sand manifestava sua posição e lutava pela democracia, e pela forma como expressava isso, idealista, “acreditava mais na sabedoria e no amor do que na violência” (MAUROIS, 1956, p. 198), não aceitaria que a conquista da república e do progresso viesse através de atos violentos, ela queria que a conquista de direitos fosse pacífica. Maurois (1956, p. 310) destaca que ela pertencia ao povo tanto pelo coração quanto pela origem, e que por muito tempo conviveu com filhos de camponeses. Sand tinha uma origem nobre pelo lado da família do pai e plebeia pelo lado da mãe, e aparentemente escolheu cedo de que lado deveria lutar. Em *História da Minha Vida*, escreve: “Meu sangue real desaparecera em minhas veias ao mesclar-se, no ventre de minha mãe, com o sangue plebeu” (SAND, 2017, p. 357). Ao colocar seus romances a serviço de seus ideais, trilhou um caminho usando a literatura como arma para suas batalhas. E em sua luta pelas mudanças políticas, teve seu primeiro romance “socialista” (*Le Compagnon du Tour de France*) publicado em 1840.

Ao manifestar na correspondência o que para ela era uma realidade a ser modificada, no que diz respeito mais diretamente a suas opiniões políticas e sobre a sociedade de um modo geral, Sand abre um debate que encontra em seu correspondente, Flaubert, a oposição de quem via o mundo de forma conservadora e não lutava ativamente por mudanças sociais.

Outro tema que motivou Sand, e sobre o qual ela escreve em seus livros, foi a emancipação feminina, mas não buscava liberdade somente para si, ou seja, difundiu suas ideias na sociedade através de seu comportamento e de seus livros. George Sand, sendo uma mulher que conquistou a liberdade que desejava, talvez seja o melhor exemplo para ilustrar seus próprios ideais.

Como já vimos, mais voltado para a busca de seus próprios interesses, Flaubert comenta em algumas cartas desta correspondência que precisa de isolamento para conseguir escrever, pois o encontro com outras pessoas pode desconcentrá-lo por vários dias. Vemos esse tipo de

²⁴⁷ *Chacun est libre de s'embarquer sur un grand navire à toutes voiles ou sur une barque de pêcheur. L'artiste est un explorateur que rien ne doit arrêter et qui ne fait ni bien ni mal de marcher à droite ou à gauche, son but sanctifie tout, C'est à lui de savoir, après un peu d'expérience, quelles sont les conditions de santé de son âme.*

manifestação nos seguintes excertos: “Como interrompi o trabalho durante três semanas, tive muita dificuldade para recomeçar. Eu sou como os camelos que ninguém pode parar enquanto caminham, nem fazer andar enquanto repousam. Ainda ficarei assim por mais um ano ²⁴⁸” (FLAUBERT, 1868 apud JACOBS, 1981, p. 193); “Minha pequena viagem a Paris me inquietou demais. E vou ter dificuldade em voltar ao trabalho²⁴⁹.” (FLAUBERT, 1871 apud JACOBS, 1981, p. 336). Ele não ficava sozinho por falta de opção, mas a solidão fazia parte de sua vida enquanto estava em seu processo criativo.

Flaubert também se questionava sobre a relação entre escrever – literatura ou artigos – e receber pelo seu trabalho. Isso reforça mais uma vez o pensamento de que, para ele, escrever tinha como objetivo apenas o estilo e a beleza:

Por que publicar (no abominável tempo que corre)? É para ganhar dinheiro? que ridículo! Como se o dinheiro fosse a recompensa pelo trabalho! e poderia ser! Ainda será, quando tivermos destruído a especulação. Até então, não! E depois, como medir o Trabalho, como estimar o Esforço? Resta o valor comercial da obra. [...] Minha mercadoria não pode, portanto, ser consumida neste momento porque não é feita exclusivamente para meus contemporâneos. Meu serviço, portanto, permanece indefinido, e por isso, impagável²⁵⁰. (FLAUBERT, 1872 apud JACOBS, 1981, p. 410).

Na passagem: “Minha mercadoria não pode ser consumida neste momento porque não é feita exclusivamente para meus contemporâneos.”, Flaubert reforça a ideia de que escreve pensando num leitor do futuro. Nas palavras de Winock (2013, p. 232), o que Flaubert acabou criando com seu estilo foi “uma nova arte do romance²⁵¹”. Novidade que foi apreciada em sua íntegra no século XX. Se Flaubert pensava assim, era porque sabia que sua forma de escrever era uma inovação, um novo jeito de pensar e de escrever literatura, e acreditava, como afirma Sartre (1972, p. 635), que o estilo era o ponto de vista por excelência. Naginski (2013, p. 137) destaca que a imagem que Flaubert e Sand tinham do leitor ideal era muito diferente. Como já comentamos, Sand escreveu para seus contemporâneos e para o homem do povo, e Flaubert para os letrados e para a posteridade.

²⁴⁸ *Comme je m'étais interrompu pendant trois semaines, j'ai eu un mal abominable pour me remettre en train. Je suis de l'acabit des chameaux qu'on ne peut ni arrêter, lorsqu'ils marchent, ni faire partir quand ils se reposent. J'en ai encore pour un an.*

²⁴⁹ *Mon petit voyage à Paris m'a extrêmement troublé. Et je vais avoir du mal à me remettre à la pioche.*

²⁵⁰ *Pourquoi publier (par l'abominable temps qui court) ? Est-ce pour gagner de l'argent ? quelle dérision ! Comme si l'argent était la récompense du travail ! et pouvait l'être ! Cela sera, quand on aura détruit la Spéculation. D'ici là, non! Et puis, comment mesurer le Travail, comment estimer l'Effort ? Reste donc la Valeur commerciale de l'œuvre. [...] Ma marchandise ne peut donc être consommée maintenant, car elle n'est pas faite exclusivement pour mes contemporains. Mon service reste donc indéfini, et par conséquent impayable. [...] Mon service reste donc indéfini, et par conséquent impayable.*

²⁵¹ *Un art nouveau du roman.*

Em carta ao amigo Ernest Feydeau, sobre escrever para jornais e revistas, ele teria se expressado assim: "Serei visto como cocheiro de fiacre antes de ser visto escrevendo por dinheiro²⁵²" (FLAUBERT apud WINOCK 2013, p. 291). Ele agia assim, possivelmente, porque não vivia apenas do dinheiro de seu trabalho, tinha posses, e por isso podia escrever em busca do seu ideal estético sem pensar no quanto receberia por isso – ou, como destaca Winock (2013), ele se dedicava a tentar escrever obras de arte.

Mas a vida de Flaubert, ainda focando em suas relações interpessoais, parecia ter também seus momentos divertidos, principalmente lendo e discutindo sobre literatura, e em jantares com os amigos em suas acomodações de Paris, em restaurantes, ou quando os recebia em sua casa em Croisset. Vejamos alguns exemplos que constam na correspondência: em 12/01/1870: "Que venha o que vier! Em breve terei cinquenta anos. Está na hora de me divertir, isto é, de me soltar."²⁵³ (FLAUBERT, 1870 apud JACOBS, 1981, p. 271). Em 03/06/1874: "Eu devorei de uma só vez, como uma boa taça de vinho, *Ma soeur Jeanne*²⁵⁴, estou encantado. É divertido e comovente. Que nitidez! como funciona."²⁵⁵ (FLAUBERT, 1874 apud JACOBS, 1981, p. 471). Em dezembro de 1869, Flaubert foi a Nohant pela primeira vez. Na ocasião os dois amigos se divertiram juntos. Jacobs (1981, p. 264) destaca anotações na agenda de Sand (naturalmente nesses dias não houve cartas): "Flaubert se veste de mulher e dança a *chachucha* com Plauchut. É grotesco; nós parecemos loucos."²⁵⁶ (SAND, 1869 apud JACOBS, 1981, p. 271). Em 1873, Flaubert volta a Nohant e se diverte novamente. Sand anota na agenda: "[...] nós dançamos. Flaubert veste uma saia e tenta dançar um fandango. Ele é muito engraçado, mas fica sem ar depois de cinco minutos."²⁵⁷ (SAND, 1873 apud JACOBS, 1981, p. 425).

Aparentemente ele passou os últimos anos da sua vida absolutamente sozinho e afastado do convívio social em Croisset, com seus livros. Era lá que lia e escrevia, e muitas vezes parecia que vivia bem quando estava apenas consigo mesmo e em silêncio. Seus bichinhos de estimação eram peixes, animais silenciosos por natureza. Em 06/12/1866, escreve a Sand: "Agora tenho um aquário de peixinhos vermelhos. Isso me diverte, eles me fazem companhia enquanto janto."²⁵⁸ (FLAUBERT, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 107). Flaubert também gostava de estar, eventualmente, entre amigos, a quem lia também em voz alta seus livros, emitia opiniões sobre

²⁵² *On me verra cocher de fiacre avant de me voir écrire pour de l'argent.*

²⁵³ *Advienne que pourra ! J'ai bientôt cinquante ans. Il est temps de s'amuser, c'est-à-dire de se lâcher.*

²⁵⁴ Romance de George Sand.

²⁵⁵ *Je viens d'avalier d'un trait, comme un bon verre de vin, Ma sœur Jeanne, dont je suis ravi. C'est amusant, et émouvant. Quelle netteté! comme ça marche.*

²⁵⁶ *Flaubert s'habille en femme et danse le chachucha avec Plauchut. C'est grotesque; on est comme des fous.*

²⁵⁷ *[...] on danse. Flaubert met Une jupe et essaie le fandango. Il est bien drôle, mais il étouffe au bout de cinq minutes.*

²⁵⁸ *J'ai maintenant un bocal de poissons rouges. Et ça m'amuse, ils me tiennent compagnie pendant que je dine.*

os livros dos amigos e nunca escondia que seu assunto preferido era a literatura. Quando expande as dificuldades que tem de se concentrar para escrever, colocando-as na correspondência, ainda assim está em sua zona de conforto, ou seja, está lidando com algo a que está acostumado, e com que sabe lidar. Talvez desabafar com os amigos também seja sua forma de se relacionar com o mundo, talvez não com o mundo todo, mas com o mundo pelo qual viveu, o mundo dos escritores e da escrita, da leitura. O mundo da literatura.

3 SELEÇÃO E TRADUÇÃO DE EXCERTOS PARA UMA LEITURA DRAMÁTICA

3.1 SOBRE A SELEÇÃO DAS CARTAS E DOS EXCERTOS

Nossa seleção de cartas não foi pautada somente pelas manifestações dos dois escritores sobre literatura e teatro, ainda que esses temas talvez possam ser considerados o núcleo de maior interesse de sua correspondência, mas também na amizade que aos poucos foi se construindo entre Sand e Flaubert. Os aspectos descritos no capítulo anterior foram escolhidos por sua relevância para a contextualização (no caso específico dos lugares) e por sua centralidade no conjunto de discussões (no caso dos temas) que se desenvolvem ao longo da correspondência, e também porque entendemos que são questões importantes, para um e outro autor, ou apenas para um deles, e que fizeram diferença em sua vida, como o estilo para Flaubert e a natureza para Sand.

O primeiro tema escolhido trata da amizade entre Sand e Flaubert. Percebemos que o fato da correspondência durar tanto tempo se deva principalmente a esse sentimento que os uniu e os fez estar em contato um com o outro tanto pessoalmente quanto de forma epistolar, ainda que às vezes tenhamos a impressão de que mais que vontade, eles tinham necessidade desses encontros de personalidades e de almas.

Sobre o tema seguinte eles discordavam totalmente: a escrita literária, tema que está presente em nossa seleção de textos devido ao valor que tem na vida de ambos e também à riqueza de ideias com que debatem o tema, cada um com sua forma de conceber e de escrever seus livros. Escolhemos tratar também dos “tormentos do estilo” de Flaubert, porque revela uma característica importante do trabalho do escritor.

As relações de cada um deles com a natureza também constituem um tema importante, na medida em que dizem respeito a suas relações com o mundo que os cercava: Sand era uma escritora muito ligada ao campo, Flaubert nem tanto.

A produção teatral dos dois escritores é uma vertente do trabalho de ambos que fomentava a cultura na França oitocentista, razão pela qual este foi um dos temas que pautou tanto nossa discussão anterior quanto a seleção das cartas.

Para finalizar, tratamos ainda da homenagem que cada um faz ao outro dedicando uma de suas obras ao amigo. E foi desse último tema que selecionamos o último excerto deste trabalho, que, como entendemos, faz as vezes de uma síntese entre a amizade e a literatura.

Cabe observar ainda que vários desses temas ocorrem simultaneamente em várias cartas, como na de 15/02/1872, também selecionada por este estudo, em que Flaubert, ao pedir que

Sand escreva um artigo para um livro de seu amigo Bouilhet, conta a ela que esteve doente, mas que já está melhor. Os temas destacados, entre outros, estão presentes em várias cartas e se entrecruzam com frequência ao longo da correspondência.

3.2 SOBRE A TRADUÇÃO DOS EXCERTOS COM VISTAS A UMA LEITURA DRAMÁTICA

Olhamos para as cartas em francês como um grande desafio a ser transposto, o que nos remete a uma das percepções contemporâneas mais importantes da tradução, qual seja, a de que todo traduzir é também um modo de construir alteridade. Isso significa assumir que, para além de dizer de novo um texto original, todo texto traduzido é também “um outro texto” — um texto em português brasileiro —, que constituirá uma nova forma de vida da correspondência Flaubert-Sand neste seu novo contexto, e é justamente nessa condição de alteridade que o texto traduzido se torna capaz de promover a sobrevivência de seu original, como nos elucidava o pensamento benjaminiano, e como destaca Maurício Cardozo²⁵⁹.

Para poder compartilhar nossa seleção de cartas com leitores brasileiros, criamos esse “outro texto”, ou seja: é nesse movimento de tradução do francês para o português brasileiro que renascem as cartas escritas por Flaubert e Sand, até então inéditas em nosso idioma. A tradução das cartas, por sua vez, é um gesto fundado na visão que o tradutor tem desse objeto e em seu percurso particular de leitura, de modo que, marcada pela singularidade de seu gesto, a tradução resulta sempre em alguma forma de transformação. Não temos a pretensão de traduzir todo o pensamento de Flaubert e Sand ao nos debruçarmos sobre sua correspondência, mas queremos chamar atenção para alguns aspectos desse pensamento, os quais já foram mencionados anteriormente neste estudo quando discorreremos sobre os temas das cartas.

Traduzimos nossa seleção de cartas nesse mesmo gesto de releitura desses textos, procurando produzir um texto instigante para quem não leu as cartas em francês, mas que seja reconhecido como um texto outro, um texto novo, de interesse também para quem as leu no idioma original. Emprestar nossa voz a esses textos, bem como a quem tem voz nesses textos, é o modo como entendemos poder cumprir da melhor forma possível essa tarefa de tradução.

Tanto apreender quanto expressar o significado apreendido a partir da correspondência são tarefas difíceis e delicadas ao longo de um trabalho como este, mas são também os procedimentos mais fundamentais de toda tradução. Acreditamos que esta proposta de

²⁵⁹ No artigo intitulado “História da Tradução: a questão do objeto, o objeto em questão” (Cardozo, 2021).

reconstrução, ainda que parcial, da correspondência Flaubert-Sand aqui no Brasil — 146 anos depois de seu término com a morte de Sand —, pode vir a despertar o interesse de outros pesquisadores pelo mesmo material, de imenso valor sobretudo para pesquisadores da vida ou da obra de Gustave Flaubert e/ou de George Sand.

As cartas selecionadas e traduzidas constituem, por si sós, o resultado mais importante deste trabalho. Sua leitura dramática, como uma forma de adaptação de excertos dessas cartas para a dramaturgia, uma vez que encenada, torna-se um modo de potencializar a recepção desse resultado, alcançando também um público além do circuito mais acadêmico.

3.3 A ORGANIZAÇÃO DRAMÁTICA

Foi pensando na dinâmica de uma leitura dramática que selecionamos excertos e não cartas inteiras, no intuito de que o texto não perca o foco por trazer detalhes que não pertencem ao que realmente queremos comunicar, que são informações e opiniões de Flaubert e Sand sobre os temas já mencionados: amizade, tormentos do estilo, relações com a natureza, teatro e escrita literária. Com esse critério acabamos por escolher um maior número de cartas para este trabalho, mostrando várias ocorrências sobre os vários temas que optamos por destacar.

Do ponto de vista da organização dramática, pensamos em otimizar a compreensão em cena considerando a continuidade das cartas escolhidas, que embora estejam numa sequência cronológica podem confundir o espectador porque não são necessariamente a resposta uma da outra, ou seja, a carta seguinte pode ter sido escrita no ano seguinte e também sobre um assunto diferente. Essa estratégia foi pensada para que não se tenha que lidar sempre com cartas que sejam a resposta imediata da anterior.

Pensamos em três formas diferentes de organização da leitura dramática, que apresentarei a seguir. Em todas as opções, a transição entre os excertos pode ser feita com um tempo maior, para dar tempo ao público; o tempo de transição pode também ser preenchido com música, de acordo com a preferência do diretor da leitura dramática. As sugestões serão escolhidas, provavelmente, de acordo com os recursos ideológicos e/ou financeiros da produção da montagem.

A primeira sugestão de organização colocaria em cena uma escrivinha, sobre ela um calendário – grande, que possa ser visto e lido pela plateia – com a data da carta que está sendo lida, e algum outro detalhe que possa identificar uma mudança temporal na sequência das cartas ou da época em que foi escrita, conforme necessidade a ser observada durante ensaio da leitura dramática. Ao passar à leitura da carta seguinte, o ator deve virar uma página do calendário.

Para não criar monotonia, o recurso não será utilizado em todas as cartas. Nessa proposta, a escrivãzinha não é um cenário casual, mas um símbolo do trabalho da escrita, ofício dos dois correspondentes. O calendário ajuda a compor o cenário de um local de trabalho, que pode trazer também outros objetos daquela época, como agendas, penas, tinteiro etc.

A segunda sugestão de organização colocaria em cena um narrador que fale sobre a transição das cartas e alterações temporais, sendo o fio condutor da encenação. Nesse caso estariam em cena três pessoas e não duas: o ator e a atriz que leriam os excertos das cartas, e o narrador. Porém, se esta for a forma escolhida para resolver a questão da transição das cartas, os epistológrafos não devem interagir como o narrador, este seria um narrador onisciente, não participando da história. Essa ideia remete diretamente ao gênero literário do romance, tão caro aos dois amigos e correspondentes.

A terceira sugestão de organização consistiria em misturar linguagens, juntando o recurso material oitocentista das cartas a um recurso contemporâneo: uma tela audiovisual. Como nas sugestões anteriores, a tela também poderia conter outras informações que não estão contidas nas cartas, mas que o diretor pode julgar interessantes para a cena, ou até mesmo necessárias. A transição das cartas seria marcada através desse “telão”.

Em qualquer um desses recursos de organização dramática, sugerimos trazer à cena algum material iconográfico, como imagens dos lugares onde viveram os dois escritores, seus retratos, capas de seus romances, manuscritos de um e de outro etc.

3.4 APRESENTAÇÃO E COMENTÁRIO DOS EXCERTOS TRADUZIDOS

A primeira e a segunda cartas escolhidas para esta antologia datam respectivamente de 24 e 31 agosto de 1866. Elas tratam da primeira visita que Sand fez à casa de Flaubert em Croisset. A primeira carta foi escrita antes da visita, a segunda logo depois. Sand tinha avisado para Flaubert em carta do dia 22 de agosto que iria a Saint-Valery-en-Caux encontrar Alexandre Dumas Filho e que na volta passaria em Rouen para visitá-lo: “Vou ver Alexandre em Saint-Valery, sábado à noite. Ficarei lá domingo e segunda-feira. Voltarei a Rouen na terça-feira, e irei vê-lo. Diga-me como faremos²⁶⁰” (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 68). Vemos na resposta de Flaubert (nossa primeira carta) o acolhimento dispensado a ela. Ele lhe dá instruções detalhadas de como chegar à estação onde a encontrará. Por ser a primeira carta deste trabalho, achamos a presença das instruções importante para ilustrar que se trata da primeira visita.

²⁶⁰ *Je vas [sic] voir Alexandre à Saint-Valery samedi soir. J'y passerai dimanche et lundi. Je reviendrai mardi à Rouen et j'irai vous voir. Dites-moi comment on s'y prend.*

A segunda carta, escrita depois da visita, revela a mudança na forma como Sand passa a tratar Flaubert, substituindo o formal *vous*, por *tu*. Essa quebra de formalidade não chegou a ser feita por Flaubert, que nunca mudou – pelo menos na correspondência – o pronome de tratamento para com ela.

Entre as marcas que achamos importantes dessa segunda carta destacamos a ótima impressão que fica em Sand da família Flaubert e da cidade de Rouen, que ela não conhecia. A carta traz ainda um comentário de Sand, que ao se referir a si mesma como “um animal errante” e uma “anomalia” nos faz pensar que suas escolhas, como assumir um pseudônimo masculino para se consolidar como escritora, — e se vestir de homem, ainda que só tenha se vestido assim no começo de sua vida em Paris — podem ter trazido momentos constrangedores a ela. Em *História da Minha Vida*, Sand conta que ao saber que trabalharia como escritora, sua então sogra teria dito “Eis uma ideia estapafúrdia!” (SAND, 2017, p. 424), além de pedir à escritora que não colocasse o sobrenome da família “em capas de livros impressos”. Martine Reid (2013, p. 77), destaca que Sand ainda seria considerada por muitas pessoas como uma mulher “perdida”, simplesmente porque escrevia. Em carta de 01/10/1866 (ano em que a correspondência passou a ser assídua), Sand escreve a Flaubert: “Agora que não sou mais uma mulher, se o bom Deus fosse justo, eu me tornaria um homem. Teria força física e lhe diria: então vamos a Carthago ou a outro lugar. Mas, eis que voltamos à infância que não tem sexo nem energia [...]”²⁶¹ (SAND, 1866 apud JACOBS, 1981, p. 84).

Para quem for apreciar a leitura dramática que virá das cartas, a demonstração de afeto será importante no sentido de esclarecer que apesar de discordarem em diversos assuntos, os dois escritores se apreciavam e respeitavam muito.

CARTA 1:

Flaubert a Sand – Croisset, perto de Rouen, 24 de agosto de 1866

Cara mestre,

Eis o que devemos fazer: quando a senhora chegar a Saint-Valery, tomará um lugar na diligência²⁶² que faz o transporte de Saint-Valery a Motteville. Senão a senhora corre o risco

²⁶¹ *A présent que je ne suis plus une femme, si le bon Dieu était juste, je deviendrais un homme. J'aurais la force physique et je vous dirais: allons donc faire un tour à Carthage ou ailleurs. Mais voilà, on marche à l'enfance, qui n'a ni sexe ni énergie [...].*

²⁶² N.T. Tendo sido escritas no século XIX, as cartas trazem algumas palavras que hoje são obsoletas, como *guimbarde* e *wagon*, que traduzimos como *diligência* e *vagão*. Esses exemplos de léxico, juntamente com as expressões idiomáticas, compõem as maiores dificuldades, mas não as únicas, encontradas em nosso processo de tradução.

de atrasar muito sua partida.

Saindo de Saint-Valery às 8h45, a senhora chegará em Rouen à 1h. Lá, vai me encontrar na porta do seu vagão, e não precisará se preocupar com mais nada. Se não partir de Saint-Valery de manhã, só poderá partir às 4 h da tarde.

A senhora deve ter recebido uma palavrinha, pelo telégrafo, dizendo que seu quarto a espera. Então, dormirá aqui.

Faça a gentileza de me enviar de Saint-Valery uma resposta me avisando a hora exata de sua chegada.

Beijo suas duas mãos e sou seu amigo.

LOGO DEPOIS DA VISITA:

CARTA 2:

Sand a Flaubert – Paris, 31 de agosto de 1866

Em primeiro lugar, abraçe por mim sua querida mãe e sua sobrinha encantadora. Estou realmente emocionada com a boa acolhida que recebi em seu meio sagrado, onde um animal errante da minha espécie é uma anomalia que vocês poderiam achar embaraçosa. Em vez disso, fui recebida como se fosse da família e percebi que que essa grande cortesia era de coração. Não esqueça de mim junto de tão amáveis amigas. Eu realmente fiquei muito feliz na casa de vocês.

Você é um menino corajoso e bom, mesmo já sendo um grande homem, e eu o amo de todo coração. Minha cabeça está repleta de Rouen, dos monumentos, das casas excêntricas. Tudo isso visto com vocês me toca duas vezes. Mas sua casa, seu jardim, sua “cidadela”, é como um sonho, e parece que ainda estou nele.

O extrato seguinte é do final de setembro de 1866 e mostra uma das várias vezes em que Flaubert se queixa a Sand, na correspondência, de sua grande dificuldade para se concentrar no trabalho, principalmente quando tem barulho ao seu redor. Nesta carta ele se refere a duas crianças que estão em sua casa e fazem muita algazarra. As crianças são suas sobrinhas-netas. Este extrato menciona também *Cadio*, peça de Sand. Ao longo da correspondência percebemos que mesmo quando há silêncio as dificuldades de concentração de Flaubert estão presentes.

Este trecho foi escolhido para compor os extratos de nossa leitura dramática porque demonstra no começo da correspondência a questão importante da exigência que Flaubert fazia

a si mesmo no que diz respeito ao estilo, e a sua busca pela “palavra exata”, fazendo com que, para atingir seu objetivo estético, precisasse de certo isolamento e bastante tempo para escrever.

CARTA 3:

Flaubert a Sand – Croisset, 29 de setembro de 1866

A senhora voltou a Paris, não? O que tem feito? A peça está progredindo²⁶³? Quanto ao seu amigo, ele está atordoado pelos pirralhos que enchem sua casa: um sobrinho e uma sobrinha pequenos, que gritam como asnos e saltitam como macacos. Eu trabalho com tanta dificuldade que preciso de muito silêncio e concentração.

Está combinado, como sabe, que a senhora virá aqui no final de outubro. Estaremos a sós e teremos tempo de conversar profundamente e nos vermos um pouco.

No excerto seguinte, vemos uma das inúmeras vezes em que Flaubert demonstra o quanto gosta de Sand. A carta foi escrita após a segunda visita de Sand a Croisset, no início de novembro (de 1866).

O que há de diferente nesta carta – com relação a outras em que o carinho aparece – é o fato de demonstrar o envolvimento da família inteira, e não apenas dos dois escritores. A mãe de Flaubert gostou muito de conhecer pessoalmente a escritora, de quem já lia os livros. Ela manda “recados” para Sand em várias cartas de Flaubert no decorrer desta correspondência.

CARTA 4:

Flaubert a Sand – Croisset, 13 de novembro de 1866

Fiquei com uns parafusos frouxos depois de sua partida. Parece-me que não a vejo há dez anos! Meu único assunto com minha mãe é a senhora. Todos aqui a amam. A senhora nasceu em qual constelação para trazer em si qualidades tão diversas, tão numerosas e tão raras? Não sei que tipo de sentimento tenho pela senhora, mas é uma ternura particular e que nunca senti por ninguém até agora. Nós nos entendemos bem, não é? foi tão bom.

A carta seguinte, de 22 de novembro de 1866, destaca a relação de Sand com a natureza.

²⁶³ *Cadio*, peça adaptada de um drama do teatro de Nohant e na qual a ação se passa em Vendéia e na Bretanha. Ela fez uma viagem para a Bretanha, para ambientar a peça.

É escrita de Palaiseau, e nela a escritora cita a natureza ao seu redor. Bem-humorada, descreve também uma espécie de “baile das moscas”, que deixa a carta com um tom divertido.

Encerramos o excerto com um comentário sobre liberdade e amizade. E embora a referência seja diretamente à amizade, chamou nossa atenção a questão da liberdade. Claude Tricotel (1978, p. 60) afirma que esse comentário agradou muito a Flaubert, que sempre teria feito questão de preservar a própria independência e por esse motivo teria se recusado a assumir compromissos importantes na vida para se dedicar a seu trabalho rigoroso.

Esta carta foi selecionada também porque a relação de Sand com as paisagens foi realmente importante para ela, as árvores, os pássaros e as fontes a fascinavam, e isto é demonstrado não apenas na correspondência Flaubert-Sand, mas também nas biografias e na obra de Sand.

CARTA 5:

Sand a Flaubert – Palaiseau, 22 de novembro de 1866.

Aqui estou, sozinha em minha casinha. O jardineiro e sua família moram no pavilhão do quintal, e nós somos a última casa do povoado, isolados no campo, que é um oásis encantador. Prados, bosques, pomares como na Normandia; nada de grandes rios com os gritos dos barcos e a correnteza infernal, só um riacho que corre mudo sob os salgueiros, e um silêncio... Ah, mas parece que estamos no fundo de uma floresta virgem: o único que fala é o pequeno fluxo da fonte que empilha constantemente diamantes ao luar. As moscas adormecidas nos cantos do meu quarto acordam com o calor da lareira. Elas tinham ido lá para morrer, chegam perto do lampião, são tomadas por uma alegria louca, zumbem, saltam, riem, entregam-se até para as levandades do amor, mas é hora de morrer, e... paf! No meio da dança elas caem duras. Acabou, adeus baile!

Não se sinta obrigado a me escrever quando não tiver vontade. Não existe amizade verdadeira sem liberdade absoluta.

Os próximos 3 excertos são sobre os “tormentos do estilo” de Flaubert; neles podemos perceber a profundidade de suas angústias. São duas cartas de Flaubert e uma de Sand sobre o tema.

Mais uma vez escolhemos cartas que tratam de uma característica importante na criação literária de Flaubert. A intenção neste caso é mostrar ao público (pensando sempre na leitura dramática) o quanto pode ser difícil atingir um objetivo quando o trabalho é feito com tanta

originalidade, e o resultado é uma obra literária. Esta pode ser uma informação importante para aqueles que já leram os romances de Flaubert e só agora se deparam com parte do pensamento do escritor que os produziu.

CARTA 6:

Flaubert a Sand – Croisset, 27 de novembro de 1866

Meu romance vai bem mal nesse momento.

A senhora não sabe o que é passar um dia inteiro com a cabeça entre as mãos, pressionando a infeliz, em busca de uma palavra. A ideia flui facilmente no seu cérebro, incessante como um rio. Em mim é uma gota fina d'água, preciso de um grande esforço artístico antes de conseguir uma cascata. Ah! Eu conheço os tormentos do estilo! Enfim, passo a vida corroendo meu coração e meu cérebro. Eis o mais profundo de seu amigo.

CARTA 7:

Sand a Flaubert – Palaiseau, 30 de novembro de 1866.

Seja menos cruel consigo mesmo, mas vá em frente, e quando o fôlego tiver criado tudo, o senhor elevará ao tom geral e sacrificará o que não deve permanecer em primeiro plano. Será que isso é possível? Acho que sim. O que o senhor faz parece tão fácil, tão rico, é um transbordamento eterno. Não consigo entender sua angústia.

Boa noite, caro irmão. Meus carinhos a todos os seus. Voltei para minha solidão de Palaiseau. Adoro! Voltarei a Paris na segunda-feira.

CARTA 8:

Flaubert a Sand – Croisset, 5-6 de dezembro de 1866

Não estou nem um pouco surpreso que a senhora não entenda nada das minhas angústias literárias! Eu também não entendo. Mas, no entanto, elas existem e são violentas. Já não sei mais como me concentrar para escrever, e só consigo expressar um por cento de minhas ideias, depois de tatear infinitamente. Seu amigo não é impulsivo. Não! De jeito nenhum! Então, há dois dias inteiros eu viro e reviro um parágrafo sem chegar a nenhuma conclusão. Tem hora que dá vontade de chorar! Está ficando com pena? Imagine eu, então!

Nos próximos 5 excertos a discussão é sobre literatura, ainda que alguns deles citem também os “tormentos de estilo” de Flaubert. A respeito desse tema, o único ponto em comum, provavelmente, era o fato de que os dois, ao mesmo tempo em que liam muito, também escreviam muito.

Claude Tricotel (1978, p. 21) destaca que as grandes divergências que provocarão discussões apaixonantes dentro da amizade Flaubert-Sand começam a aparecer a partir do artigo que ela escreve sobre *Madame Bovary*, publicado em *Le courrier de Paris*, de 29 de setembro de 1857 (portanto, antes mesmo de serem amigos próximos), e os seguem até o fim.

A literatura não poderia estar ausente desta seleção de cartas, já que ambos eram acima de tudo escritores. Tentamos trazer a discussão que tinham sobre suas divergências ideológicas a esse respeito. No que se refere não só à literatura, mas à arte como um todo, para Flaubert esta deve ser “científica e impessoal”, como veremos a seguir. E para Sand, deve estar repleta da alma que a produz.

Neste ponto do trabalho indicamos que seja usado o recurso de transição escolhido pelo diretor da leitura dramática. Relembrando: calendário, narrador ou audiovisual.

CARTA 9:

Sand a Flaubert – Paris, 7 de dezembro de 1866

Não colocar o coração no que escrevemos? Não entendi nada, ah, mas não entendi nadinha mesmo. O que me parece é que não podemos colocar outra coisa na escrita. Podemos separar nossa alma do coração? Uma coisa é diferente da outra? Será que a própria sensação pode se limitar e o ser pode cindir-se? Enfim, não se doar inteiro para sua obra me parece tão impossível quanto chorar por outra parte que não seja pelos olhos, e pensar por outra parte que não seja o cérebro. O que o senhor quis dizer? Responda quando tiver tempo.

CARTA 10:

Flaubert a Sand – Croisset, 15-16 de dezembro de 1866

Meu estilo continua me dando aborrecimentos que não são nada fáceis.... porém, espero que dentro de um mês já tenha passado pelo lugar mais árido. Mas no momento estou perdido num deserto. Enfim, seja o que Deus quiser, não importa!

Eu me expressei mal quando disse “não devemos escrever com o coração”. Eu quis dizer: não colocar sua personalidade em cena. Acredito que a grande arte é científica e

impessoal. É preciso, num esforço do espírito, se transportar nas Personagens e não as atrair para si. Ao menos o método está aí, o que significa dizer: trate de ter muito talento e até gênio, se puder.

Para a leitura dramática desse excerto, a transição de cena com informações pode ser usada aqui também, pois temos duas cartas seguidas do mesmo autor. Ou, se o diretor preferir, os dois textos podem ser unidos sem intervalo.

CARTA 11:

Flaubert a Sand – Croisset, 19 de dezembro de 1867

Para conseguir terminar meu livro na primavera de 1869, é necessário que daqui até lá eu não me dê nem oito dias de folga! É por isso que não vou a Nohant. É como a história das Amazonas. Para esticar melhor o arco, elas retiravam o seio. Será que é uma boa solução? Adeus cara mestre. Escreva para mim, hein? Um abraço carinhoso.

CARTA 12:

Sand a Flaubert – Nohant, 21 de dezembro de 1867

Não concordo com a ideia de mutilar um seio para usar o arco.

Acho que o artista deve viver de acordo com sua natureza o máximo possível. Para o que ama a luta, a guerra; o que ama as mulheres, o amor; o velho que como eu ama a natureza, as viagens e as flores, as rochas, as grandes paisagens, as crianças também, a família, tudo o que emociona, tudo o que combate a anemia moral. [...] Mas talvez nada disso seja aplicável a um espírito como o seu que adquiriu muitas coisas que só precisa digerir. Só vou insistir num ponto, é que o corpo físico é indispensável ao ser moral e temo que mais cedo ou mais tarde você fique doente e seja forçado a suspender o trabalho e o deixar esfriar.

Novamente é indicado o recurso de transição, pois, ainda que tratem do mesmo tema, se passaram 3 meses entre a carta anterior e a próxima.

CARTA 13:

Flaubert a Sand – Paris, 19 de março de 1868

Quanto a minhas viagens, não é por falta de vontade que não vou. Mas eu estaria perdido se sáísse daqui antes do fim de meu romance [...]. Ao voltar de sua casa, só pensaria na senhora e nos seus [...]. Eu faço muitos esforços para conseguir me concentrar. A todo momento me distraio. Minha cara mestre adorada, estou me privando de ir sentar e sonhar em sua casa. Mas no verão (ou no outono) de 1869 verá que sou um bom conversador, quando deixado ao ar livre. Mas sou abjeto, já vou avisando!

No próximo extrato, Sand expressa algo sobre a relação com suas netas, falando da harmonia de sua família, tema este que também está presente em outras cartas, mas nesta ela fala uma frase “estranha” com a qual sonhou e acaba emitindo carinho ao amigo, o comparando a um sonho.

A carta traz afeto e família a nossa seleção de cartas, temas que também estão sempre presentes ao longo da correspondência. Essa carta “mais doce” está colocada exatamente antes do tema da luta armada com a intenção de trazer para o público algum impacto ao perceber como uma guerra pode destruir não apenas a paz do mundo externo, mas também a paz interior.

Mais uma vez o recurso de transição é indicado, pois há mudança de assunto e passagem de quase 7 meses.

CARTA 14

Sand a Flaubert – Nohant, 15 de outubro de 1868

Meus filhos continuam bons e carinhosos, minhas duas netinhas sempre alegres e afetuosas. Esta manhã, eu estava sonhando e me acordei dizendo essa frase estranha: “Sempre tem um grande protagonista jovem nos dramas da vida”. Protagonista da minha: Aurore. A verdade é que é impossível não amar essa menina. A verdade é que é impossível não idolatrar essa menina. Ela é tão inteligente e boa que causa em mim o efeito de um sonho.

Você também, mesmo sem saber, é um sonho! Desse jeito!

As duas próximas cartas são sobre a guerra Franco-Prussiana, que ocorreu entre 1870 e 1871. Há várias cartas sobre o tema na correspondência, mas estas foram escolhidas porque são as primeiras que Flaubert e Sand escreveram após o início da guerra e nelas os dois amigos expressam suas opiniões a respeito. Desta vez, sobre a guerra, concordam um com o outro. Ambos ficaram desanimados e tristes.

As cartas sobre a guerra foram selecionadas para este estudo para provocar de alguma forma o público da leitura dramática a refletir sobre o tema, com a intenção de gerar empatia e não deixar de pensar no assunto que infelizmente é muito atual. Acreditamos que ao ouvirem sobre o tema as pessoas farão analogia imediata com o mundo contemporâneo.

Para esta transição indicamos o subterfúgio escolhido pelo diretor, pois além de mudar o tema, muda também o ano.

CARTA 15:

Flaubert a Sand – Croisset, 22 de julho de 1870

Como a senhora está, cara mestre, a senhora e sua família? Estou repugnado, e sinto muito pela ignorância de meus compatriotas. A irremediável barbárie da humanidade me enche de uma tristeza profunda. Esse entusiasmo, que não é motivado por nenhuma ideia, me dá vontade de morrer para não o ver mais.

O bom francês quer lutar. 1º porque tem ciúmes da Prússia, 2º porque o estado natural do homem é a selvageria, 3º porque a guerra contém em si um elemento místico que conduz as massas.

[...] Tenho medo disso. A assustadora carnificina que se prepara não tem nem mesmo pretexto. É a vontade de guerrear por guerrear.

Choro pelas pontes destruídas, os túneis arrebentados, todo esse trabalho humano perdido, enfim, uma desinteligência tão radical.

A civilização me parece distante. Hobbes tinha razão: Homo homini lúpus²⁶⁴.

CARTA 16:

Sand a Flaubert – Nohant, 26 de julho de 1870

Eu acho essa guerra infame, essa Marselhesa autorizada um sacrilégio. Os homens são bestas ferozes e vaidosas. [...]

Aqui está fazendo entre 40 e 45 graus na sombra. As florestas são incendiadas: outra estupidez terrível. Os lobos vêm se refugiar em nossos quintais e nós os caçamos à noite, Maurice com um revólver e eu com uma lanterna. As árvores perdem suas folhas e talvez suas

²⁶⁴ “O homem é o lobo do homem”. Pensamento de Plauto, repetido e ilustrado pelo filósofo inglês Hobbes. (JACOBS, 1981, p. 304, nota n. 63).

vidas. A água potável vai acabar. As colheitas são quase nulas, mas temos a guerra! Que sorte!
[...]

Você já disse, com razão, que para trabalhar é preciso alguma alegria. Como encontrá-la nesses tempos malditos? Felizmente não tem ninguém doente aqui em casa.

As duas cartas a seguir tratam de outro aspecto dos diálogos sobre literatura na correspondência: os artigos sobre livros literários que Sand escrevia para os jornais. Sand era mais influente que Flaubert junto aos jornais e editores da época, pois, como já vimos, começou a escrever profissionalmente participando da equipe de redatores de um jornal.

Claude Tricotel (1978, p. 113-114) afirma que em dezembro de 1869, a pedido de Flaubert, ela escreveu sobre *L'Éducation Sentimentale*, que havia tido uma crítica negativa, de um modo geral. Mas Flaubert não pediu artigos apenas para seus próprios romances. Na carta de 15/02/1872, a qual selecionamos aqui, Flaubert pediu um texto sobre *Dernières Chansons*, de Louis Bouilhet, que Flaubert prefaciou e fez publicar postumamente, em 1872.

Sand se dispõe imediatamente a fazer o que ele pede. Jacobs (1981, p. 385, nota n. 31) comenta que Sand só conseguiu publicar o artigo sobre *Dernières Chansons* em 31/07/1872.

Estas duas cartas têm a função de mostrar ao público mais um lado importante da amizade, que são os favores que um fazia ao outro. Flaubert tinha liberdade de pedir a Sand e ela escrevia com prazer para ajudar o amigo a divulgar seus livros e também como nesse caso, os de seu amigo Bouilhet.

CARTA 17:

Flaubert a Sand – Paris, 15 de fevereiro de 1872

Cara boa mestre,

A senhora pode escrever um artigo para o Le Temps sobre Dernières Chansons? Eu ficaria muito agradecido, é isso!

Eu estive doente toda a semana passada. Minha garganta estava péssima. Mas dormi bastante e já está tudo bem. Recomecei minhas leituras para Saint Antoine.

Tenho a impressão que Dernières Chansons pode render um bom artigo, uma oração fúnebre à Poesia. Ela não vai perecer. Mas o eclipse será longo e mergulharemos em suas trevas.

Ouçá seu coração, e só faça se tiver vontade. E me responda com um bilhetinho.

CARTA 18:

Sand a Flaubert – Nohant, 17 de fevereiro de 1872.

Meu trovador,

Estou pensando no que você me pediu e o farei, mas esta semana eu preciso repousar. Cai na folia no carnaval com minhas netinhas e meus sobrinhos-netos.

Um abraço meu e de toda minha ninhada.

G. Sand.

A escolha desta próxima carta, de 15/09/1872, para este estudo se dá principalmente para lembrarmos a atuação dos dois escritores na cena teatral. Há outras cartas na correspondência sobre o tema, mas ao colocar esta carta em nossa leitura dramática estaremos transmitindo ao público que os dois autores, e não apenas um deles, escreveram para a dramaturgia, pois ela traz a dupla informação. Certamente muitas pessoas sabem disso, mas dificilmente todas. Assim a informação será passada a todos que assistirem ao espetáculo.

CARTA 19:

Flaubert a Sand – Paris, 15 de setembro de 1872

Eu quero ir ver a senhora, meio demoradamente! Para falar sobre um monte de coisas que não podem ser ditas em cartas. Gostaria, primeiro, de ler Saint Antoine para a senhora, e depois falar de outro livro, que vou começar e que levará cinco anos, pelo menos!

Quando começam os ensaios de sua peça no Odeon? Quando a senhora vem a Paris? Acho que a senhora poderia muito bem reservar dois ou três dias para mim, no meio de seus assuntos teatrais, não?

Um dia desses (já que estamos falando de teatro) vou ler para o diretor do teatro, Carvalho, O Sexo frágil, uma comédia em prosa de Bouilhet, que retoquei um pouco.

As próximas duas cartas, uma escrita nos dias 18 e 19 de dezembro de 1875, e a outra em 6 de fevereiro de 1876 – e que não são a resposta direta uma da outra –, trazem uma discussão muito representativa a respeito do pensamento que caracteriza um e outro escritor, no que diz respeito à escrita literária. Lembramos que Sand escrevia para seus contemporâneos, Flaubert para todos os leitores que viessem a aparecer enquanto a língua francesa sobrevivesse. Assim continua o grande debate entre eles, sobre o que julgavam essencial tanto na arte quanto

na vida.

A escolha destas cartas vem para reforçar, primeiro nas palavras de Sand e logo depois nas de Flaubert, a literatura como atividade principal dos dois epistológrafos, bem como o envolvimento de cada um deles com suas próprias convicções.

CARTA 20:

Sand a Flaubert – Nohant, 18 e 19 de dezembro de 1875

O que nós faremos? Você, com certeza, vai continuar causando a desolação e eu a consolação. Não sei do que dependem nossos destinos. Você os vê passar, os critica e se abstém de os apreciar literariamente. Limita-se a pintá-los escondendo seus sentimentos pessoais cuidadosamente, sistematicamente. No entanto, eles ficam às claras através da sua narrativa e você deixa as pessoas que o leem mais tristes. Eu gostaria de torná-las menos infelizes. [...].

Eu sei que você censura a interferência da opinião pessoal na literatura. Será que você está certo? Não seria mais falta de convicção do que um princípio estético? Não se pode ter uma filosofia própria sem que ela venha à luz. [...] Quanto aos outros, acredito realmente que eles têm mais estudo e talento que eu. Porém acredito que falta a eles, e principalmente a você, uma visão mais convicta e mais ampla sobre a vida. A arte não é somente a pintura. A verdadeira pintura está, aliás, repleta da alma que empurra o pincel. A arte não é só a crítica e a sátira. Crítica e sátira só representam um lado da verdade. Quero ver o homem como ele é. Ele não é bom nem mau. É bom e mau. Mas é algo a mais, a nuance é o objetivo da arte, na minha opinião. Sendo bom e mau, tem uma força interior que o leva a ser mais mau do que bom, ou mais bom que mau.

CARTA 21:

Flaubert a Sand – Paris, 6 de fevereiro de 1876

Sinceramente tento ser o mais compreensivo possível. O que mais se pode exigir? Quanto a deixar ver minha opinião pessoal sobre as pessoas que eu coloco em cena: não, não, mil vezes não! Eu não me reconheço o direito. Se o leitor não absorve de um livro a moralidade que deveria haver nele é porque o leitor é um tolo ou o livro está errado do ponto de vista da exatidão. Porque quando uma coisa é Verdadeira, é boa.

A carta a seguir é a última selecionada para nosso estudo, bem como a última carta da

correspondência Flaubert-Sand. Jacobs (1981, pág. 533) afirma que foi no dia em que recebeu essa carta que George Sand, doente e sentindo muita dor, causada por uma obstrução intestinal, caiu de cama para não se levantar mais.

A carta fala de uma homenagem de Flaubert a Sand. Ele dedica a ela o seu conto *Un Coeur Simple*. Flaubert, então, explica que ela perceberia sua influência na forma como ele escreveu o conto, mas ela morreu antes que o trabalho estivesse publicado, ou ao menos pronto.

Esta carta é fundamental para este estudo, porque mostra a grandiosidade e a generosidade de Flaubert, ao homenagear Sand com um conto não só dedicado a ela, mas que foi escrito sob a influência dela.

CARTA 22:

Flaubert a Sand – Paris, 29 de maio de 1876

Tenho trabalhado muito nesses últimos tempos. Como eu gostaria de encontrá-la para ler minha pequena bobagem medieval! Comecei um outro conto intitulado Histoire d'un coeur simple. Mas interrompi esse trabalho para pesquisar sobre a época de São João Batista, porque quero escrever o “Festim de Herodíades”.

A senhora verá em minha Histoire d'un coeur simple, na qual reconhecerá sua influência imediata, que eu não sou tão cabeça-dura como a senhora pensa. Acredito que a tendência moral, ou melhor, o lado humano dessa pequena obra lhe será agradável!

Adeus, cara boa mestre. Saudações aos seus.

Um abraço bem carinhoso.

Do seu velho

Gve Flaubert.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi a partir da leitura desta correspondência que tentamos situar os dois amigos no contexto de suas vidas, relembrando suas vivências cotidianas através de conversas sobre os amigos que frequentavam, seus jantares, seus livros e eventos históricos, tudo isso que para eles era atualidade e para nós é história. Da longa correspondência dos dois amigos, trouxemos para este estudo apenas uma parte, restando ainda muitas cartas a serem estudadas.

George Sand e Gustave Flaubert, reconhecidos como grandes escritores franceses do século XIX, são também autores de longa correspondência com várias pessoas diferentes, como já comentamos, e essas correspondências, depois da morte deles, foram cedidas por seus descendentes, para que fossem publicadas em livros. Tendo em vista o caráter inédito da Correspondência Flaubert-Sand no Brasil, talvez possamos considerar o resultado desta pesquisa como parte de um processo de construção de reflexões sobre os dois autores, estimulando o interesse por um conhecimento maior tanto da obra quanto da correspondência deles.

Nesta dissertação, optamos por fazer um recorte da correspondência Flaubert-Sand que abrange vários temas diferentes, mostrando várias faces dessa relação epistolar. A seleção e a tradução também tiveram em vista, do ponto de vista da organização do conjunto formado pelos excertos, o horizonte de transformação do material traduzido em um material direcionado à cena dramática, dando a público alguns aspectos dos anos da amizade de Gustave Flaubert com George Sand.

Ainda que uma leitura dramática também possa ser considerada um espetáculo visual e auditivo, não é exatamente o mesmo que um peça teatral, pois não prevê iluminação, som, figurinos, maquiagem etc., mesmo que esses recursos possam ser inseridos no espetáculo, a critério do responsável pela apresentação. Nesta pesquisa, o objetivo foi trazer como resultado a própria leitura dramática e não uma peça teatral. “Gênero intermediário entre a leitura de um texto por um ou vários atores e a espacialização ou encenação deste texto, a leitura dramática usa alternadamente os dois métodos.²⁶⁵” (PAVIS, 2008, p. 228).

No que diz respeito ao público, destacamos que talvez o ponto mais difícil a cumprir, numa leitura dramática em relação a um espetáculo de teatro, parafraseando Gideon Alves Rosa (2006, p. 25), seja criar imagens instantaneamente na cabeça do espectador, como faz a peça teatral. Ainda que a leitura dramática foque mais na entonação da voz, os leitores/atores também

²⁶⁵ Tradução sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira.

podem usar o corpo se levantando, ou se sentando, caminhando, enfim, o movimento corporal pelo espaço cênico pode também ser utilizado, ainda que não seja obrigatório. Lembrando que, em cena, corpo e voz normalmente são recursos que trabalham juntos.

Nunca podemos ter certeza se um espetáculo vai ter sucesso ou fracasso junto ao público antes da estreia. Vimos o caso da montagem de *Le Candidat* de Flaubert que precisou ser cancelada porque não teve sucesso, mas ele era um autor cuidadoso com a escrita de seus romances, o que nos faz pensar que também tenha sido com sua produção dramatúrgica. Mesmo após a suspensão do espetáculo, Flaubert continuou afirmando que o “argumento da peça era bom” (FLAUBERT 1874 apud JACOBS 1981, p. 463), porém, até onde sabemos, a montagem não foi retomada. Seja como for, pensando principalmente na leitura dramática, destacamos que a falta de uma leitura cuidadosa pode ter como resultado uma encenação fraca, como afirma David Ball (1999, p. 65).

Para nós, esta correspondência conta a história de um encontro de duas almas que conseguiram uma mistura de carinho, admiração, surpresas e principalmente respeito. Duas pessoas que trocaram confidências, sem que nenhum dos correspondentes perdesse a própria essência nem se desfizesse de suas ideologias tão opostas, mas que na argumentação com o amigo souberam expor seus pensamentos, ensinamentos e também aprendizados.

Se para Flaubert a correspondência com Sand era importante por ela ter escrito livros que ele lia na adolescência, para Sand talvez a importância consistisse simplesmente no fato de não ser – pelo menos nas cartas – julgada nem por ele nem pela família dele por quebrar as normas sociais, e os costumes tradicionais. Ao contrário, a família de Flaubert a admirava, como evidenciam as cartas. E a família de Sand gostava muito dele também.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, (Coleção Pensadores). tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. Nova Cultural, 1991. p.174.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRIX, Michel. *Lectures de la correspondance Flaubert-Sand: Des vérités de raison et de sentiment*. Clermont-Ferrand/França. Blaise Pascal, 2013.
- CARDOZO, Mauricio M. “História da Tradução: a questão do objeto, o objeto em questão”. In: ABES, G.; CESCO, A.; BERGAMNN, J. (org.). *História da Tradução: potências de um diálogo*. Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2021, p.9-34.
- CARO, Elme-Marie. *Les Grands Écrivains Français: George Sand*. Librairie Hachette, Paris, 1887.
- CHARAUDEAU, Patrick. “Linguagem e discurso—modos de organização”. Tradução coletiva [coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado]. Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.), 2016.
- DIAZ, Brigitte. O gênero epistolar ou o pensamento nômade. Tradução de Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. Edusp, 2016.
- DICIONÁRIO Houaiss Eletrônico. Editora Objetiva Ltda. 2009.
- FERNANDES, Magali Oliveira, O Processo Criativo no Universo da Edição - George Sand no Brasil. Revista Tessituras & Criação. 2012, p. 68.
- FLAUBERT, Gustave. *Cartas Exemplares*. Tradução de Carlos Eduardo Lima Machado. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2005.
- FLAUBERT, Gustave. *Salammbô*. Chez Michel Lévy, 1862.
- FLAUBERT, Gustave; « Bouvard e Pécuchet ». Tradução de Marina Appenzeller. Editora Estação Liberdade. 2017.
- FLAUBERT, Gustave. *Três Contos*. Tradução de Julia da Rosa Simões. Coleção L&PM Pocket, vol 412, 2019.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. Disponível em: <https://casadohiphopdeportofeliz.files.wordpress.com/2015/10/foucault-michel-a-escrita-de-si.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- JACOBS, Alphonse. *Correspondance Gustave Flaubert-George Sand*, Flammarion, 1981.
- KALLEL, Monia. — In *Lectures de la correspondance Flaubert-Sand – Des vérités de raison et de sentiment*. Clermont-Ferrand/França. Blaise Pascal, 2013, p. 155.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. Editora Schwarcz, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu — *Palavras de um xamã yanomami*. Editora Cia das Letras, 2015. Tradução Beatriz Perrone-Moisés.

LECRERC, Yvan. *Lettres à Flaubert*. Éditions Thierry Marchaisse, 2017. Coletânea de cartas, de vários autores a G. Flaubert, organizada por Yvan Leclerc.

LECRERC, Yvan— In *Lectures de la correspondance Flaubert-Sand – Des vérités de raison et de sentiment*. Clermont-Ferrand/França. Blaise Pascal, 2013, p. 125.

LLOSA, Mario Vargas. “A Orgia Perpétua – Flaubert e Madame Bovary”. Rio de Janeiro, Objetiva, 2015.

MAUROIS, André. “LELIA ou a vida de George Sand”. São Paulo. Tradução de Olga Biar Laíno. Companhia Editora Nacional, 1956.

MONTAIGNE, Michel de. “Ensaaios” (Coleção Pensadores), editora Abril Cultural, 1972, p. 97. Tradução de Sérgio Milliet.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais Livre Premier*, Éditions Gallimard, (Folio), 1965.

MONTESQUIEU, (Charles-Louis de Secondat). *Lettres Persanes*. Booking International, Paris, 1993.

MUNDURUKU, Daniel. Contos Indígenas Brasileiros. Editora Global, São Paulo, 2005.

NAGINSKI, Isabelle Hoog. In — *Lectures de la correspondance Flaubert-Sand – Des vérités de raison et de sentiment*. Clermont-Ferrand/França. Blaise Pascal, 2013.

PAVIS, Patrice. Dicionário de Teatro. Editora Perspectiva, São Paulo, 2008.

PERROT, Michelle. *Des femmes rebelles: Olympe de Bourges, Flora Tristan, George Sand*. Éditions Elyzad, 2014.

PERROT, Michelle. *George Sand à Nohant – une maison d’artiste*. Éditions Seuil, 2018.

POYET, Thierry — *Lectures de la correspondance Flaubert-Sand – Des vérités de raison et de sentiment*. Clermont-Ferrand/França. Blaise Pascal, 2013.

REID, Martine. *George Sand*. Gallimard, 2013.

ROOTERING, Marie-Pierre. *Lectures de la correspondance Flaubert-Sand – Des vérités de raison et de sentiment*. Clermont-Ferrand/França. Blaise Pascal, 2013.

ROSA, Gideon Alves. “**Leitura dramática**: um recurso para revelação do texto”. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado em Artes cênicas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SAND, George. “História da Minha Vida”. Tradução Marcio Honorio de Godoy, organização Magali Oliveira Fernandes, UNESP, 2017.

SAND, George. “O último amor”. Tradução Alfredo Ferreira. Editora Vecchi, Rio de Janeiro, 1952.

SARTRE, Jean-Paul. *L'idiote de la famille*. Livros 1, 2, 3. Gallimard, 1988.

SÉCHÉ, Alphonse; BERTANT, Jules. George Sand. Tradução de Maria de Lourdes Cabral, O cruzeiro, 1945.

SELESKOVITCH, Danica; LEDERER, Marianne; *Interpréter Pour Traduire*. Didier Érudition, Paris, 1993.

SEILLIÈRE, Ernest. *GEORGE Sand Mystique de la Passion de la Politique et de l'Art*. Librairie Félix Alcan, Paris, 1920.

SEILLIÈRE, Ernest. *Le Romantisme des Réalistes – Gustave Flaubert*. Librairie Plon, Paris, 1914.

THIBAUDET, Albert. *Gustave Flaubert*. Gallimard, Paris, 1935.

TODOROV, Tzvetan. A literatura em Perigo. Tradução Caio Meira. Difel (Grupo Editorial Record), Rio de Janeiro, 2009.

TRICOTEL, Claude, *Comme Deux Troubadours: Histoire de l'Amitié Flaubert-Sand*. C.D.U et SEDES réunis, 1978.

VINCENT, Marie Louise. *La langue et le style rustiques de George Sand*. Librairie Ancienne Edouard Champion, Paris, 1916.

VINCENT, Marie Louise. *Le Berry dans l'œuvre de George Sand*. Librairie Ancienne Edouard Champion, Paris, 1919.

VINCENT, Marie Louise. *George Sand et l'amour*. Edouard Champion, Paris, 1917

WINOCK, Michel, *Flaubert* – Gallimard, 2013.

APÊNDICE A - EXCERTOS DAS CARTAS ORIGINAIS

ANTOLOGIA EM FRANCÊS

CARTA 1 : FLAUBERT — Croisset 24 août 1866

Chère maitre,

Voici ce qu'il faut faire: Dès que vous serez arrivée à Saint-Valery vous retiendrez votre place dans la guimbarde qui mène de Saint-Valery à Motteville. Autrement vous courez chance d'être retardée dans votre départ

En partant de Saint-Valery à 9 heures moins le quart vous arriverez à Rouen à 1 heure. Là vous me trouverez à la portière de votre wagon, et vous n'aurez plus à vous mêler de rien. Si vous ne partez pas de Saint-Valery le matin vous n'avez plus que le départ du soir à quatre heures.

Vous avez dû recevoir un petit mot, par le télégraphe, pour vous dire que votre chambre vous attend. Donc vous coucherez ici.

Soyez assez bonne pour m'envoyer de Saint-Valery une réponse m'annonçant l'heure exacte de votre arrivée.

Je vous baise les deux mains et suis votre.

CARTA 2 : SAND — Paris, 31 août 1866

Embrassez d'abord pour moi votre bonne mère et votre charmante nièce. Je suis vraiment touchée du bon accueil que j'ai reçu dans votre milieu de chanoine, où un animal errant de mon espèce est une anomalie qu'on pouvait trouver gênante. Au lieu de ça, on m'a reçue comme si j'étais de la famille et j'ai vu que ce grand savoir-vivre venait du coeur. Ne m'oubliez pas auprès des très aimables amies. J'ai été vraiment très heureuse chez vous.

Et puis, toi, tu es un brave et bon garçon, tout grand homme que tu es, et je t'aime de tout mon coeur. J'ai la tête pleine de Rouen, de monuments, de maisons bizarres. Tout cela vu avec vous me frappe doublement. Mais votre maison, votre jardin, votre citadelle, c'est comme un rêve, et il me semble que j'y suis encore.

CARTA 3 : FLAUBERT — Croisset, 29 septembre 1866

Vous êtes revenue à Paris, n'est-ce pas? Qu'y faites-vous? La pièce avance-t-elle? Pour votre ami il est maintenant étourdi par les marmots qui emplissent sa maison: un petit neveu et une petite nièce, lesquels crient comme des ânes et gambadent comme des singes. Je travaille avec tant de difficulté que j'ai besoin de beaucoup de silence et de recueillement.

Il est convenu, vous savez, que vous reviendrez ici vers la fin d'octobre. Nous serons seuls et nous aurons le temps de causer à fond et nous voir un peu.

CARTA 4 : FLAUBERT—Croisset, 13 novembre 1866

Je suis tout dévissé depuis votre départ. Il me semble que je ne vous ai pas vue depuis dix ans! Mon unique sujet [de] conversation avec ma mère est de parler de vous. Tout le monde ici vous chérit. Sous quelle constellation êtes-vous donc née pour réunir dans votre personne des qualités si diverses, si nombreuses, et si rares! Je ne sais pas quelle espèce de sentiment je vous porte, mais j'éprouve pour vous une tendresse particulière et que je n'ai ressentie pour personne, jusqu'à présent, Nous nous entendions bien, n'est-ce pas? c'était gentil.

CARTA 5 : SAND —Palaiseau, 22 novembre 1866

Me voilà foute seule dans ma maisonnette. Le jardinier et son ménage logent dans le pavillon du jardin, et nous sommes la dernière maison au bas du village, tout isolés dans la campagne, qui est une oasis ravissante. Des prés, des bois, des pommiers comme en Normandie: pas de grand fleuve avec ses cris de vapeur et sa chaîne infernale; un ruisseau qui passe muet sous les saules; un silence. Ah! mais il me semble qu'on est au fond de la forêt vierge: rien ne parle que le petit jet de la source qui empile sans relâche des diamants au clair de la lune. Les mouches endormies dans les coins de la chambre se réveillent à la chaleur de mon feu. Elles s'étaient mises là pour mourir, elles arrivent auprès de la lampe, elles sont prises d'une gaîté folle, elles bourdonnent, elles sautent, elles rient, elles ont même des velléités d'amour: mais c'est l'heure de mourir, et, paf! au milieu de la danse, elles tombent raides. C'est fini, adieu le bal!

Vous n'êtes pas forcé de m'écrire quand tu n'es pas en train. Pas de vraie amitié sans liberté absolue.

CARTA 6 : FLAUBERT — Croisset, 27 novembre 1866

Mon roman va très mal pour le quart d'heure.

Vous ne savez pas, vous, ce que c'est que de rester toute une journée la tête dans ses deux mains à pressurer sa malheureuse tête pour trouver un mot. L'idée coule chez vous largement, incessamment comme un fleuve. Chez moi c'est un mince filet d'eau, il me faut de grands travaux d'art avant d'obtenir une cascade. Ah! je les aurai connus, les Affres du style! Bref je passe ma vie à me ronger le coeur et la cervelle. Voilà le vrai fond de votre ami.

CARTA 7 : SAND — Palaiseau, 30 novembre 1866

Ayez donc moins de cruauté envers vous, mais allez de l'avant, et quand le souffle aura tout produit, vous remonterez le ton général et sacrifierez ce qui ne doit pas venir au premier plan. Est-ce que ça ne se peut pas? il me semble que si. Ce que vous faites paraît si facile, si abondant, c'est un trop-plein perpétuel. Je ne comprends rien à votre angoisse.

Bonsoir cher frère. Mes tendresses à tous les vôtres. Je suis revenue à ma solitude de Palaiseau. Je l'aime. Je m'en retourne à Paris lundi.

CARTA 8 : FLAUBERT — Croisset, 6 décembre 1866

Je ne suis pas du tout surpris que vous ne compreniez rien à mes angoisses littéraires! je n'y comprends rien moi-même. Mais elles existent pourtant et violentes. Je ne sais plus comment il faut s'y prendre pour écrire, et j'arrive à exprimer la centième partie de mes idées, après des tâtonnements infinis. Pas primesautier, votre ami. Non! pas du tout! Ainsi voilà deux jours entiers que je tourne et retourne un paragraphe sans en venir en bout. J'en ai envie de pleurer dans des moments! Je dois vous faire pitié? et à moi donc!

CARTA 9 : Sand — Paris, 7 décembre 1866

Ne rien mettre de son coeur dans ce qu'on écrit? Je ne comprends pas du tout, oh mais, du tout. Moi il me semble qu'on ne peut pas y mettre autre chose. Est-ce qu'on peut séparer son esprit de son coeur, est-ce que c'est quelque chose de différent? est-ce que la sensation même peut se limiter, est-ce que l'être peut se scinder? Enfin ne pas se donner tout entier dans son oeuvre, me paraît aussi impossible que de pleurer avec autre chose que ses yeux et de penser

avec autre chose que son cerveau. Qu'est-ce que vous avez voulu dire? vous répondrez quand vous aurez le temps.

CARTA 10 : FLAUBERT — Croisset. 13-16 décembre 1866

Le mien (de style) continue à me procurer des embêtements qui ne sont pas minces. J'espère, cependant, dans un mois, avoir passé l'endroit le plus vide? Mais actuellement je suis perdu dans un désert, Enfin, à la grâce de Dieu, tant pis!

Je me suis mal exprimé en vous disant « qu'il ne fallait pas écrire avec son coeur ». J'ai voulu dire: ne pas mettre sa personnalité en scène. Je crois que le grand art est scientifique et impersonnel. Il faut, par un effort d'esprit, se transporter dans les Personnages et non les attirer à soi. Voilà du moins la méthode, ce qui arrive à dire: tâchez d'avoir beaucoup de talent et même de génie si vous pouvez.

CARTA 11 : FLAUBERT — Croisset, 19 décembre 1867

Pour que j'aie fini mon livre dans le printemps de 1869, il faut que d'ici là je ne me donne pas huit jours de congé! Voilà pourquoi je ne vais point à Nohant. C'est toujours l'histoire des Amazones. Pour mieux tirer de l'arc, elles s'écrasaient Le téton. Est-ce un si bon moyen, après tout?

Adieu, chère maître. Ecrivez-moi, hein! Je vous embrasse tendrement.

CARTA 12 : Sand — Nohant, 21 décembre 1867

Je ne suis pas dans ton idée qu'il faille supprimer le sein pour tirer l'arc.

Je crois que l'artiste doit vivre dans sa nature le plus possible. A celui qui aime la lutte, la guerre, à celui qui aime les femmes, l'amour, au Vieux qui, comme moi, aime la nature, le voyage et les fleurs, les roches, les grands paysages, les enfants aussi, la famille, tout ce qui émeut, tout ce qui combat l'anémie morale. [...] Mais tout cela n'est peut-être pas applicable à un esprit de ta sorte qui a beaucoup acquis et qui n'a plus qu'à digérer. Je n'insisterais que sur un point, c'est que l'être physique est nécessaire à l'être moral et que je crains pour toi un jour où l'autre une détérioration de la santé qui te forcerait à suspendre ton travail et à le laisser refroidir.

CARTA 13 : FLAUBERT — Paris, 19 mars 1868

Quant à mes déplacements à moi, ce n'est pas l'envie de m'y livrer qui me manque. Mais je serais perdu si je bougeais d'ici à la fin de mon roman. Votre ami est un bonhomme en cire: tout s'imprime dessus, s'y incruste, y entre. Revenu de chez vous je ne songerais plus qu'à vous, et aux vôtres, à votre maison, à vos paysages, aux mines des gens que j'aurais rencontrés, etc. Il me faut de grands efforts pour me recueillir, À chaque moment je déborde. Voilà pourquoi. Chère bon maître adoré, je me prive d'aller m'asseoir et rever tout haut dans votre logis. Mais dans l'été (ou l'automne) de 1869 vous verrez quel joli voyageur de commerce je fais, une fois lâché au grand air. Je suis abject je vous en prévient.

CARTA 14 : SAND — Nohant, 15 octobre 1868

J'ai trouvé mes enfants toujours bien bons et bien tendres, mes deux fillettes jolies et douces toujours. Ce matin, je rêvais, et je me suis éveillée en disant cette sentence bizarre: "il y a toujours un jeune grand premier rôle dans le drame de la vie". Premier rôle dans la mienne: Aurore. Le fait est qu'il est impossible de ne pas idolâtrer cette petite. Elle est si réussie comme intelligence et comme bonté, qu'elle me fait l'effet d'un rêve.

Toi aussi, sans le savoir, l'est un rêve — comme ça.

CARTA 15: Flaubert a Sand – Croisset, 22 de julho de 1870

Que devenez-vous, chère maître, vous et les vôtres ? Moi, je suis écoeuré, navré par la bêtise de mes compatriotes. L'irréremédiable barbarie de l'Humanité m'emplit d'une tristesse noire. Cet enthousiasme, qui n'a pour mobile aucune idée, me donne envie de crever pour ne plus le voir.

Le bon Français veut se battre 1° parce qu'il est jaloux de la Prusse, 2° parce que l'état naturel de l'homme est la sauvagerie, 3° Parce que la guerre contient en soi un élément mystique, qui trans Porte les fous.

[...] L'effroyable boucherie qui se prépare n'a pas même un prétexte. C'est l'envie de se battre, pour se battre.

Je pleure les ponts coupés, les tunnels défoncés, tout ce travail humain perdu, enfin une négation si radicale.

CARTA 16: Sand a Flaubert – Nohant, 26 de julho de 1870

Je trouve cette guerre infâme, cette Marseillaise autorisée un sacrilège. Les hommes sont des brutes féroces et vaniteuses. [...]

Nous avons ici des 40 et 45 degrés de chaleur à l'ombre. On incendie les forêts: autre stupidité barbare. Les loups viennent se promener dans notre cour où nous les chassons la nuit, Maurice avec un revolver, moi avec une lanterne. Les arbres quittent leurs feuilles

et peut-être la vie. L'eau à boire va nous manquer. Les récoltes sont à peu près nulles, mais nous avons la guerre, quelle chance! [...]

Tu disais avec raison que pour travailler, il fallait une certaine allégresse. Où la trouver par ce temps maudit ? Heureusement nous n'avons personne de malade à la maison. [...].

CARTA 17 : FLAUBERT— Paris, 15 février 1872

Chère bon maître,

Pouvez-vous faire pour Le Temps un article sur Dernières Chansons? cela m'obligerait beaucoup, voilà!

J'ai été malade toute la semaine dernière. J'avais la gorge dans un état hideux. Mais j'ai beaucoup dormi, et je re-suis à flot. J'ai recommencé mes lectures pour Saint Antoine.

Il me semble que Dernières Chansons peut prêter à un bel article, à une oraison funèbre de la Poésie. Elle ne périra pas. Mais l'éclipse sera longue! et nous entrons dans ses ténèbres.

Voyez si le coeur vous en dit. Et répondez-moi par un petit mot.

CARTA 18 : SAND — Nohant, 17 février 1872

Mon troubadour, Je pense à ce que tu m'as demandé et je le ferai; mais cette semaine, il faut que je me repose. J'ai trop fait la folle au carnaval avec mes petites-filles et mes petits-neveux. Je t'embrasse pour moi et toute ma couvée.

CARTA 19 : FLAUBERT — Paris, 15 septembre 1872

Comme j'ai envie de vous y voir, un peu longuement! pour causer d'un tas de choses qu'on ne peut dire par lettres. Je voudrais d'abord vous lire Saint Antoine, puis, vous parler d'un autre bouquin, que je vais entreprendre et qui va me demander cinq ans, au moins!

Quand votre pièce de l'Odéon entre-t-elle en répétition? Quand venez-vous à Paris? Il me semble que vous pourriez bien me réserver deux ou trois jours, au milieu de vos affaires théâtrales?

Un de ces jours (puisque nous parlons de théâtre), je vais lire à Carvalho *Le Sexe faible*, une comédie en prose de Bouilhet, que j'ai un peu retouchée.

CARTA 20 : SAND — Nohant 18 et 19 décembre 1875

Que ferons-nous? Toi à coup sûr, tu vas faire de la désolation et moi de la consolation. Je ne sais à quoi tiennent nos destinées. Tu les regardes passer, tu les critiques, tu t'abtiens [sic] littérairement de les apprécier. Tu te bornes à les peindre en cachant ton sentiment personnel avec grand soin, par système. Pourtant on le voit bien à travers ton récit et tu rends plus tristes les gens qui te lisent. Moi je voudrais les rendre moins malheureux.

Je sais que tu blâmes l'intervention de la doctrine personnelle dans la littérature. As-tu raison? N'est-ce pas plutôt manque de conviction que principe d'esthétique? On ne peut pas avoir une philosophie dans l'âme sans qu'elle se fasse jour. Je n'ai pas de conseils littéraires à te donner, je n'ai pas de jugement à formuler sur les écrivains tes amis dont tu me parles. J'ai dit moi-même aux Goncourt toute ma pensée. Quant aux autres, je crois fermement qu'ils ont plus d'étude et de talent que moi. Seulement je crois qu'il leur manque et à toi surtout, une vue bien arrêtée et bien étendue sur la vie. L'art n'est pas seulement de la peinture. La vraie peinture est, d'ailleurs, pleine de l'âme qui pousse la brosse. L'art n'est pas seulement de la critique et de la satire. Critique et satire ne peignent qu'une face du vrai. Je veux voir l'homme tel qu'il est. Il n'est pas bon ou mauvais. Il est bon et mauvais. Mais il est quelque chose encore, la nuance, la nuance qui est pour moi le but de l'art. Etant bon et mauvais, il a une force intérieure qui le conduit à être très mauvais et peu bon, ou très bon et peu mauvais.

CARTA 21 : FLAUBERT — Paris, 29 mai 1876

Je tâche naïvement d'être le plus compréhensif possible. Que peut-on exiger de plus? Quant à laisser voir mon opinion personnelle sur les gens que je mets en scène, non, non! mille fois non! Je ne m'en reconnais pas le droit. Si le lecteur ne tire pas d'un livre la moralité qui doit s'y trouver, c'est que le lecteur est un imbécile, ou que le livre est faux au point de vue de l'exactitude. Car du moment qu'une chose est Vraie elle est bonne.

CARTA 22 : FLAUBERT — Paris, 29 mai 1876

J'ai beaucoup travaillé dans ces derniers temps. Comme je voudrais vous voir pour vous lire ma petite bêtise moyenâgeuse! J'ai commencé un autre conte intitulé Histoire d'un coeur simple. Mais j'ai interrompu ce travail pour faire des recherches sur l'époque de Saint Jean-Baptiste, car je veux écrire le festin d'Hérodiade.

Vous-verrez par mon Histoire d'un coeur simple où vous reconnaîtrez votre influence immédiate que je ne suis pas si entêté que vous le croyez. Je crois que la tendance morale, ou plutôt le dessous humain de cette petite œuvre vous sera agréable!

Adieu, chère bon maître.

Amitiés aux vôtres.

Je vous embrasse bien tendrement.

Votre vieux

Gve Flaubert. |